



Brigada de Intervenção

Revista da Brigada de Intervenção, junho 2015, Ano IX, Nº 14



FORÇA BLINDADA DE RODAS

10.000.000

sinais de confiança todos os dias



Pela 14.^a vez consecutiva a Delta foi eleita a marca de confiança.

E esta é uma escolha de todos os dias. Quase metade dos cafés que os portugueses bebem são Delta. Em casa ou na rua, procuram a marca que lhes dá o sabor a que estão habituados: o café feito ao nosso gosto. E esta é a verdadeira razão para este nosso Obrigado.



O CAFÉ DA SUA VIDA 



Ficha Técnica

Director:

MGen
Carlos Henrique de Aguiar Santos

Coordenação & Projecto

TCor Cav Paulo Marques
Maj Tm Gustavo Gapo

Edição, Grafismo e Imagem

SAj SGE Rui Marceneiro

Capa & CCapa:

SAj SGE Rui Marceneiro

Propriedade:

Brigada de Intervenção

Publicação:

Semestral

Distribuição:

Gratuita

Impressão:

250 exemplares

Reprodução:

Simões & Linhares

simoes.linhares@gmail.com

| | |
|---------------------------|----|
| Editorial | 02 |
| Agradecimentos ao Comando | 03 |

FND/APRONTAMENTO DE FORÇAS

| | |
|--|----|
| As Oportunidades de um Comandante de PelAtMec(R)/NRF2016 | 04 |
| A integração dos militares recém chegados na 2CatMec(R), desafios e dificuldades | 05 |
| Aprontamento do Destacamento de Apoio (NSE) | 06 |
| Reconnaissance Company – Um aprontamento de sucesso | 11 |
| Aprontamento do Grupo de Autometralhadoras para o Kosovo | 13 |
| Início do Aprontamento do 2BIMEC(R)/NRF2016 | 15 |
| Missão na EUTM Somália como Eng Head | 16 |

EXERCÍCIOS

| | |
|---|----|
| Conceção e Planeamento do Exercício “MARTE/SATURNO15” NRF2016 | 19 |
| Aprontamento da 4ªUnCRC e Exercício “ESCUDO 142” | 24 |
| “RELÂMPAGO 15” | 25 |
| “NEPTUNO 151” do RAAA1 | 25 |
| “MARTE 15”- 2BIMEC(R)/NRF2016 | 26 |
| “MERCÚRIO 15” – RECCE COY/PRT ARMY 2015 | 27 |
| “PRISTINA 151” do GAM KFOR | 27 |

TEMAS DIVERSOS

| | |
|---|----|
| Os efetivos na Brigada de Intervenção | 28 |
| A Ameaça TESS+C num Teatro de Operações | 29 |
| A Gestão de Risco – Desafio para a BrigInt | 32 |
| Comando-Missão - da Função de Combate à Filosofia de Comando | 34 |
| Material e Equipamentos do 2BMIEC (R)/NRF2016 e NSE | 36 |
| Gestão de Munições, Explosivos e Artíficos de Fogo | 38 |
| Informação Logística - A sua Importância | 39 |
| CMan - Servir bem para bem cumprir | 40 |
| Sistema RWS da VBR PANDUR II 8x8 (Versão Portuguesa - PRT) | 42 |
| Comunicações Militares Táticas: Considerações de Planeamento | 43 |
| Formação em VBR PANDUR II 8x8 ICV/IFV no 1º Semestre/2015 | 45 |
| A Primeira Grande Guerra – que jornalismo de guerra se produziu em Portugal? | 46 |
| Evocação do Centenário da Grande Guerra Contributo do RI19 na região do Alto Tâmega | 48 |
| Tiro Desportivo com Armas Históricas de Carregamento pela Boca com Pólvora Preta | 50 |
| RA5 - Os Desafios da Integração na Brigada de Intervenção | 52 |
| Os Desafios do Comando de uma Un de escalão Comp- Uma perspetiva e um testemunho | 56 |
| RE3 - Exercícios e outras atividades Operacionais | 60 |

CAMPEONATOS DESPORTIVOS MILITARES

| | |
|----------------------------------|----|
| Tiro Fase II - Brigada- | 61 |
| Orientação Fase II no RAAA1 | 61 |
| Orientação - Fase III - Exército | 62 |
| Fase III - Exército | 63 |

CERIMÓNIAS E EVENTOS

| | |
|------------------|----|
| Apoios Prestados | 75 |
|------------------|----|



2015 é um ano particularmente exigente para a Brigada de Intervenção. Os empenhamentos operacionais, o aprontamento de forças e muitos outros desafios são o dia-a-dia de todos os militares e civis que, abnegadamente, servem o Exército nesta grande unidade operacional.

Após a sua projeção para a Lituânia, a Recce Coy/AM 2015 cumpre com elevado profissionalismo e grande personalidade todas as atividades planeadas e explora as oportunidades de treino combinado. O GAM/KFOR cumpre a sua missão de reserva tática no TO do Kosovo, evidenciando a elevada prontidão que é a sua matriz.

Estes dois relevantes empenhamentos operacionais e a forma como temos vindo a cumprir as missões são a cabal demonstração de que o esforço colocado no treino operacional da Brigada e no aprontamento de forças é o adequado e a melhor forma de, permanentemente, evidenciarmos capacidade operacional associada a altos níveis de desempenho e proficiência.

Por outro lado e cumulativamente, desde janeiro, o aprontamento do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas, para a NRF 2016 e do respetivo Destacamento de Apoio (NSE), tem apresentado à Brigada e ao Exército outros reptos, em especial nas áreas do pessoal e dos materiais, que temos vindo a ultrapassar. O treino destas forças teve nos exercícios MARTE/SATURNO um momento de intensa atividade operacional, exigindo um planeamento e uma capacidade para a condução de exercícios táticos de grande dimensão que muito me apraz dar nota. Podemos afirmar com convicção que estas forças estão prontas e temos fundadas expectativas que tenham sido avaliadas positivamente no exercício ORION 15, possibilitando a certificação nacional do batalhão.

Mas o ano de 2015 traz-nos outros desafios, designadamente as tarefas decorrentes das missões de apoio ao desenvolvimento e bem-estar, com particular ênfase nos empenhamentos no âmbito do Plano LIRA, mas também com os exigentes trabalhos do Plano de Atividade Operacional Civil e os do Plano FAUNOS.

Continuamos igualmente no presente ano a levar a efeito atividades de formação, encontrando-se a decorrer o Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército e diversas ações de formação certificada, em parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional, bem como vários cursos de qualificação na área da operação das VBR 8x8 PANDUR.

O ano de 2015 será ainda marcado pelo início do levantamento do Grupo de Reconhecimento e pela integração do Regimento de Transmissões na estrutura orgânica da Brigada de Intervenção, com o inerente acréscimo de responsabilidade e também expectáveis ganhos de operacionalidade.

Auguro assim a continuação de um ano de forte crescimento da Brigada de Intervenção e, porque tenho plena confiança no futuro e em todos os que servem na Brigada, acredito que temos todas as condições para o sucesso da nossa missão, para que continuemos a ser uma força credível e de elevada prontidão ao serviço de Portugal e dos portugueses.

Bem hajam!

Carlos Henrique de Aguiar Santos
Major-general
Comandante da Brigada de Intervenção



AGRADECIMENTOS AO COMANDO



CÂMARA MUNICIPAL DE MANGUALDE

Caro Sr. Major-general Aguiar Santos,

Em meu nome pessoal e em nome do Município de Mangualde venho por este meio e de uma forma sentida expressar o meu agradecimento a toda a equipa da Brigada de Intervenção do Exército Português que esteve envolvida no exercício de treino denominado “MARTE15/SATURNO15”, que decorreu, também, no Concelho de Mangualde, e manifestar o meu apreço pelo profissionalismo, determinação e empenho demonstrado por todos os intervenientes.

Confiante por poder continuar a contar com o V/ inestimável apoio e cooperação, despeço-me, renovando os meus agradecimentos.

Com elevada estima e consideração pessoal, apresento os meus melhores cumprimentos,

O Presidente da Câmara de Mangualde

João Nuno Ferreira Gonçalves de Azevedo



ESTADO MAIOR DO COMANDO DO PESSOAL

Encarrega-me o Exmo. Tenente-general AGE, de agradecer a disponibilidade e colaboração prestadas pela Fanfarrinha da Brigada de Intervenção, por ocasião da Celebração Pascal do Comando do Pessoal e Cerimónia do 97.º Aniversário da Batalha de La Lys e do Dia do Combatente, em 10 e 14 de abril de 2015, respetivamente, que em muito contribuíram para que os eventos decorressem conforme planeado e com grande dignidade.

O Chefe do Estado-Maior

Francisco José Carneiro Bento Soares

Cor Tir Tm



UNIVERSIDADE DO MINHO

“Estimado Coronel Rui Ferreira,

Venho, em meu nome pessoal e também em nome da Escola de Direito da Universidade do Minho e do Observatório Lusófono dos Direitos Humanos, expressar o meu profundo agradecimento pela forma excelente com que decorreram as sessões de hoje dos Seminários “Preparação de Jornalistas para Conflitos Armados”. Durante toda a manhã tive oportunidade de assistir às explicações e ensinamentos – todos de grande interesse e transmitidos de forma muito clara –; durante a tarde, infelizmente não pude acompanhar os auditores, mas já recebi feedback muito entusiasta em relação às situações experimentadas. Agradeço, por isso, todo o cuidado colocado na preparação destas sessões e peço-lhe o favor de os transmitir a todos os que coordenaram as atividades.

Com surpresa, verifiquei que nos ofereceram o almoço, o que foi além do combinado, agradeço a generosidade, mas estava preparada para pagar, como acordado.

Por fim um agradecimento mais pela sua disponibilidade em conferir uma mais valia ao III Curso Conflitos Armados, pela aceitação de, uma vez, mais, nele colaborar.

Receba as minhas cordiais saudações, com amizade”

Maria de Assunção do Vale Pereira

Professora Auxiliar da Escola de Direito da Universidade do Minho



TEN INF
PEDRO MARQUES

Num período marcado por restrições orçamentais, limitações ao nível de material e de efetivos pessoais, a possibilidade para um oficial subalterno poder aplicar na totalidade todas as ferramentas colhidas na sua formação é atualmente muito reduzida.

Com a reconfiguração da NATO Response Force, marcado pelo fim do Teatro de Operações do Afeganistão, onde Portugal aceita o desafio de fornecer um Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas, torna-se possível contrariar essa escassez de circunstância, de maneira a cumprir o sonho de qualquer oficial recém-formado nos verdes prados da Infantaria.



Segundo as várias situações que os subalternos de Infantaria enfrentam atualmente, desde comandantes de Pelotão de Atiradores, por vezes deveras desfalcado, funções na área dos serviços – Comandante de Pelotão de Reabastecimentos e Transportes ou Comandante de Pelotão de Serviços Gerais, ou em outros cargos da Unidade – Oficial de Justiça ou Oficial Financeiro, um pouco aquém da sua formação base, situações e cargos que, em alguns casos, podem ser desmotivadoras para quem enfrentou toda a intensidade e dureza do curso e agora se vê “estagnado” numa secretária.

A essência de uma força com viaturas modernas e tecnologicamente desenvolvidas, um Pelotão Mecanizado de Rodas preenchido na sua totalidade, com Sargentos que desempenham a sua função com todo o profissionalismo e dedicação, torna possível criar o pelotão à nossa imagem, de acordo com os nossos objetivos e metas.

Com a utilização do Sargento de Pelotão e Comandantes de Secção de Atiradores Mecanizada experientes e com grande sentido de missão, é possível preencher os requisitos necessários para emprego operacional do pelotão, quando treinamos a execução de várias tarefas e também, para nivelar e melhorar os níveis de desempenho operacional de novos membros provenientes de recrutas.



Com a oportunidade dada pelo fator Humano, torna-se possível dar o papel ao Cabo, tendo a possibilidade de liderar a sua esquadra de Atiradores, estando dia e noite com os seus homens, representa o primeiro graduado na cadeia de comando, que enquadra e dá o exemplo. Desta forma, garantimos que os nossos subordinados tenham e ganhem as responsabilidades, graças às inúmeras tarefas diárias e de treino operacional, conseguimos aumentar os níveis de rendimento e motivacionais individuais e do Pelotão como um todo.



Com a participação no 2BIMec(R)/NRF2016, temos a possibilidade de nos realizarmos profissionalmente como líderes de militares bem preparados e muito dedicados, constituindo um aliciente e, simultaneamente, um desafio, tanto ao nível profissional como ao nível pessoal, que nos vai amadurecer como Comandantes, capazes de liderar homens e aumentar o nosso conhecimento técnico-profissional ao nível tático.

Por fim, o aprontamento da nossa força traz um conjunto de circunstâncias propícias para contribuir para projetar a imagem do Exército e da Forças Armadas, através dos vários exercícios e treinos fora da Unidade conduzidos junto da população, dando a possibilidade de dar também a conhecer ao Povo Português as nossas capacidades, os nossos meios e as missões e tarefas para as quais treinamos e as possíveis realidades que poderemos vir a enfrentar.



A INTEGRAÇÃO DOS MILITARES RECÉM CHEGADOS NA 2CATMEC(R), DESAFIOS E DIFICULDADES.



SOLDADOS DO
2BIMec(R)

Nos dias 9 e 10 de Fevereiro de 2015, era o nosso primeiro dia após a formação geral comum de praças. Fomos colocados no RI14, mais propriamente na 2CAAtMec(R).

Chegámos ávidos de conhecimento. Assim que “aterrámos” na 2CAAtMec(R), passámos por uma fase de nivelamento, a fim de adquirirmos os conhecimentos necessários com vista a integrar os pelotões.

Esta fase durou cerca de 1 mês, onde aprendemos novos conhecimentos no âmbito do armamento, algumas características da VBR Pandur ICV, algumas TTP da SecAtMec, como devíamos preparar a mochila e o colete tático, entre outras coisas.

Este nivelamento foi um grande choque, pois quando chegamos da recruta temos a impressão que já possuímos muitas das ferramentas necessárias para desenvolvermos a nossa função, mas o nivelamento veio provar exatamente o contrário.



Um dos grandes desafios é o tempo, pois parece demasiado curto para aprender tanta coisa e o descanso é muitas vezes escasso. Para vencermos as adversidades tivemos que elevar a nossa camaradagem a um nível superior, reforçando os nossos laços de interajuda.

O grupo ficou mais apto para aprender e vencer os desafios propostos.



A equipa de instrução além de nos ensinar foi-nos imbuindo no rigor necessário para pertencer a uma companhia de atiradores do 2BIMec(R)/NRF2016, assim como os cabos mais antigos que desempenharam um papel importante na nossa integração. A integração por vezes não é um processo fácil, mas hoje olhamos para trás e vemos que foi proveitoso para nós.



À medida que o tempo avançava ganhávamos mais confiança e sentíamos cada vez mais orgulho na “HONRA E A CORAGEM” da 2CAAtMec(R).

Após este mês atribulado, chegou o dia em que fomos integrados nos pelotões e logo num exercício de companhia, mais uma prova de fogo que queríamos superar com distinção. Estávamos ansiosos e com receio, pois o grupo ia separar-se, mas ao mesmo tempo tínhamos confiança para enfrentar o desafio.

Quando terminou o exercício recebemos a “bolacha” da 2CAAtMec(R), que foi um grande motivo de orgulho, pois era o culminar daquelas semanas árduas, foi como um prémio para nós.

No cômputo geral fomos bem acolhidos nos pelotões e consequentemente nas secções. Os nossos cabos receberam-nos bem e integraram-nos na secção por forma a sentirmo-nos confortáveis. Os Cmdts de Secção são como os nossos novos professores, temos que nos adaptar a maneira de trabalhar da secção e continuar a aprender e o rigor continua, algo que está inerente à nossa função.

Agora integramos os exercícios todos e é muito mais motivante trabalhar como secção/pelotão. Continuamos a consolidar os ensinamentos do nivelamento que foram úteis para desenvolver o nosso trabalho e facilitar a integração. No entanto temos consciência que ainda temos muitos ensinamentos pela frente para nos formarmos como bons soldados do 2BIMec(R)/NRF2016

O futuro reserva muita incerteza, pois paira no ar que podemos ser projetados para fora do nosso país. É com enorme orgulho que fazemos parte de uma NRF, pois é uma experiência única que nos dará bases para sermos melhores militares do que ontem.



APRONTAMENTO DO DESTACAMENTO DE APOIO (NSE)



MAJ INF
ANDRÉ BARROS

No seio da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO) e na sequência do compromisso assumido por Portugal em disponibilizar, em 2016, o 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado – Rodas para a *NATO Response Force* (2BIMec(R) /NRF2016), tornou-se necessário preparar uma força que garanta o seu apoio quando projetado.

Desconhecendo as condições e local de emprego, a organização deste NSE respeita a Diretiva nº 15/CFT/2014, assumindo-se, para aprontamento, que:

(a) As atividades de *Reception, Staging and Onward Movement* (RSOM), no Teatro de Operações (TO), serão asseguradas pelas autoridades/forças NATO ou nações contribuintes com tropas (*Troop Contribution Nations* (TCN) e sujeitas ao estabelecimento de um memorando de entendimento;



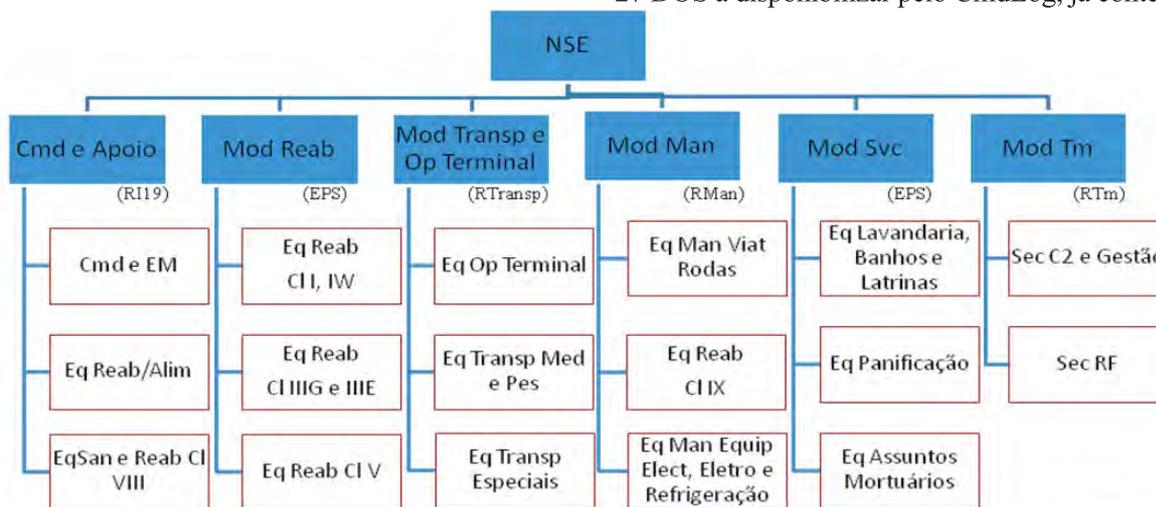
Dos acordos gerais de emprego de forças, as nações são as responsáveis últimas pelo apoio às suas forças, constituindo, para o efeito, um Elemento de Apoio Nacional, também designado por *National Support Element* (NSE).

No caso particular da NRF2016 a Brigada de Intervenção constitui-se como Unidade Organizadora (UnOrg) do NSE para apoio do 2BIMec(R)/ NRF2016 sendo o Regimento de Infantaria nº 19 (RI19), em Chaves, a Unidade Aprontadora (UnApront) do mesmo.

(b) O apoio sanitário de nível 2 e 3, no TO, será assegurado pelas autoridades NATO/TCN (o nível 1 por cada uma das forças constituídas);

(c) A proteção da força é assegurada, no TO, pelas autoridades/forças da NATO ou, eventualmente, por forças nacionais no TO;

(d) Capacidade de sustentação de 30 DOS - Níveis de abastecimentos: Dotação orgânica (3 DOS) a integrar na PU; 27 DOS a disponibilizar pelo CmdLog, já contentorizados;



NSE QO (Teatro) NRF2016 de 12 de Jan 15 do CFT

Figura 1 - Organograma do NSE para apoio do 2BIMec(R)/NRF2016



| ESTRUTURA OPERACIONAL DE PESSOAL | Oficiais | Sargentos | Pracas |
|--|-----------|-----------|-----------|
| Comando e Apoio | 6 | 5 | 10 |
| Módulo de Reabastecimento | 0 | 3 | 13 |
| Módulo de Transporte e Operações de Terminal (carga) | 0 | 3 | 9 |
| Módulo de Manutenção (mais Reab CIX) | 0 | 5 | 6 |
| Módulo de Serviços | 0 | 3 | 20 |
| Módulo de Transmissões | 0 | 4 | 6 |
| TOTAL por categoria | 6 | 23 | 64 |
| TOTAL NSE | 93 | | |

Figura 2 - Quadro resumo do efetivo por categoria

(e) Seguir uma organização modular, a projetar conforme as necessidades da Força (PU) a apoiar, a caracterização da Missão e os meios disponíveis no TO;

Neste contexto, o NSE para apoio do 2BIMec(R)/NRF2016 tem como missão atribuída “Garantir o apoio de serviços ao 2BIMec(R)/NRF2016, numa eventual projeção para fora do TN” e a organização modular que se apresenta na figura 1.

Esta organização é a aprovada para o aprontamento da força, devendo ser revisitada quando conhecida a situação do eventual emprego do 2BIMec(R)/NRF2016 fora do Território Nacional. No total prevê os efetivos apresentados na figura 2.

Relativamente à Ordem de Batalha estão nomeados os 93 militares.

Não obstante o RI19 constituir-se como UnApront do NSE, as Unidades Mobilizadoras (UnMob) dos módulos são seis: RI19 (do Comando e Apoio); Escola Prática dos Serviços (do Módulo de Reabastecimento e do Módulo de Serviços); Regimento de Transportes (do Módulo de Transportes e Operações de Terminal); Regimento de Transmissões (do Módulo de Transmissões); e Regimento de Manutenção (do Módulo de Manutenção), sendo que a Equipa de Manutenção de Equipamento Elétrico, Eletrónico e de Refrigeração pertence ao Centro Militar de Eletrónica.

Não obstante o RI19 se constituir como UnMob do Comando e Apoio, o 2º Comandante/Oficial de Operações e Informações, o Oficial de Recursos e o Sargento de Recursos, foram indigitados pela Escola Prática dos Serviços, por sua proposta e depois de superiormente autorizado.



Programa Geral de Treino Operacional

A decisão de manter os módulos em cada uma das UnMob, foi desde o início o maior desafio ao aprontamento deste NSE.

No mesmo sentido, o calendário de treino operacional para 2015 aprovado superiormente, concentrou nos primeiros meses do ano, o período para planeamento e preparação de cada um dos módulos. Neste contexto, desenvolveu-se um calendário que, atendendo ao reduzido tempo para aprontamento do NSE, maximizasse oportunidades de concentração, enquanto força constituída.

Segunda metade do mês de janeiro

Indigitação do Comandante e preenchimento da Ordem de Batalha do NSE;

09 a 11Fev15

Primeira concentração na UnApront (RI19) do Comando do NSE e Comandantes de Módulos para coordenar todos os aspectos administrativos, efectuar o levantamento de necessidades de formação e proceder à elaboração de documentos com vista a garantir o treino de capacidades do NSE bem como proceder à elaboração de Planos e Ordens, orientados para a possível certificação em maio de 2015;

23 a 27Fev15

Participação no *Battle Staff Training* do exercício MARTE/SATURNO15 no Regimento de Infantaria nº 14 (UnApront do 2BIMec(R)/NRF2016);



09 a 12Mar15

Visita do Comandante do NSE às UnMob dos Módulos com o propósito de levar a efeito uma primeira avaliação da particular situação de cada módulo (e de também se dar a conhecer);

24 a 25Mar15

Primeira concentração do NSE (pessoal e meios) no RI19, destinada a acionar os processos necessários à sua movimentação a partir das UnMob e treinar procedimentos relacionados com a ativação do plano de carregamento;



13 a 22Abr15

Participação no exercício MARTE/ SATURNO15 da BrigInt, na região de Viseu, numa postura de apoio semelhante ao encontrado se o 2BIMec(R)/NRF2016 for projetado (primeiro exercício enquanto NSE);

23Mai15 a 05Jun15

Realização do exercício ORION 15 em Santa Margarida/Tancos. Com este exercício pretendeu-se que o 2BIMec(R)/NRF2016 obtivesse a certificação nacional (segundo exercício do NSE);

22Out15 a 06Nov15

Participação no exercício “Trident Juncture 15”;

23 a 27 Nov15

Todo o efetivos do NSE no RI19 para a realização do exercício “FRONTEIROS”, reservado para ultimar a preparação de cada militar.

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



Este calendário tem sido possível levar a efeito fruto da total compreensão e disponibilidade manifestada pelos diferentes níveis de comando envolvidos e do empenho de cada militar que constitui o NSE, sendo de realçar a contagiante motivação demonstrada, principalmente, pelos Comandantes de Módulo.

Também importa realçar que ao nível de cada Módulo algumas equipas já trabalhavam em conjunto, enquanto pertencentes às Forças de Apoio Geral do Exército.

Atendendo ao calendário estabelecido, as necessidades de formação identificadas do início de fevereiro, constituem um outro desafio, pois precisa de ser coordenado um momento em que o militar com necessidade de formação, obtenha a qualificação ao longo do ano e 2015, maximizando as oportunidades do Plano de Formação Anual, sendo esta uma responsabilidade das UnMob.



Participação no Exercício Marte/Saturno 15

No término de um primeiro quadrimestre de aprontamento, constitui prioridade do NSE a manutenção da sua prontidão operacional através de acções de treino focalizadas na sua missão.



Falamos do aperfeiçoamento e sistematização das tarefas específicas aos mais baixos escalões, que lhe permitam garantir a adequada capacidade de sustentação logística às forças nacionais, 2BIMec(Rodas) que integrem a NRF, através do Sistema Logístico Nacional e/ou complementado com acordos bilaterais/multinacionais *Memorandum of Understanding (MOU)* e *Technical Agreement (TA)* que possam vir a estabelecer-se.

No seguimento do calendário de treino operacional (já referido), o exercício decorreu na Região de Mangualde para Treino e Prontidão da Força, tendo sido implementada a sua base de apoio no espaço gentilmente cedido pelos Bombeiros Voluntários.

Operando a partir desta região, designada de *Forward Operating Base 5 (FOB 5)* todo o apoio ao 2BIMec(R)/NRF2016, o qual distava desta posição cerca de 60Km (na região de Santa Comba Dão), foram levadas a cabo diferentes tarefas, técnicas e procedimentos exigidos para o cumprimento das missões passíveis de ser cometidas ao NSE, de carácter eminentemente prático, no sentido de criar automatismos e incrementar a coesão e o espírito de corpo.

Módulo de Reabastecimento





O Módulo Reabastecimento participou no Exercício MARTE/SATURNO15, apoiando o 2BIMec(R)/NRF, no âmbito da respetiva preparação e treino para a NRF 2016, focalizou a sua atividade no reabastecimento das Classes I, IW e Classe III.

No âmbito da Classe I e IW, em coordenação com o RI14, rececionou, separou, loteou e carregou os géneros para a sua posterior distribuição na FOB 2, em Santa Comba Dão.

Foram efetuados dois Reabastecimentos Classe I e IW nas datas 15Abr15 e 17Abr15.

Na classe III, montou e operou um Local de Reabastecimento de Combustíveis, na FOB 2, com o Semiatrelado de Combustível M969, para os M49 do 2BIMec(R)/NRF2016.

Módulo de Transmissões

Durante o exercício a missão do Módulo de Transmissões foi apoiar no âmbito das Comunicações e Sistemas de Informação (CSI) o comando do NSE, tendo a capacidade de se ligar com o TN quando projetado, através do *Rear Link*. Foram instaladas as redes *Unclassified* e *Classified*, BLACK e RED, respetivamente, de modo a disponibilizar os diversos serviços, tais como telefonia IP, portais colaborativos, mensagens instantâneas, correio eletrónico e vídeoconferência.



O Sistema de Informação para o Comando e Controlo do Exército (SICCE) também foi estabelecido, disponibilizando a *Common Operational Picture (COP)* do Exercício.

Módulo de Manutenção

No que concerne ao Módulo de Manutenção a sua constituição foi conseguida recorrendo a militares e meios de diversas Unidades do CmdLog nomeadamente, o RMan, CME e DGME.



O Módulo de Manutenção encontra-se dividido em três equipas, Equipa de Manutenção de Viaturas de Rodas, Equipa de Reabastecimento CI IX e Equipa de Manutenção Equipamento Elétrico, Eletrónico e Refrigeração.

Este exercício foi de extrema importância para o Módulo de Manutenção uma vez que pela primeira vez se reuniram as condições para que todos os Militares constituintes do módulo trabalhem em equipa, podendo aproveitar as sinergias daí resultantes.

Módulo de Transportes

O Módulo de Transportes e Operações Terminal de Carga (ModTransp), quer pelos meios materiais, quer pelo *know-how* dos meios humanos, veio a contribuir para o *National Support Element (NSE)* de forma a agilizar operações que poderiam ter demorado mais ou nem ter sido concretizadas.





O apoio prestado pelo ModTransp no Exercício Marte/ Saturno 15 arrancou uns dias antes de se ter iniciado o exercício propriamente dito, pois um contentor AC 20' afeto à força de apoio foi transportado por um camião trator em respetivo semirreboque. Quanto aos condutores do ModTransp, reforçaram o Módulo de Manutenção, conduzindo as viaturas desde o Entroncamento até à FOB 5.

Durante o exercício, o empenhamento constante no transporte para o reabastecimento de Artigos de Classe I, de material que foi necessário levantar no RMan, peças necessárias à reparação de viaturas da componente operacional, foi uma tarefa necessária para o cumprimento da missão.

Referente às operações mais delicadas, destacou-se a evacuação de transporte da VBR Pandur com peso aproximado de 20 toneladas, este tipo de movimento representa um verdadeiro desafio não só devido ao peso, mas também devido às dimensões e dificuldade de passagem por certos itinerários.

A VBR Pandur só conseguiu ser carregada no semirreboque com o apoio do ModMan, que foi incansável na resolução dos problemas que foram surgindo, permitindo o funcionamento das viaturas e equipamentos na sua máxima potencialidade possível. Foi unicamente com a criação de sinergias entre os vários módulos que se conseguiu por em prática a sapiência individual e transformá-la numa sabedoria coletiva, valiosa para todo o NSE e para a sua razão de ser: apoiar o encargo operacional.

Módulo de Serviços

Como primeiro empenhamento do Módulo, destaca-se a ação da projeção de duas latrinas e um autotanque para apoio do 2BIMec(R)/NRF2016 numa primeira fase na região de Mangualde, vindo a dar continuidade durante todo o exercício pela Equipa de Lavandaria, Banhos e Latrinas.

A Equipa de Panificação também representou um papel de relevo neste exercício pois foi com o empenho e dedicação da mesma que todos os dias foram abonados à Força, pela madrugada, um quantitativo de 900 pães.

Os pães eram diariamente produzidos pelos militares especializados na área que, por sua vez, contavam com as capacidades proporcionadas pelo atrelado de campanha Padaria PCM 300. Para esta Equipa foi uma oportunidade onde a sua guarnição operou e aperfeiçoou as técnicas, melhorando dia após dia, contribuindo para a moral e bem estar das Tropas a apoiar e do próprio NSE.

Finalmente, e ainda bem que assim foi, a Equipa de Assuntos Mortuários apenas interviu por duas vezes no exercício tratando dos processos fictícios dos óbitos, resultado de incidentes "PLAY".



No contexto deste exercício, o NSE chegou a apoiar um efetivo global que ultrapassou os 700 militares (2BIMec(R)/NRF2016 e NSE).

Em termos de planeamento, o exercício integrou a fase correspondente ao "Período de Treino Nacional" que teve como conclusão o exercício "ORION 15", que decorreu durante os meses de maio/junho, onde foram incorporadas as capacidades nacionais disponibilizadas, com a finalidade de obter a avaliação da Força.



MAJ CAV
PEDRO CABRAL

“Dos fracos não reza a História”

Durante dois anos, a Brigada de Intervenção (BrigInt) manteve o seu Esquadrão de Reconhecimento (ERec) empenhado num ciclo de treino operacional exigente, que o levou a alcançar resultados francamente positivos e a escrever uma honrosa pá-



gina na história da BrigInt e do Exército Português.

Retrocedendo ao início de 2013, a BrigInt constituía-se como Unidade Organizadora para aprontar uma *Reconnaissance Company (Recce Coy)* a 140 militares, para, no âmbito da *NATO Response Force (NRF) 2014*, ser atribuída ao *Land Component Command/NRF 2014*, através do *Rapid Reaction Corps – France*, permanecendo, a partir de 01Jan14, num período de *stand-by* de doze meses, com grau de prontidão de sete dias (*Notice to Move*). O Regimento de Cavalaria N.º 6 (RC6) constituía-se, naturalmente, como Unidade Mobilizadora uma vez que o ERec se encontra lá aquartelado e uma das tarefas essenciais explanadas na Missão do Regimento é aprontar o ERec.



- (1) Unidade Organizadora – Unidade de escalão Brigada à qual é cometida a responsabilidade do Aprontamento.
- (2) Unidade Mobilizadora – Unidade de escalão Regimento à qual pertencem as forças e na qual é realizado, fisicamente, o aprontamento.
- (3) A Recce Coy é a única força do Exército equipada com todas as versões PANDUR que estão actualmente ao serviço.

O primeiro ano de treino operacional foi pleno de desafios e de atividades. A Viatura Blindada de Rodas (VBR) PANDUR II 8X8 foi adotada como a plataforma principal dos meios da Recce Coy. O processo de entrega das viaturas ao RC6 estava demorado e, num ápice e no prazo de duas semanas do mês de

| EXERCÍCIOS | DATA | OBSERVAÇÕES |
|------------------------|---------------|---|
| Ex Mercúrio 131 | 25 a 27Fev | FTX 03 PelRec e PelAp (TIC arredores RC6) |
| Ex Vulcano 13 | 02 a 07Abr | FTX e LFX Recce Coy/NRF2014 (CMSM) |
| Ex Mercúrio 13 | 02 a 10Mai | FTX RI19 - Chaves (Pré-CREVAL) |
| Ex Dragão 13 CPX | 11 a 14Jun | CPX na BrigInt |
| Ex Mercúrio 13/NRF2014 | 24 a 28Jun | FTX Póvoa de Lanhoso (CREVAL) |
| Ex Dragão 13 | 24 a 31Jul | FTX em Murça |
| Ex Mercúrio 132 | 11 a 17Out | FTX RI19 - Chaves (Patrulhas de Rec & Comb) |
| Ex Steadfast Jazz 13 | 28Out a 09Nov | CPX Stavanger e Drawsko |
| Ex Mercúrio 133 | 28Nov a 04Dec | FTX e LFX no CMSM (Op Ofensivas/Defensivas) |

Tabela 1 – Actividade Operacional da Recce Coy em 2013

fevereiro de 2013, as viaturas foram colocadas no RC6, levantando outro desafio: a Formação em VBR PANDUR II. No mês de março foram envolvidos cerca de 50 militares na formação PANDUR em todas as versões. A urgência da formação assentava na necessidade de projectar a força para os exercícios entretanto planeados.

Como se constata na Tabela 1, em apenas 04 meses, desde



o início do aprontamento até ao final do 1º Semestre, a Recce Coy participou em 03 exercícios na sua máxima força e foi submetida a uma CREVAL, cujo relatório foi muito positivo e declarada NRF Ready. Até ao final do ano, a força ainda tomou parte em 05 exercícios, o que demonstra bem o elevado empenhamento em treino operacional e conseqüente projeção de tropas para diversos cenários de exercício.

O ano de 2014 foi destinado ao período de *Stand-by*. O planeamento do treino operacional foi adequado à manutenção dos padrões de prontidão, à melhoria das Técnicas, Tácticas e Procedimentos criados no ano anterior, de acordo com a nova orgânica dos Pelotões de Reconhecimento e à aquisição da capacidade de *Crowd and Riot Control (CRC)*, através do aprontamento da 3ª UnCRC/BrigInt, como se pode verificar na Tabela 2 através do Exercício “MERCÚRIO 142”, que serviu para o



| Atividade | DATA | OBSERVAÇÕES |
|-----------------------------------|--------------------------------|--|
| Treino Tiro Armamento Individual | 27Jan a 20Fev | Tabelas de Tiro Armamento Individual – RI19 Chaves |
| Mercúrio 141 | 21 a 28Mar | FTX e LFX Recce Coy/NRF2014 (CMSM) |
| Mercúrio 142 | 03 a 06Jun | FTX CT Cabanelas (IOC Un CRC) |
| Treino Tiro Armamento Individual | 16Set a 20Out | Tabelas de Tiro Armamento Individual – CT Viana do Castelo |
| Exercício Série Mercúrio Nivel II | 14, 15, 16, 23, 28, 29 e 30Out | Exercícios de Escalão Pelotão na Serra dos Carvalhos |
| Exercício Série Mercúrio Nivel II | 05, 11, 13, 18, 20, 25 e 27Nov | Exercícios de Escalão Pelotão na Serra dos Carvalhos |

Tabela 2 - Atividade Operacional da Recce Coy em 2014

levantamento da capacidade inicial. No início de julho de 2014, a força realizou o Exercício “ESCUDO” com vista à sua certificação em CRC. A aquisição desta nova capacidade visava, naquela altura, uma intenção do escalão superior em preparar a Recce Coy para se constituir como Bravo Coy da Força Nacional Destacada (FND) no Kosovo.

No início do último trimestre de 2014, tudo indicava que a Recce Coy iria tornar-se na Bravo Coy para a FND/KFOR mas, por decisão superior, a integridade da força tinha que ser mantida até ao final do ano. Essa decisão causou alguma curiosidade nos mais atentos que rapidamente se interrogaram qual seria o objectivo. O treino operacional era para continuar e, como se pode analisar na Tabela 2, os pelotões de reconhecimento continuaram empenhados em exercícios da série “MERCÚRIO” até ao final de novembro.

A visita de trabalho do Tenente-General Comandante das Forças Terrestres à Recce Coy, em 18 de novembro de 2014, veio a fortalecer a ideia de uma eventual projeção da Recce Coy para fora do território nacional. O Conselho Superior de Defesa Nacional, que se reuniu em 16 de dezembro, aprovou a proposta de Forças Nacionais Destacadas (FND) para 2015, onde se incluía a projeção da Recce Coy para a Lituânia no âmbito das Assurance Measures 2015 da NATO, no período de abril a julho do corrente ano.



(1) Assurance Measures ou medidas de tranquilização fazem parte de um plano estratégico da NATO para fazer face à situação política que decorre no flanco leste da sua área de responsabilidade e demonstrar a coesão e esforço na defesa colectiva da aliança.

Com a certeza da projecção para a Lituânia e que a mesma iria ocorrer em finais de março, não haveria muito tempo para treino operacional, isto porque todos os procedimentos administrativo-logísticos e a preparação para a projeção deveriam iniciar-se na segunda quinzena de fevereiro. Porém, a Recce Coy voltou ao Campo Militar de Santa Margarida no início de fevereiro para realizar o Exercício “MERCÚRIO 15” para manutenção do nível de treino e prontidão, entretanto alcançados nos anos de 2013 e 2014.

Findo o treino operacional em território nacional, a força orientou esforços para as atividades de preparação da projeção. A Estrutura Operacional de Pessoal foi ajustada sem alterar o efetivo de 140 militares. As áreas do Comando, Manutenção, Apoio Sanitário e Comunicações foram reforçadas com especialistas de acordo com as necessidades. No âmbito administrativo decorreram as atividades que uma FND requer, nomeadamente a emissão de passaportes especiais, credenciações, seguros e o aprontamento sanitário específico, apesar de



a maioria já ter efetuado o referido aprontamento mas, como iria ultrapassar um período de dois anos no decorrer da missão, efetuou-se a sua revalidação.

No que respeita à Estrutura Operacional de Material, o caso foi diferente. As dotações (material orgânico secundário, fardamento, equipamento e munições) foram alteradas/adaptadas de acordo com a missão a desempenhar e ao apoio que iria ser proporcionado pela Nação Hospedeira. O material foi recolhido e concentrado no RC6 e, posteriormente, contentorizado de acordo com as normas legais em vigor. Todas as viaturas da Recce Coy foram submetidas às manutenções programadas e algumas até antecipadas, para que na Lituânia só se efetuasse manutenção corretiva. O plano de projeção determinava que todo o material seguia por via marítima, a partir do Porto de Leixões, com destino ao Porto de Klaipeda e o pessoal seria transportado por via aérea em duas levas, em que o destacamento avançado partiria do Aeroporto de Sá Carneiro, Porto, para Vilnius, capital da Lituânia, e o grosso da força sairia do Aeródromo de Transito nº 1, Lisboa com destino a Kaunas, cidade mais próxima das instalações da Mechanized Infantry Brigade Iron Wolf, em Rukla.

Como considerações finais, pode concluir-se que o aprontamento da Recce Coy foi um exemplo de sucesso, bastante positivo, tornando-se num modelo para os ERec do futuro Grupo de Reconhecimento. Mas mais importante ainda foi, no final do ciclo, ter reunido a confiança do Exército para cumprir mais uma missão como FND e a primeira desta tipologia como força terrestre.



Efetuada a Transferência de Autoridade entre o 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista e o Grupo de Autometralhadoras (GAM), no Teatro de Operações (TO) do Kosovo, é altura de se fazer um balanço sobre a forma como foi planeado e executado o aprontamento do GAM.

De acordo com o “Quadro de Rotação de Forças” pelo Teatro de Operações do Kosovo, desde 2013 que era expeável que o Grupo de Autometralhadoras (GAM) da Brigada de Intervenção (BrigInt) se viesse a constituir como FND no 1º semestre de 2015 (projeção prevista para março de 2015). Com base nessas expeativas e considerando o calendário do aprontamento e período de *Stand-By* da *RecceCoy/NRF14*, foi considerada como uma adequada modalidade de ação, converter a *RecceCoy/NRF14*, no final do seu período de stand-by, na subunidade de manobra do GAM/FND/KFOR.

Com bases nesses pressupostos, as várias ações de formação e treino operacional (quer do GAM, quer da *RecceCoy*), ao longo de 2013 e 2014, foram sendo planeadas e encadeadas no ciclo do treino operacional da BrigInt, tendo sempre presente a previsível constituição do GAM como FND/KFOR. Subsequentemente, em fevereiro de 2014 é publicado em Ordem de Serviço um despacho do Comandante do RC6 que define as “orientações para a indigitação de militares da UnCRC/BrigInt e FND/Kosovo” definindo um conjunto de princípios gerais e critérios, privilegiando a utilização da experiência operacional adquirida com a *RecceCoy* e com a participação do GAM na FT1200 da BrigInt. É com base nestas orientações que, em abril de 2014, se esboça a primeira proposta para a Estrutura Operacional de Pessoal do GAM/FND.

A antecipação (ainda faltavam cerca de 7 meses para o início do aprontamento) tinha como motor catalisador a necessidade de acautelar possíveis movimentações de pessoal e as faltas que, previsivelmente, não seriam passíveis de garantir com base nos efetivos presentes no RC6. Foi enviada ao escalão superior um primeiro draft de Estrutura Operacional de Pessoal (EOP) para o Comando, Estado-maior e Alfa Coy (ACoy).

Em finais de setembro de 2014 é levantada a possibilidade de o Exército poder vir a projetar (em inícios de 2015) a Rec-

ceCoy/NRF14. Neste cenário o GAM terá de mobilizar uma “nova” subunidade de manobra para se constituir como BCoy. A 24 de setembro é apresentado um estudo em que se conclui que o RC6 tem capacidade para projetar em simultâneo duas FND: o GAM/FND/KFOR e a *RecceCoy/NRF14* no âmbito das Assurance Measures 2015/Lituânia.



De imediato é elaborado um “plano de contingência” para acautelar a necessidade de vir a constituir uma nova BCoy, o que virá a suceder em finais de novembro de 2014.

A 26 de setembro de 2014 o Comando das Forças Terrestres difunde a “Ordem Preparatória para participação do Exército na missão da FND/KFOR – 1º Semestre/2015” para “[...] dar início às ações conducentes à realização do aprontamento da referida FND”. De acordo com esta Ordem Preparatória o Aprontamento dever-se-ia iniciar em 06 de outubro de 2014 e decorrer de acordo com a calendarização típica de um aprontamento, com três fases



(sequenciais e mais ou menos coerentes e interligadas). A esta Ordem preparatória seguem-se a 21Nov14 a Diretiva nº 27/CFT/14 Força Nacional Destacada para a KFOR e a 04Dec14 a Diretiva nº 13/BrigInt/14 Aprontamento do GAM/KFOR.

Apesar dos condicionamentos, a 06 de outubro de 2014, teve início o aprontamento, visando a preparação e a prontidão operacional, do GAM, para o cumprimento da missão, no Teatro de Operações (TO) do Kosovo, como KTM - *Kosovo Force* (KFOR) *Tactical Reserve* (TACRES) *Manoeuvre Battalion*. Devido à necessidade de se aguardar a decisão sobre a projeção



(ou não) da RecceCoy/NRF14, o aprontamento iniciar-se-á sem haver a definição da BCoy, o que naturalmente atrasou não só a fase do Aprontamento Administrativo-Logístico, mas também da parte do treino operacional.

O aprontamento da Força em Território Nacional (TN) decorreu em três fases. A fase I, aprontamento administrativo-logístico, decorreu entre 06 de outubro de 2014 e 29 de março de 2015, no RC6, **em simultâneo com as fases II e III.**

A fase II, aprontamento orientado para a missão, foi subdividida em 4 subfases. Iniciou-se com um período destinado ao treino de nivelamento (entre 27 de outubro e 05 de dezembro de 2014) com o objetivo de tornar os militares proficientes na técnica individual de combate, reforçando as capacidades

A desmultiplicação geográfica da realização do exercício, revelou-se uma mais-valia, permitindo testar as condições que cada uma das unidades apresenta. Foi também durante este período que se deslocaram ao Kosovo o Comandante do GAM/KFOR, TCor Cav Jorge Ferreira e alguns elementos do Estado-Maior, a fim de participarem no Key Leaders Training (KLT), que teve lugar no Headquarters (HQ) da KFOR, em Film City, e no reconhecimento ao Teatro de Operações (TO) do Kosovo. Já com o Comandante no TO do KOSOVO a frequentar o KLT, a promoção do 2º Comandante do GAM/FND a Tenente-Coronel obriga a (mais) uma reorganização, desta vez ao nível do Estado-Maior, sendo necessário alterar todas as funções dos Oficiais do EM Coordenador.

O treino orientado para as Operações de Apoio à Paz, de modo a habilitar os militares do GAM/KFOR para a execução de tarefas de acordo com a missão da TA-CRES da KFOR, decorreu de 17 de janeiro a 28 de fevereiro de 2015, no RC6.

Por último, o treino orientado para as Operações de Controlo de Tumultos, de 10 de fevereiro a 15 de março de 2015, foi consolidado e validado, ao nível Pelotão, durante o Exercício “MORCEGO”, realizado em Vila Verde (Cabanelas) entre 16 e 20 de fevereiro de 2015, que serviu de preparação ao Exercício final de aprontamento.

O Exercício “PRISTINA 151” foi desenvolvido na Região de Cabeceiras de Basto, como tradicionalmente vem acontecendo nos últimos anos em que o RC6 apronta Forças para o Kosovo, e foi o culminar de todo o aprontamento em que foi possível praticar o planeamento, controlo e a conduta de Operações Táticas, associadas às Operações de Apoio à Paz, tendo como referencial o ambiente operacional que se vive no Kosovo. Foi neste exercício que o GAM/KFOR foi submetido a uma Avaliação do Estado de Prontidão para o Combate (CREVAL), tendo sido considerado “*COMBAT READY*” pela equipa da Inspeção Geral do Exército.

militares existentes, desenvolvendo tarefas no âmbito das operações convencionais.

Neste período o GAM/KFOR realizou o Exercício TEAM SPIRIT, na região de Braga, que concorrendo para a proficiência da técnica individual de combate, fortaleceu os laços de camaradagem, coesão e espírito de corpo e reforçou os parâmetros psíquicos e físicos dos seus militares, imprescindíveis ao cumprimento da sua missão. Neste exercício, como ainda não estava constituída a BCoy, foram envolvidos todos os militares do GAM que tinham condições para poder integrar o GAM/FND.

O período de 06 de dezembro de 2014 e 31 de janeiro de 2015, foi destinado ao treino orientado para as Operações Convencionais, tendo sido desenvolvidas atividades de treino operacional ao nível secção e pelotão, focadas fundamentalmente nas tarefas das unidades de atiradores e de reconhecimento, que culminaram no Exercício PRISTINA START 151, realizado na Escola das Armas (Mafra), no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) e no RE1 (Tancos).





No último dia do Exercício “PRISTINA 151”, teve lugar o *Distinguished Visitors Day* (DVD), que contou com a ilustre presença do Exmo Tenente-General Faria de Menezes, Comandante das Forças Terrestres.

O momento alto e simbólico do aprontamento, realizou-se no RC6, no dia 11 de março de 2015, com a entrega do Estandarte Nacional ao GAM/KFOR, numa cerimónia presidida por S. Exa. o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo.



Na fase III, preparação para a projeção, de 16 de março a 07 de abril de, foram entregues todos os materiais cedidos ao GAM/KFOR, necessários para a realização das fases I e II, após o qual se deu início à projeção dos 177 militares do GAM/KFOR para o TO do Kosovo.

A força foi dividida em duas levas, tendo a primeira leva constituída por 48 militares, chegado ao Kosovo no dia 30Mar15 e os restantes 129 militares no dia 07 de abril de 2015, prontos para enfrentar mais um desafio e dignificar o nome do Exército e do País.

Conclusão

Flexibilidade, antecipação e disponibilidade são as principais “linhas de força” do aprontamento do GAM/FND/KFOR, pois só com a disponibilidade permanente dos quadros e praças foi possível alterar substancialmente a organização e funções atribuídas; só com a antecipação foi possível ter em tempo várias opções disponíveis para que aquando da tomada de decisão e/ou ocorrência de fatores externos houvesse em mão várias modalidades de ação prontas a ser implementadas; flexibilidade para ocorrer a diversas situações mantendo sempre o foco na preparação operacional, mas garantindo todas as frentes em tempo oportuno com subseqüentes e imediatos reajustes do dispositivo.

CAVALEIROS A QUEM NENHUM SE IGUALA!

A 01 de janeiro de 2015, o 2BIMec(R) NRF2016 iniciou o aprontamento nacional, a ser integrado no *Land Component Command* (LCC), da *Immediate Response Force* (IRF), liderado pelo NATO *Rapid Deployed Corps SPAIN* (NRDC ESP), na dependência direta do *Joint Force Command Brunssum* (JFCBS). Como unidade mobilizadora foi designado o Regimento de Infantaria Nº14 (RI14) e como unidade organizadora a Brigada de Intervenção (BrigInt).



O 2BIMec(R) está articulado por Comando e Estado-Maior, uma Companhia de Comando e Serviços e duas Companhias de Atiradores aquartelados no RI14 e uma Companhia de Atiradores e uma Companhia de Apoio de Combate aquartelados no Regimento de Infantaria Nº13, perfazendo um total de 607 militares.

Sob o comando do TCor Inf Pedro Barreiro, o 2BIMec(R) conduzirá o treino operacional em três períodos principais, *National Preparation Phase* de 01 de janeiro a 30 de junho de 2015, *NRF Preparation Phase* de 01 de julho a 31 de dezembro de 2015 e Período de *stand-by* ou emprego de 01 de janeiro a 31 de dezembro de 2016.



O primeiro período destina-se essencialmente à aquisição de competências e capacidades, certificando-as a nível nacional durante o exercício ORION 15, o segundo a mantê-las e integrá-las com as restantes forças da NRF 2016 com a participação no exercício TRIDENT JUNCTURE 2015, para que as forças estejam aptas a serem empregues no terceiro e último período.



CAP ENG
NUNO FERNANDES

Somália – Duas décadas de terror

A Somália é um país localizado no Corno de África, região que compreende também o Djibuti, Etiópia e a Eritreia.

Faz fronteira a oeste com a Etiópia, o Djibuti e o Quênia, a norte com o Golfo do Áden e a este com o Oceano Indico.

Como nação, existe há mais de 2000 anos, mas foi só por volta de 1880, com a abertura do canal de Suez, que chegaram os colonizadores da Grã-Bretanha, Itália e França, cada um reclamando uma parte do território. Em 1960 foi retomada a independência, mas nem assim a Somália deixou de ser um país instável.

Em 1969, depois de um golpe de estado, Mohamed Siad Barre, que liderou a ação, tornou-se presidente da Somália, lugar que ocupou até 1991. Impondo uma ditadura militar, Barre tentou pela força das armas resgatar o território entretanto conquistado pela vizinha Etiópia, mas o pedido de ajuda lançado a outros países nunca foi correspondido e acabou por perder a luta.

Em 1990, membros do clã Hawiye formaram o Congresso Somali Unido (USC) que em dezembro do mesmo ano invadiu Mogadíscio e expulsou o ditador. O líder do USC, Muhammad Ali Mahdi, intitulou-se presidente, mas foi organizada uma contrarrevolução, na tentativa de recolocar Barre no poder. Por outro lado Muhammad Farah Aidid, líder de um subclã Hawiye, também reclamou o poder, entrando em desacordo com Mahdi. Passado um ano, em 1991, a Somália, entregue à luta entre facções rivais, estava afundada numa anarquia total com a situação a evoluir para uma crise humanitária e um estado de anomia.

Em dezembro de 1992, os Estados Unidos, juntamente com vários membros da ONU, lançaram a Força Tarefa Unificada (UNITAF), sob comando norte-americano, com o objetivo de estabelecer um ambiente seguro para a distribuição de ajuda humanitária e tentar devolver as condições de normalidade à Somália. A operação humanitária evoluiu para uma missão de se-

gurança, que resultou num conflito violento entre as forças dos Estados Unidos e das Nações Unidas com os clãs somalis armados.

Depois da batalha de Mogadíscio, em 3 outubro de 1993, que acabou com 18 norte americanos mortos, 73 feridos e um piloto capturado, os Estados Unidos decidiram pela rápida retirada das tropas do país. A ONU viria também a retirar em 1995.

Em agosto de 2000, ao fim de quase uma década, uma reunião parlamentar, no vizinho Djibuti, elegeu o primeiro governo da Somália, mas depois do seu primeiro ano de mandato, ainda só controlava 10% do país.

Em outubro de 2002, iniciaram-se novas negociações para estabelecer um novo governo. Em agosto de 2004, um parlamento de transição, composto por 275 membros foi então inaugurado por um período de cinco anos. O parlamento elegeu o presidente em setembro, Abdullahi Yusuf Ahmed, o intitulado presidente da região separatista Puntland. O novo governo, passou o seu primeiro ano a operar na cidade provincial Baidoa, já que a capital era controlada pelos clãs armados.

Em maio de 2006, o pior surto de violência dos últimos 10 anos começou no país, com as milícias islâmicas proclamadas Conselho das Cortes Islâmicas da Somália (SICC) a lutarem contra os senhores da guerra rivais. Em junho, as milícias islâmicas tomaram controlo da capital, Mogadíscio, e grande parte do sul do país.

“
Uma característica importante das duas últimas décadas foi o surgimento de uma variedade de movimentos islâmicos que procuram estabelecer um estado islâmico na Somália. Vão desde ordens sufi tradicionalistas, a movimentos islâmicos progressivos, grupos inspirados como o Al Itihad Al Islamiya com uma agenda regional ou global.
”
Mark Bradbury and Sally Healy

Entretanto a vizinha Etiópia, que no passado já havia entrado em conflito com os islâmicos da Somália e os considerava uma ameaça à segurança regional, começou a acumular tropas na fronteira, e com a ajuda dos soldados leais ao governo de transição recuperou o controlo de Mogadíscio. Muitos dos combatentes do SICC formaram mais tarde o grupo insurgente Al-Shabab que viria a proclamar, posteriormente, a sua fidelidade à Al-Qaeda.

No mesmo ano, depois de negociações com o governo somali, os Estados Unidos conduziram raids na região sul da Somália, onde alegadamente membros da Al-Qaeda se encontravam escondidos.

O conselho de segurança da ONU também aprovou uma missão de paz de 6 meses, levada a cabo pela União Africana e que incluía 8,000 militares dos países vizinhos (AMISOM).



Foto 1 – Um grupo de crianças nos subúrbios da capital [unmultimedia.org]

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



Os três anos que se seguiram (2006-08) foram catastróficos para os somalis. A ocupação militar, a insurgência violenta, a expansão do jihadismo e os deslocamentos populacionais massivos reverteram o progresso político e económico conseguido no fim dos anos 90 na Somália central. Com 1.3 milhões de pessoas deslocadas pelas conflitos desde 2006, 3.6 milhões

Nessa altura, a EUTM Somália atuava principalmente no Uganda com sede da missão em Kampala e o campo de treino no Centro de Formação de Bihanga (BTC), na região oeste do Uganda. Tinha ainda uma célula de ligação em Nairobi (Quênia), uma célula de apoio em Bruxelas, e os órgãos de mentoria e assessoria projetados em Mogadíscio.

Factos e números

Teatro de operações: Somália

Quartel-general: Mogadíscio

Novo mandato: Março 2015

Comandante: Brigadeiro-general António Maggi

Efetivo: 170 pessoas

Orçamento: € 11.6 Milhões bianuais

Países: 10 Estados membros (SW, GE, RO, FR, ES, FI, HU, IT, NL, PT, UK) e terceiro estado (Sérvia)

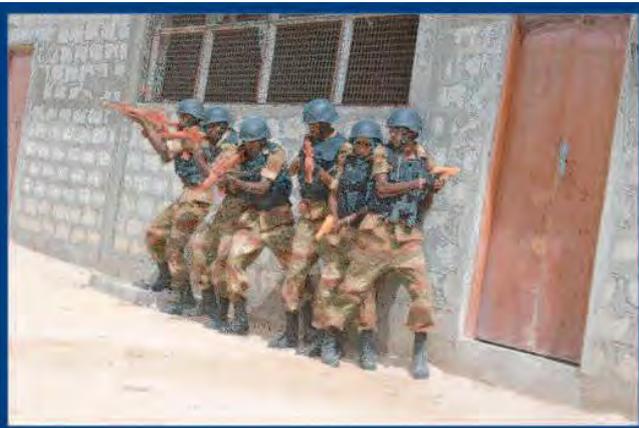


Foto 2 e 3- Treino de elementos das SNAF

de pessoas com necessidade de ajuda alimentar de emergência, e 60,000 somalis por ano a abandonar o país, a Somália sofre a maior crise humanitária desde os anos 90.

Finalmente, em 2009, a Etiópia retirou da Somália, mas dias depois o grupo radical Al-Shabab tomou a cidade Baidoa que só foi recapturada em 2012, após nova invasão etíope e das tropas quenianas integrarem também a AMISOM, elevando a força para 17,000 homens.



Em 2012, a ONU convocou o parlamento somali para uma reunião no Djibouti com o objetivo de juntar os antigos líderes das Cortes Islâmicas e discutir a presidência do país.

O líder islâmico Sheikh Sharif Sheikh Ahmed torna-se presidente do Governo Federal de Transição (TFG) e passados mais de 20 anos e 17 tentativas de formar um governo central, o parlamento somali conduziu a sua sessão inaugural a 20 de agosto de 2012.

EUTM Somália – Um desafio para a União Europeia

Em abril de 2010, a União Europeia lançou a *Military Training Mission in Somália* (EUTM Somália) como contributo para o fortalecimento do TFG e das instituições do país.

Este apoio é ainda hoje parte de um compromisso abrangente da União Europeia na Somália, que tem como objetivo apoiar a estabilização do país e responder às necessidades do povo somali.

Inicialmente, a EUTM estava focada na formação das Somali National Armed Forces (SNAF), mas em 2013 foram também adicionadas atividades de assessoria e mentoria estratégicas para complementar o papel da formação.

A estrutura sofreu alterações nos primeiros meses de 2014, quando o centro de gravidade da EUTM mudou para a Somália, com o HQ da Missão a instalar-se em Mogadíscio, junto com todas as atividades de mentoria, assessoria e treino.

A formação das SNAF está focada em treinar comandantes até ao escalão batalhão, mas treina também especialistas nas áreas de polícia militar, cooperação civil-militar, informações e engenharia de combate.

Módulos de direito internacional humanitário e dos direitos humanos, bem como proteção de civis são também ministrados. Desde 2010, mais de 4,000 soldados somalis foram formados pela EUTM.

A EUTM Somália tornou-se bem conhecida e altamente respeitada no seio da Comunidade Internacional, pela sua capacidade de estabelecer uma cooperação duradoura com os principais intervenientes na região, em particular, as Nações Unidas, a Missão da União Africano na Somália (AMISOM), e os Estados Unidos da América.

O oficial de engenharia na EUTM Somália

Portugal contribui atualmente para a força da EUTM Somália com três elementos. Um deles integra a equipa de treino do Platoon Commander Course e os remanescentes o estado-maior conjunto, concretamente as posições de J2 Head e JEng Head.

As atividades do JEng dividem-se em duas vertentes. A primeira diz respeito à análise, informação e coordenação dos aspetos relativos ao apoio geral de engenharia e à proteção da força.

A segunda vertente diz respeito à projeção e fiscalização das obras para construção de novas infraestruturas ou para melhoramento das existentes, seja no Internacional Campus (IC) ou no Jazeera Training Camp (JTC), os dois principais espaços de ação da EUTM em Mogadíscio.



O IC é onde a EUTM tem instalado o seu HQ e localiza-se dentro de um perímetro seguro, designado por *Mogadishu International Airport (MIA)*.

O campo é partilhado com outras comunidades internacionais e é propriedade da empresa multinacional Bancroft, que sub-concessionaria a gestão do mesmo, juntamente com a prestação de apoio logístico aos residentes (nos quais de inclui a EUTM), à *African Skies Limited (ASL)*.

A grande maioria das infraestruturas existentes no campo são propriedade da Bancroft, que recebe uma renda pela sua utilização, mas outras foram construídas pela EUTM, como é exemplo o bunker, o parque auto, a oficina auto e a instalação para apoio sanitário (ROLE 1/2).

Um dos grandes trabalhos levado a cabo pelo JEng diz precisamente respeito à remodelação do bunker, que não satisfazia por completo os requisitos operacionais.

Outra grande intervenção foi a que teve lugar no Indian Ocean Gate, um dos acessos ao MIA. Embora não faça parte da área de responsabilidade da EUTM, o dispositivo de segurança estava comprometido pelo estado avançado de degradação das estruturas e por isso era imperativa a sua reconstrução. Neste caso foi diretamente contratada uma empresa local para erigir o projeto idealizado.



Ali foi feita a limpeza de arbustos numa área de 2500m², foram construídos dois pontos de vigia em betão armado, construídas barreiras de redução de velocidade, instalado um sistema de iluminação e reposta rede metálica, concertinas e hesco bastions. Os trabalhos foram concluídos em 40 dias.

No que concerne o JTC, trata-se de um campo de treino das SNAF e situa-se a sensivelmente 3 km do MIA.

É financiado por fundos europeus e é onde a EUTM conduz as suas ações de formação. O campo foi iniciado de raiz aquando da implantação da EUTM em Mogadíscio, mas nunca chegou a ter um plano integrado para a sua construção.

Em vez disso, numa base anual, de acordo com o orçamento disponível, são preparados projetos de engenharia para a construção das instalações que se consideram prioritárias.

Para 2015, foram concebidos, em parceria com a AMISOM, cerca de quinze projetos, nos quais se inclui a construção de uma carreira de tiro de 100m, uma área de treino Filghting in Built-up Areas (FIBUA), os muros de contenção e o sistema de drenagem de todo o campo.

Para além das atividades enunciadas, o JEng ainda apoia e coopera com outras entidades, tais como a AMISOM, NISA, ONU e UK, na conceção de projetos de engenharia, como é exemplo a configuração dos acessos à área pública do Aeroporto Internacional ou a carreira de tiro de 25m a ser construída no MIA para uso das comunidades internacionais.

BIBLIOGRAFIA:

- HOGG, Annabel Lee - *Timeline: Somalia, 1991-2008* [Em linha]. [Consult. 18 abril.2015]. Disponível na <http://www.theatlantic.com>
- BRADBURY, Mark, HEALY, Sally - *Endless war a brief history of the Somali conflict* [Em linha]. [Consult. 21 abril.2015]. Disponível na <http://www.nhsmun.org>
- Timeline: Somalia's historic highlights* [Em linha]. [Consult. 21 abril.2015]. Disponível na <http://www.aljazeera.com>
- EUTM-Somalia mission-description* [Em linha]. [Consult. 24 abril.2015]. Disponível na <http://www.eeas.europa.eu>



Conceção e planeamento do EXERCÍCIO “MARTE/SATURNO15/NRF2016”



MAJ ART
DIAS COSTA

1. INTRODUÇÃO

Através da Diretiva N° 07/CFT/15 (aprontamento para a NRF 2016), foi atribuída à Brigada de Intervenção a missão de organizar e aprontar um Batalhão de Infantaria Mecanizado (InfMechBn) para integrar a NRF 2016, a partir de 01Jan15, bem como um *National Support Element* (NSE).

No âmbito do aprontamento destas forças decorreu, de 13 a 22Abr15, o exercício MARTE15/SATURNO15/NRF2016 na região de Viseu-Mangualde-Côja-S.ta Comba Dão, sendo esta a última grande oportunidade de treino destas forças antes de serem submetidas a CREVAL.

Trata-se de um exercício Setorial de nível UEB, contemplado no Plano Integrado de Treino Operacional para 2015 e conduzido pela Brigada de Intervenção, na modalidade de Field Training Exercise (FTX), do 2BIMec(R)/NRF2016 e do NSE/NRF2016, dividido em duas partes: uma primeira parte destinada ao treino de uma operação ofensiva, que incluiu uma marcha para o contacto de cerca de 70 Km, assente no eixo B da ZOT (Zona de Operações Terrestres) e terminou com a conquista de um objetivo, materializado pelo aeródromo de Côja; e uma segunda parte destinada ao treino de uma operação de estabilização.

O exercício contou com a participação de cerca de 800 militares e 190 viaturas, sendo de referir que o Batalhão foi reforçado com forças passíveis de virem a ser atribuídas ao 2BIMec(R)/NRF2016 no âmbito do seu emprego, como sendo o Elemento de Apoio de Fogos (EAF), um Pelotão de Engenharia de Combate e uma Secção AAA Stinger.



O exercício MARTE15/SATURNO15/NRF2016 contribuiu ainda para a divulgação e projeção da imagem do Exército e da BrigInt na sociedade civil, através da condução de atividades no âmbito das Missões de Apoio ao Desenvolvimento e Bem-estar da População, das quais se destaca a recu-

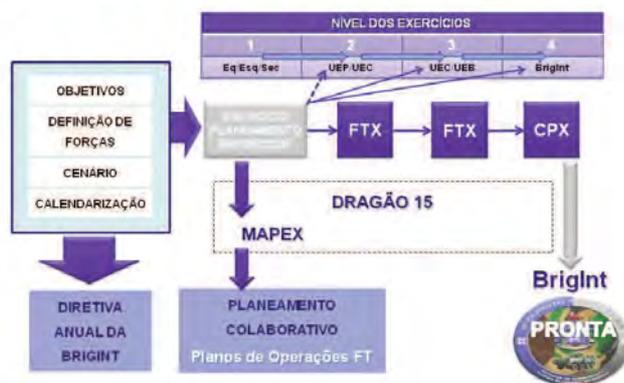
peração da fachada do mercado municipal de S.ta Comba Dão, melhoramento de itinerários em Treixedo, exposição estática na Casa da Cultura e visita de escolas às Forward Operating Bases (FOB), assim como de outras ações de divulgação que demonstraram a disciplina, a coesão, o profissionalismo e as capacidades do Exército.

2. CONCEITO DO EXERCÍCIO

Iremos dedicar este pequeno artigo essencialmente à descrição da conceção e planeamento do exercício, por considerarmos serem estas etapas fundamentais para o mesmo, uma vez que moldam toda a conduta operacional, sendo inclusive determinadoras na definição da forma como se irá avaliar o exercício e tirar as ilações necessárias para a constante melhoria do treino das forças da BrigInt.

Neste âmbito, importa fazer uma breve referência à integração deste exercício no Ciclo de Treino da Brigada de Intervenção. Após se terem definido no ano passado os objetivos, as forças, o cenário e a calendarização para 2015 na Diretiva de Treino Operacional da BrigInt, iniciou-se o treino de todos os ECOSF da BrigInt, incluindo o 2BIMec(R)/NRF2016, desenvolvendo-se de forma integrada e sequencial em quatro níveis: nível 1 (até Pelotão), nível 2 (Companhia), nível 3 (Batalhão) e nível 4 (Brigada).

CONCEITO DE TREINO OPERACIONAL



Para garantir um enquadramento adequado do treino, efetuou-se no início do ano o exercício MAPEX DRAGÃO15 (nível 4), durante o qual o Comando e EM da BrigInt, aplicando o Processo de Decisão Militar (PDM), elaborou os Planos de Operações para uma operação ofensiva e para uma operação de estabilização.

Foi com base neste cenário e nas tarefas essenciais identificadas nesses Planos, que os ECOSF da BrigInt treinaram de forma dirigida, em especial nos escalões de Companhia e Batalhão, sendo de destacar o exercício MARTE15/SATURNO15/NRF2016 do 2BIMec(R)/NRF2016 e do NSE.

(1) A NATO define na sua Diretiva para o Planeamento de exercícios (BISC Collective Training and Exercise Directive 075-003, de 02Out13) que um exercício deve ser constituído por quatro etapas. A primeira etapa é dedicada à conceção e às especificações do exercício; na segunda etapa efetua-se o planeamento e desenvolvem-se os produtos necessários para o exercício; a terceira etapa compreende a conduta operacional; a quarta e última etapa é dedicada à avaliação do exercício.



3. OBJETIVOS DO EXERCÍCIO

É fundamental começar por referir que o exercício teve por finalidade praticar o planeamento, o controlo e a conduta de operações táticas associadas ao quadro das missões e tarefas passíveis de serem desempenhadas pelo 2BIMec(R)/NRF2016, tendo como referencial o ambiente operacional associado às Operações Ofensivas e às Operações de Estabilização.

Neste âmbito, foram definidos pelo MGen Cmdt da BrigInt (Officer Scheduling the Exercise - OSE) nas EXSPEC, os seguintes objetivos para o exercício:

- Treinar e avaliar o 2BIMec(R)/NRF 2016 na condução de operações;
- Treinar e avaliar o NSE na condução do apoio de serviços a uma UEB projetada fora do território nacional;
- Criar condições para continuar a desenvolver o treino do EM/BrigInt.

A definição destes objetivos permitiu ao OCE (Officer Conducting the Exercise - 2ºCmdt BrigInt), identificar nas EXPLAN os objetivos de treino que se pretendiam atingir durante a conduta operacional para o 2BIMec(R)/NRF2016, tal como apresentado de seguida:

- Treinar o planeamento de operações táticas de uma Unidade Escalão Batalhão (UEB), incluindo os procedimentos inerentes ao Processo de Decisão Militar (PDM);
- Treinar os procedimentos de Comando e Controlo (C2) de operações táticas de uma UEB;

-Treinar atividades de projeção da força, incluindo planos de carregamento e movimento para o Air Point Of Embarkation (APOE)/ Sea Point Of Embarkation (SPOE).

Também para o NSE foram identificados os seguintes objetivos de treino:

-Treinar o planeamento e os procedimentos de C2 do apoio de serviços a uma Unidade Escalão Batalhão (UEB) projetada para fora do território nacional, bem como a ligação ao Território Nacional e a entidades presentes num Teatro de Operações (TO);

-Treinar as Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) na execução do apoio de serviços a uma UEB;

-Treinar atividades de projeção da força, incluindo Planos de carregamento e movimento para o Air Point Of Embarkation (APOE)/ Sea Point Of Embarkation (SPOE).

Desta forma desenvolveu-se o trabalho do *Core Planning Team (CPT)*, tendo sido planeado um conjunto de atividades conducentes à concretização destes objetivos e que permitiram o enquadramento do treino individual e coletivo das forças orientado para as tarefas que iriam executar, bem como o treino dos comandantes e o treino do Estado-Maior.

4. PLANEAMENTO DO EXERCÍCIO

O planeamento do exercício MARTE15/SATURNO15/ NRF2016 foi efetuado tendo em consideração um calendário definido a montante, que se apresenta se seguida:

| ATIVIDADE | GDH | OBS |
|--|--------------|---------|
| BST MAPEX DAGÃO 15 | 19 a 23Jan15 | Coimbra |
| Operations plan (OPLAN) Brigada | 21 a 23Jan15 | Coimbra |
| Initial Planning Conference (IPC) | 23Jan15 | Coimbra |
| Core planning team (CPT) | 20Fev | Coimbra |
| Operations plan (OPLAN) Bat/NSE | 23 a 27Fev15 | Coimbra |
| CRP (MAPEX) | 23 a 27Fev15 | Viseu |
| Treino SICCE | 02 a 07Mar15 | Coimbra |
| Core planning team (CPT) | 09Mar15 | Coimbra |
| Difusão das EXPLAN (Draft) | 20Mar15 | |
| WorkShop MEL/MIL | 23 a 27Mar15 | Coimbra |
| Main Planning Conference (MPC) / Final Coordination Conference (FCC) | 31Mar15 | Coimbra |
| Difusão das EXPLAN | 01Abr15 | |
| FTX Marte/Saturno15 | 13 a 22Abr15 | |
| HOT WASHUP | 21Abr15 | |
| First Impression Report (FIR) | 30Abr15 | |
| PXD | 28Abr15 | Viseu |
| Final Exercise Report (FER) | 22Jun15 | |

-Treinar as Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) na execução de operações de uma UEB no espetro do conflito das operações ofensivas e de estabilização;

No planeamento definiu-se que a conduta operacional do exercício seria composta por 4 fases: Foundation Training (Treino Base); Crisis Response Planning (Planeamento de resposta a crises); Execution (conduta operacional); Assessment (análise e relatórios).



A Fase I consistiu na realização de um Battle Staff Training (BST), através de um planeamento colaborativo entre os EM das forças participantes neste exercício e o EM/BrigInt, que foi efetuado durante o exercício MAPEX DRAGÃO 15, de 19 a 22Jan15, com o intuito de planear uma operação de nível Brigada que enquadrasse a realização deste exercício.

Desta fase constou também a realização de Treino com o SICCE que envolveu todos os Sargentos operadores do sistema aos vários níveis, nas áreas de Pessoal, Logística e Operações.

A Fase II (Crisis Response Planning), iniciou-se com a realização do MAPEX do 2BIMec(R)/NRF2016 e do MAPEX do NSE/NRF2016, de 23 a 27Fev15 no RI14, durante o qual se efetuou o Processo de Decisão Militar, tendo resultado na elaboração do Plano de Operações do 2BIMec(R)/NRF2016 e do Plano de Operações do NSE/NRF2016, a implementar no exercício MARTE15/SATURNO15/NRF2016;

Nestes Planos de Operações ficaram definidas as tarefas a desempenhar pelas forças no âmbito do cenário criado, permitindo assim às suas subunidades treinarem de forma orientada para o que iriam efetuar durante o exercício. Esta fase de-



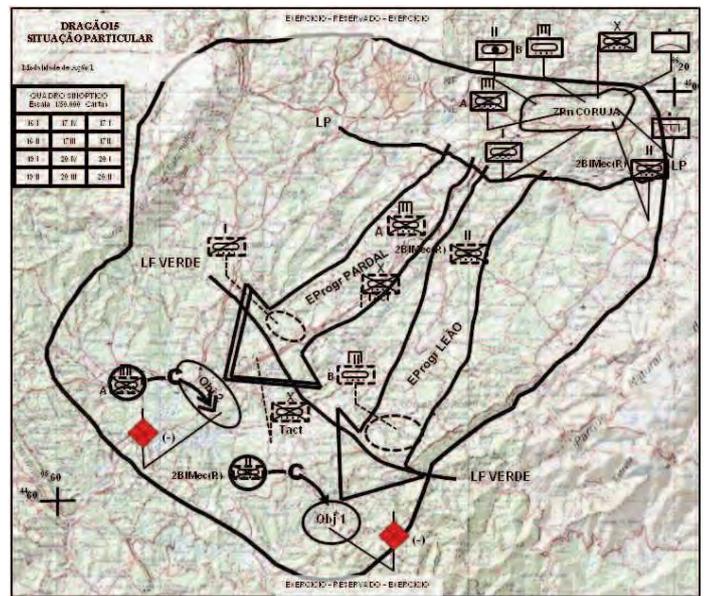
correu em simultâneo e de forma integrada com o desenvolvimento do processo de Planeamento do exercício MARTE15/SATURNO15/NRF2016.

A Fase III da etapa da conduta operacional (execução) decorreu de 13 a 22Abr15, na região de Viseu-Mangualde-Côja-S.ta Comba Dão, tendo-se conduzido um FTX, onde se conduziram, em simultâneo, diferentes tipos de operações e de tarefas.

Para isso, no planeamento, dividiu-se o FTX em duas partes, que embora fossem materializadas de forma sequencial, em termos de cenário estavam temporalmente separadas de três meses.

A Fase 3A foi planeada de forma a permitir o treino de uma operação ofensiva, onde o 2BIMec(R)/NRF2016 efetuou uma marcha para o contacto, culminando no ataque deliberado ao Ob-

jetivo. Assim, foi possível treinar um conjunto de tarefas, como por exemplo Ocupação ZnRn, Deslocamento Tático, Ligação de forças, Ocupação de Bass e Ataque deliberado.



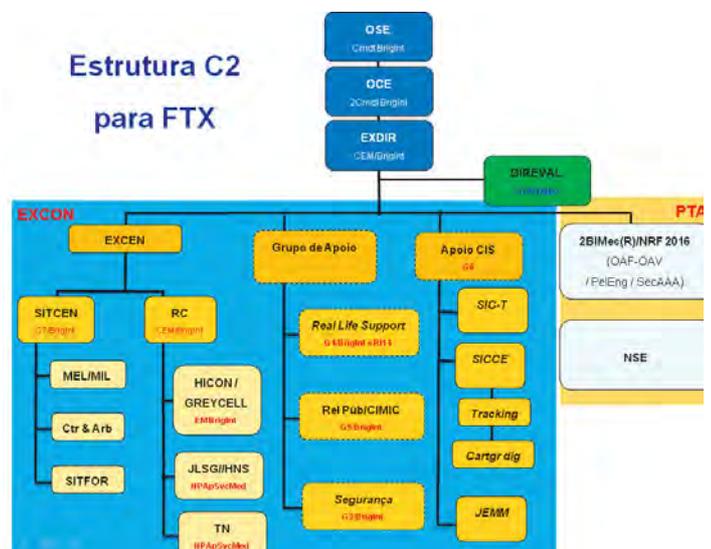
Na Fase 3B, o 2BIMec(R)/NRF2016 ocupou quatro Forward Operating Base (FOB) na região de S.ta Comba Dão, e desenvolveu tarefas características das Operações de Estabilização, tais como Patrulhas, Check Points, Segurança de Pontos sensíveis e Cerco e Busca.

Por seu lado o NSE ocuparia uma FOB na região de Mangualde, com o intuito de apoiar o 2BIMec(R)/2016 nas FOB e garantir a ligação com a Rear Logistic Base (RLB), Joint Logistic Support Group (JLSG), Host Nation (HN), bem como com o Território Nacional (TN).

De referir que se optou por colocar o NSE a uma distância considerável do Batalhão (cerca de 70 Km), por se considerar que a distância iria dar maior realismo ao apoio prestado.

QUE FAMA ILUSTRE FIOU

Estrutura C2 para FTX





Para a direção e controlo do exercício foi criada um EXCON, composta por um Centro do Exercício (EXCEN), que englobou todas as atividades destinadas a materializar o cenário e a permitir a resposta pelas audiências de treino, através de duas áreas distintas, embora complementares:

O Centro de Situação (SITCEN) e as *Response Cells* (RC).

O SITCEN, chefiado pelo G7 da BrigInt, enquadrava a equipa de trabalho responsável pela gestão das MEL/MIL, as equipas de Controlo e Arbitragem, bem como as Forças de Cenário.

As *Response Cells* (RC) materializaram um HICON de Brigada, que foi constituído à base do EM/BrigInt organizado por funções de combate, e servindo assim como mais uma oportunidade para o EM/BrigInt se exercitar.

Das RC faziam ainda parte a materialização do Território Nacional (TN), bem como outras entidades passíveis de estarem presentes no terreno, nomeadamente no âmbito da área logística.

O EXCON incluía ainda um Grupo de Apoio responsável pelo *Real Life Support* (RLS), pela Segurança e pelas Relações Públicas/CIMIC, bem como um Grupo de Apoio CIS, responsável pela implementação das comunicações do exercício como um todo.

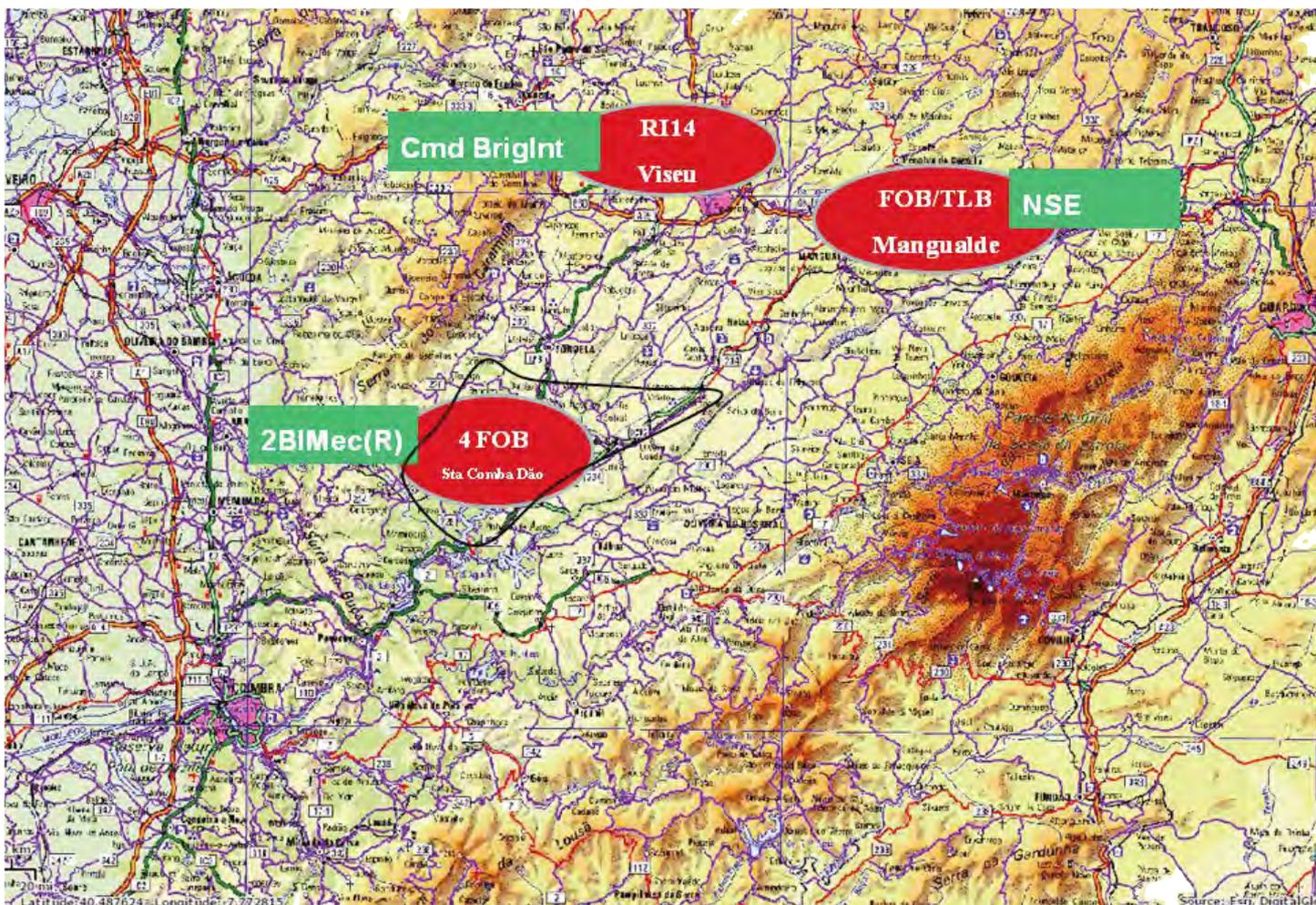
Finalmente, para a Fase IV (Análise e Relatórios), foi conduzido o *Post Exercise Discussion* (PXD), organizado com base em três Grupos de Trabalho (GT), nomeadamente GT Operações, GT Apoio Serviços e GT CIS, tendo o resultado destes GT sido vertido num Relatório Final do Exercício (FER).

5. CONCLUSÕES

O exercício MARTE/SATURNO15/NRF2016 consubstanciou uma excelente oportunidade, antes da CREVAL, para o 2BIMec(R)/NRF2016 e para o NSE treinarem o desempenho das tarefas passíveis de lhes serem atribuídas em caso de emprego no âmbito da NRF 2016.

Realça-se, no âmbito do planeamento do exercício, a inclusão de um conjunto de atividades prévias com vista à preparação do FTX, como por exemplo a participação no MAPEX DRAGÃO15, o BST das Forças, bem como o treino do SICCE, que permitiram um aumento na proficiência das forças durante o FTX.

De referir igualmente que as opções tomadas durante o planeamento referentes à concretização do FTX permitiram treinar e avaliar com sucesso, o 2BIMec(R)/NRF 2016 na condução de operações ofensivas e de operações de estabilização, sendo de destacar, pela novidade, a marcha para o contacto ao longo de 70 Km e assente no eixo B da ZOT, e que terminou com a conquista do aeródromo de Côja.





De igual forma permitiu treinar e avaliar o NSE na condução do apoio de serviços a uma UEB projetada fora do território nacional, onde a distância ao Batalhão (cerca de 70 Km) constituiu por si só um desafio, ultrapassado com sucesso, às capacidades efetivas do NSE.

Neste âmbito, é de destacar o realismo do movimento em funções das distâncias, as dificuldades inerentes de C2 e a condução de uma operação ofensiva em ambiente operacional complexo, no seio da população, aproximando-se assim das realidades dos Teatros de Operações atuais, onde a população constitui um ator permanentemente presente e incontornável.

De igual forma, é de realçar que a decisão, durante o planeamento, de materializar o HICON de Brigada com recurso ao Estado-Maior da BrigInt, possibilitou mais uma oportunidade de treino por Funções de Combate, na continuação do trabalho que se vem desenvolvendo desde o ano passado.

Por último, destaca-se a condução de um processo de planeamento contínuo, integrado, paralelo, concorrente e colaborativo, que facilitou o desenvolvimento, planeamento e concretização deste exercício.



CAP INF
PEDRO BALINHA

O 1º Batalhão de Infantaria Mecanizada de Rodas (1BIMec (R)), da Brigada de Intervenção, recebeu a incumbência de aprontar a 4ª Unidade de Crowd Riot Control (4ªUnCRC), no período compreendido entre os dias 06 de outubro e 12 de dezembro de 2014.

O aprontamento de forças com esta capacidade, resulta da necessidade do Exército Português dispor destas forças para garantir o cumprimento das suas missões em situações de alteração da ordem pública, tumultos ou outras situações de hostilidade por parte da população local, em virtude deste ser um cenário cada vez mais comum com o qual as Forças Nacionais Destacadas (FND) se deparam.

A 4ªUnCRC constituída com base na 2ª Companhia de Atiradores Mecanizada, do 1BIMec (R), concluiu o período de aprontamento com a realização do Exercício ESCUDO 142, o qual se realizou no período de 09 a 11 de dezembro de 2014.

Na fase I do aprontamento da força, releva-se as instruções de âmbito individual, no que respeita a técnicas e utilização de meios/armamento, bem como o estágio de CRC com a duração de duas semanas, ministrado no Regimento de Lançeiros N.º 2, o qual foi frequentado por 22 militares da 4ªUnCRC.

A fase II decorreu no RI 13 e terminou com o Exercício ESCUDO 142, para certificação da força.

Esta fase, iniciou-se com a orientação do treino para as unidades de escalão Secção, onde se incrementou o esforço nas técnicas, táticas e procedimentos, sedimentando a experiência adquirida em anteriores aprontamentos. Foi durante este período que se incluiu no treino a primeira abordagem ao binómio Força-Viatura, dando-se especial atenção às medidas de segurança a adotar, bem como às mais-valias que a VBR PANDUR II (8x8) introduz no emprego operacional. Nesta fase, foi ainda executado o treino de tiro com armamento individual, *Shotgun SPAS15*, na Carreira de Tiro no CTOE, e com o Lança-Granadas *COUGAR* no CITOFA, em Vila Real.

Numa perspetiva da progressividade do treino, o mesmo foi orientado para as unidades de escalão Pelotão, onde se incrementou o esforço na aplicação tática nas tarefas estáticas e dinâmicas, conciliando sempre com a utilização e emprego das VBR PANDUR II (8X8) neste processo. Para consolidar e uniformizar procedimentos, foram executados Exercícios de Situação de Pelotão, de forma a criar situações específicas de treino, com cenário controlado pelo Comando da Companhia.

Na sequência do treino de nível Pelotão, progrediu-se para o treino ao nível Companhia durante a qual foram



integradas as equipas de manutenção e de apoio sanitário no desenvolvimento do treino coletivo. O Treino Operacional focalizou-se no desenvolvimento de operações dinâmicas e estáticas, articulando as diferentes Subunidades de manobra com os meios de apoio da Companhia, criando para o efeito Exercícios de Situação de escalão Companhia, com a força de cenário que foi constituída por elementos da 1ª Companhia de Atiradores Mecanizada e da Companhia de Apoio de Combate, do 1BIMec (R).

O sistema e rede de comunicações foram, à imagem das equipas de manutenção e de apoio sanitário, integrados nesta fase com a utilização de meios TSF (E/R 525 e Sistema MARCONI) que se mostraram de grande eficácia operacional. Com emprego das VBR PANDUR II (8X8) nesta fase, um dos objetivos principais do treino, foi possível constatar o aumento de potencial de combate e de proteção de força com a correta utilização destes meios, assim como as necessidades adicionais de estudo do terreno e planeamento das operações.

De acordo com a orgânica de uma Companhia de Atiradores equipada com VBR “PANDUR II” a 2CAtMec/1BIMec (R) manteve, durante este período, uma Estrutura Orgânica de Pessoal e Material de 126 efetivos, conseguida através do reforço de efetivos cedidos pela 1ª CAAtMec/1BIMec (R).

O aprontamento terminou com o Exercício ESCUDO 142, de 09 a 11Dec14, integrado na Fase II do aprontamento, que pretendeu validar especificamente os níveis de treino de aperfeiçoamento operacional alcançados pela 4ªUnCRC, ministrados no âmbito do Plano de Treino Operacional, bem como a capacidade operacional da força. É de realçar o importante contributo para o treino da 4ªUnCRC que significou a integração neste exercício de outras capacidades adicionais, no caso concreto: de Equipas Sniper, do CTOE, e Equipas Cinotécnicas, do RL 2.

A certificação da 4ªUnCRC/BrigInt foi da responsabilidade da Brigada de Intervenção.





EXERCÍCIO “RELÂMPAGO 15”

No âmbito do PITOP, é realizado anualmente o Exercício da série “RELÂMPAGO”, onde os meios de Artilharia Antiaérea (AAA) da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército se constitui como Audiência Principal de Treino.

A edição 2015 da série “RELÂMPAGO”, que serviu de preparação para o Exercício “ORION 15” e para o exercício de alta visibilidade da NATO (“TRIDENT JUNCTURE 15” que se realizará em território nacional) decorreu em duas fases: a fase de planeamento, de 21 a 23 de abril no RAAA1, que visou exercitar os Comandos das unidades de AAA no planeamento de operações em apoio das forças de manobra/proteção de pontos e áreas sensíveis; e a fase da execução que decorreu sob

forma de Live Fire Exercise (LFX) entre os dias 27 e 30 de abril de 2015, na região da Fonte dos Morangos (Vieira de Leiria), permitindo o treino das



guarnições dos Sistemas Míssil Ligeiro CHAPARRAL, Portátil STINGER e Canhão Bitubo, incrementando assim a eficácia dos sistemas de AAA ao serviço do Exército português.

Para o exercício foram definidos um conjunto de objetivos, dos quais se destacam os seguintes:

(a) Realizar fogos reais envolvendo os Sistemas Míssil Antiaéreos FIM-92A STINGER e CHAPARRAL M48A2E1/M90 e o Sistema Canhão Bitubo AA 20mm/81;

(b) Realizar o planeamento da Defesa Antiaérea ao nível da Componente Terrestre (GAAA);

(c) Exercitar as técnicas de tiro com os sistemas mísseis e canhão de AAA empregando os vários sistemas de simulação disponíveis (Ballistic Aerial Target System (BATS), silhuetas, Balões a hélio e o recente sistema de alvos aéreos MQM-170A Outlaw(TBC));

(d) Exercitar procedimentos de coordenação do espaço aéreo e marítimo, em estreita ligação com a Força Aérea e com a Marinha.

O cenário utilizado foi o de “SOROTAN”, adaptado pelo G2/CFT para o “ORION 15”, tendo o Exército contado, em termos de meios empregues, com a participação de 45 viaturas e cerca de 250 militares do ramo, a participação do Curso de Formação de

Sargentos de Artilharia (CFSA), bem como a participação do NRP Schultz Xavier da Marinha, da Polícia Marítima e da



BA N°5 da Força Aérea com o intuito de interditar o espaço aéreo e marítimo, realçando-se ainda o apoio enérgico prestados por outras entidades, tanto militares como civis.

EXERCÍCIO “NEPTUNO 151”



Realizou-se, entre os dias 23 e 26 de fevereiro de 2015, no Campo Militar de Tiro de Alcochete, o Exercício “NEPTUNO 151”, que teve como Audiência Principal de Treino (PTA) a Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada de Intervenção (BtrAAA/BrigInt).



Este exercício teve como intenção o planeamento, a preparação e execução de operações militares simuladas com a finalidade de treinar e avaliar a doutrina e procedimentos, bem como a capacidade operacional da Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada de Intervenção, estando relacionado com os exercícios anteriores da mesma série e integrando-se na preparação da BAAA/BrigInt, de acordo com o ciclo de treino da Brigada de Intervenção.

O Exercício “NEPTUNO 151” permitiu através da prática, de carácter individual e coletivo, manter e aperfeiçoar as capacidades, conhecimentos e competências obtidas através do Ensino e da Formação de forma a manter a eficiência e a eficácia do desempenho dos militares nas suas funções, bem como exercitar a BtrAAA/BrigInt, no planeamento, controlo e condução do apoio às operações terrestres.

Os objetivos do exercício definidos pelo OSE foram os seguintes:

(a) Treinar, ao nível tático, as Unidades operacionais, envolvendo deslocamentos, reconhecimento, escolha, ocupação, organização e segurança de posições de tiro;

(b) Montar e organizar o Posto de Comando da Bateria tendo em vista o adequado comando e controlo das operações e tarefas a realizar;

(c) Exercitar a condução das operações das subunidades da BAAA/BrigInt através da execução de tarefas relacionadas com operações de combate em cenários definidos pela BrigInt;

(d) Praticar o planeamento e a coordenação do emprego dos meios da AAA;

(e) Exercitar o sistema de aviso e alerta aos diversos escalões, noturno e diurno, com o sistema Radar PSTAR;

(f) Aferir procedimentos de Normas de Execução Permanente da Bateria;

(g) Treinar a elaboração e fluxo de relatórios do Coman-



do da Bateria de Artilharia Antiaérea com as suas Subunidades.

No Exercício “NEPTUNO 151” estiveram

empenhados cerca de 70 militares e 18 viaturas, das quais se destacam 1 viatura tática pesada de Posto de Comando e 4 viaturas do sistema ligeiro CHAPARRAL.



No âmbito do treino operacional inserido no aprontamento do 2BIMec(R)/NRF2016 realizou-se o Exercício “MARTE 15”, de 14 a 21 de abril, nas regiões de Mangualde, Arganil e Santa Comba Dão.

Este exercício possibilitou praticar o planeamento e a condução de Operações Táticas, consolidar os procedimentos no âmbito do Processo de Decisão Militar, dinamizar o treino de armas combinadas e garantir a validação do treino das suas subunidades, contribuindo para a consolidação do espírito de corpo e reforço da sua capacidade operacional.

Para o efeito, apoiou-se num cenário no qual são tidas em consideração, as ações características das Operações Ofensivas e das Operações de Estabilização, tendo por referencial a doutrina da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

O exercício foi conduzido em duas 2 fases distintas. A primeira fase materializou-se na condução de uma marcha para o contacto para atingir o objetivo e rapidamente conquistá-lo.



de operações ofensivas ao moderno campo de batalha, em que a operação foi executada entre a malha populacional da região e os eixos principais de ataque assentaram naturalmente na densa e sinuosa rede estradal da região beirã, obrigando a um exigente esforço de comando e controlo.

Na segunda fase da operação, a força visou contribuir para a criação de um ambiente seguro e estável, especificado na segurança da população e infraestruturas chave na Área de Responsabilidade, a fim de estabelecer um ambiente seguro e estável.



Por forma a familiarizar a força com um cenário que pudesse ser trabalhado ao longo de todo o aprontamento operacional, procurou-se adotar e adaptar a conjuntura definida para o exercício de grande visibilidade da NATO, o *TRIDENT JUNCTURE 2015*, que ocorrerá entre os dias 21 de outubro e 05 de novembro do corrente e que culminará o processo de aprontamento do 2BIMec(R)/NRF2016, integrado numa Brigada Multinacional de comando Canadano.

O Exercício “MARTE 15” terminou em 21 de abril com um Open Day que contou com a presença do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Faria Menezes e do Presidente da Câmara de Santa Comba Dão, entre outras autoridades civis e militares, locais e regionais, que puderam assistir a uma demonstração tática no quadro das operações ofensivas realizada pela 1.^a Companhia de Atiradores Mecanizada (Rodas), equipada com as VBR PANDUR II 8x8.

O exercício culminou com um imponente movimento das principais viaturas orgânicas do 2BIMec(R), participantes no exercício, pela Avenida General Humberto Delgado em Santa Comba Dão, em que inúmeros cidadãos aplaudiram entusiasmaticamente a passagem dos militares pela região do Dão, numa clara proximidade entre militares e civis.



O 2BIMec(R)/NRF2016 foi para este efeito reforçado com uma Secção Antiaérea e uma Secção de Engenharia, com o intuito de praticar o emprego de armas combinadas. Iniciou movimentos para uma Zona de Reunião materializada na região de Corvaceira (Mangualde), onde refinou planos e ordens, através da execução de um *Rehearsal of Concept (RoC drill)* até ao nível pelotão e secções independentes (Canhão e Vigilância do Campo de Batalha) procurando visualizar a manobra ofensiva planeada, permitindo uma profunda coordenação entre todas as subunidades constituintes do batalhão.



O objetivo a conquistar foi materializado no aeródromo de Coja (Arganil) e visava expulsar as forças invasoras do território de um país colapsado. Esta ação foi uma excelente oportunidade de treino, não apenas por permitir treinar a tipologia de tarefas mais prováveis que a força pode vir a ser chamada a cumprir em caso de empenhamento ao serviço daquela Organização Internacional, como permitiu ainda aproximar o conceito

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



EXERCÍCIO “MERCÚRIO 15” RECCE COY/PRT ARMY 2015



No dia 02 de fevereiro de 2015, a *Recce Coy – PRT Army 2015* realizou o Exercício “MERCÚRIO 15” no Campo Militar de Santa Margarida.



Esta subunidade terminou o seu período de prontidão a 31 de dezembro de 2014 para a *NATO Response Force 2014* e preparou-se para ser projetada para a Lituânia no âmbito das *Assurance Measures 2015*.

O exercício visou a manutenção das capacidades adquiridas em 2013/14 ao nível da projeção de forças, planeamento e condução de operações táticas e execução de fogos reais com os sistemas de armas das viaturas PANDUR II e com o armamento individual.

Participaram no exercício os 140 militares da *Recce Coy* envolvendo 23 PANDUR, 03 V600 e 13 viaturas ligeiras, médias e pesadas. Participaram também, neste exercício, o Módulo de Comunicações dedicado à *Recce Coy* e uma Equipa de Manutenção da CMan/BrigInt.

EXERCÍCIO “PRISTINA 151” DO GAM KFOR

O Grupo de Autometralhadoras/Kosovo Force (GAM/KFOR) projetou no dia 28 de fevereiro de 2015 o grosso da força para a região de Cabeceiras de Basto, com a finalidade de participar no exercício final de aprontamento “PRISTINA 151”.

O deslocamento foi efetuado em 02 unidades de marcha, com o Comando e Estado-Maior e a Companhia Bravo (BCoy) do GAM/KFOR, em direção ao Centro Hípico de Cabeceiras de Basto, local onde a força ficou aquartelada, e que simulou, em termos de cenário, o CAMP SLIM LINES, no Kosovo.

Após a chegada e instalação, o GAM/KFOR realizou, durante o restante dia de sábado e no dia de domingo, o teste de todos os sistemas de comunicação (*Warm Up*), reconhecimentos à Área de Operações e testou os procedimentos relativos ao Plano Contra Incêndios e Plano de Defesa a implementar durante o exercício.

Estes primeiros dias em Cabeceiras de Basto foram ainda, marcados pela presença do Exmo. Comandante do RC6, que visitou o dispositivo implementado no Centro Hípico de Cabeceiras de Basto, constituindo-se como fator de motivação para todos os que integram o GAM/KFOR.

Alguns populares, da simpática vila de Cabeceiras de Basto, não se mostraram indiferentes à presença dos militares e fizeram questão de visitar o aquartelamento.

Durante este exercício, o GAM/KFOR colaborou com as autoridades locais através do seu módulo de engenharia, na movimentação de terras e adequação do campo de tiro em Arco de Baúlhe, e a disponibilização do médico para apoio à população local, em coordenação com as autoridades de saúde locais, através de consultas e realização de diversos rastreios.

A Bravo Coy realizou varias ações de treino operacional, tais como escoltas, patrulhamentos e diversas ações de *Crowd Riot Control (CRC)*.



No âmbito da imagem do Exército junto da sociedade civil, foi montada uma exposição de viaturas na Praça da República em Cabeceiras de Basto e na casa da cultura daquela vila, uma exposição alusiva às Forças Nacionais Destacadas para o Teatro de Operações do Kosovo.

De 02 a 04 de março de 2015 a força foi sujeita a uma avaliação da prontidão para o combate (CREVAL) por parte de uma equipa de inspetores da IGE. A equipa de inspetores após verificar in loco as capacidades da força considerou-a como “READY” e como tal, em condições de ser certificada pelo Exmo. Gen CEME.

No dia 06 de março de 2015 realizou-se uma demonstração de capacidades, no Jardim do Mosteiro no centro de Cabeceiras de Basto, a que assistiram diversas entidades militares e civis, destacando-se a presença do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Faria de Meneses e o Presidente da Câmara Dr. China Pereira. A população local marcou também a sua presença, nomeadamente as crianças de diversas escolas que emolduraram a zona abrangente ao jardim.

No exercício foram empenhados todos os militares do GAM/KFOR e mais 78 militares no apoio real ao exercício e na montagem do controlo, arbitragem e forças de cenário.

No domingo, dia 1 de março, o Capelão do GAM/KFOR Padre Artur Gonçalves, realizou no interior do aquartelamento a missa para os militares da força.

Estiveram presentes neste exercício a totalidade dos 177 efetivos do GAM/KFOR, divididos por 20 Oficiais, 39 Sargentos e 118 Praças e ainda 46 viaturas (40 administrativas e 6 táticas).



OS EFETIVOS NA BRIGADA DE INTERVENÇÃO



O efetivo da Brigada constitui um dos indicadores mais importantes para avaliar a sua capacidade operacional e é um dos principais fatores influenciadores do processo de tomada de decisão.

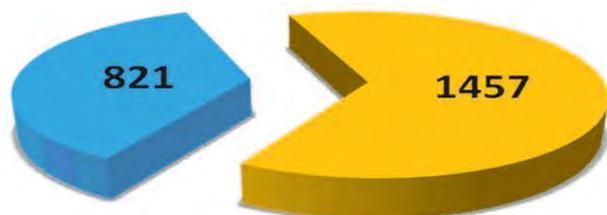
Quando analisamos a problemática dos efetivos da Brigada de Intervenção (BrigInt), deveremos ter presente que a Brigada possui uma Componente Fixa, materializada pelos Órgãos de Base (Regimentos e Unidade de Apoio) e uma Componente Operacional materializada pelos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças (ECOSF), que inclui Forças de Apoio Geral (FAPGeral).

Em 30 de maio de 2015, a Brigada de Intervenção detinha 2278 efetivos, cuja relação entre as duas componentes está explanada no gráfico seguinte:



Da análise destes números importa salientar a proporção existente entre os efetivos da componente fixa e os efetivos da componente operacional, que se traduz na relação de 1 para 1,8, relação que já apresentou um rácio superior, em resultado:

- Da integração do RA5, em finais de 2014, na dependência da BrigInt, com o incremento de mais uma estrutura fixa, sem o respetivo complemento em termos da componente operacional, pois o Grupo de Artilharia de Campanha já integrava a estrutura operacional;



■ CF (7 Reg + UnAp) ■ ECOSF (BrigInt)

Rácio 1 : 1,8

- Da redução geral de efetivos em 2014, com a passagem à reserva de quadros, dos quais 06 TCOR, 02 MAJ, 03 SMOR, 03 SCH, 06 SAJ e a passagem à disponibilidade de praças, sem o respetivo recompletamento.

- Organização do 2BIMEc(R)/NRF2016, que implicou uma seleção de militares, recaindo a escolha naqueles cujo contrato se estendia para além de finais de 2015, com a transferência dos demais para a componente fixa do RI14;

- De dificuldades na gestão das especialidades disponibilizadas pela administração de pessoal;

Esta situação pode verificar-se pela observação dos gráficos a seguir apresentados onde é patente a evolução dos efetivos da BrigInt, numa relação inversa, desde 2012 até ao presente, com as respetivas implicações. A componente fixa evoluiu em resultado do incremento de mais um Regimento enquanto a componente operacional se viu diminuída, de forma progressiva e continua.

Estas alterações e as respetivas implicações, têm levado a uma mais cuidada e ajustada gestão dos efetivos, na Brigada como um todo, e nos Regimentos, em particular, de forma a manter a capacidade de resposta, pronta e oportuna, aos desafios e missões atribuídas à BrigInt, onde se destaca o elevado empenhamento de potencial humano na preparação e treino das suas forças operacionais, para o cumprimento de compromissos internacionais assumidos por Portugal e pelo Exército.

Neste particular destaca-se a presença do Grupo de Auto Metralhadoras na missão do Kosovo (KFOR) com 177 militares, a *RecceCoy/FND* no âmbito das Assurance Measures 2015, da NATO, na Lituânia com 140 militares e o aprontamento, iniciado em janeiro de 2015, do 2BIMEC(R), com 607 militares e do Elemento de Apoio Nacional (NSE), com 93 militares, integrados na NRF 2016.



Pelo exposto fica patente a vontade e capacidade da Brigada em cumprir as tarefas atribuídas e alcançar as metas estabelecidas, alicerçadas no espírito de corpo e comprometimento com a missão, procurando em cada momento a excelência, retirando ensinamentos e perscrutando em que sectores podemos ainda ser e fazer melhor.

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



SAJ CAV
JOÃO CRUZ

A Brigada de Intervenção (BrigInt), como Grande Unidade pertencente ao Elemento da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército (ECOSF), prepara-se para, à ordem, cumprir as missões que lhe forem atribuídas no âmbito da segurança e defesa do território nacional e dos cidadãos, assim como os compromissos internacionais assumidos por Portugal.

Neste sentido, a BrigInt é responsável pela organização e aprontamento de forças para diversos Teatros de Operações (TO), devendo os seus militares estar preparados, não só para a ameaça convencional, mas também para o confronto assimétrico, que abrange aquilo que até à pouco tempo designávamos por guerra irregular (o terrorismo, a insurreição, as ações executadas por um inimigo não convencional), assim como as ameaças capazes de desorganizar ou pôr em causa o atual conceito de sociedade e liberdades individuais e, ainda, o uso de tecnologias capazes de afetar a sociedade de informação e o ciberespaço, as ações de guerra química, biológica, nuclear e radiológica.

Hoje, mais do que nunca, em território nacional, mas principalmente nos TO, os nossos militares devem estar sensibilizados para a ameaça representada pelas estruturas de informações hostis e organizações ou indivíduos envolvidos em **Terrorismo, Espionagem, Subversão, Sabotagem e Crime Organizado** (TESS+C), não esquecendo a Criminalidade Informática e a Agitação Social (*civil unrest*).

Pretende-se com este artigo demonstrar a importância das Informações e da Contra-Inteligência (CI) num TO e fazer uma breve apresentação da ameaça TESS+C, bem como enunciar algumas medidas de identificação que ajudem à deteção deste tipo de ameaça e algumas medidas de proteção que visem a sua neutralização.

Segundo o PDE 2-00 Informações, Contra-Inteligência e Segurança, as medidas de proteção são definidas como um sistema organizado de medidas defensivas estabelecidas e mantidas a todos os escalões de comando, com o objetivo de alcançar e manter a segurança. Estas medidas são executadas no âmbito da Segurança Pessoal, Segurança Física, Segurança Organizacional, Segurança da Informação (INFOSEC – *Information Security*) e Processamento Automático de Dados (ADP – *Automatic Data Processing*).

INFORMAÇÕES E CONTRA-INFORMAÇÃO

As Informações fornecem ao comandante uma avaliação das modalidades de ação, capacidades, potencial de combate, dispositivo e organização do inimigo, bem como uma previsão das suas intenções. Fornecem, também, uma avaliação da influência das características da área de operações no cumprimento da nossa missão e na do inimigo, assim como uma avaliação das nossas ações sobre o inimigo (PDE 2-00).

Por sua vez, a CI é definida como o conjunto de atividades relacionadas com a identificação e neutralização da ameaça à segurança, constituída por serviços de informações e organizações hostis ou por indivíduos relacionados com espionagem, sabotagem, subversão ou terrorismo.

É importante ainda referir que, apesar de não ser largamente

perceptível, a CI é uma atividade bastante ativa em qualquer situação de paz ou conflito e inclui a obtenção de informações de segurança e a neutralização da ameaça, através da identificação das capacidades de Informações, Vigilância, Aquisição de Objetivos e Reconhecimento (ISTAR – *Intelligence, Surveillance, Target Acquisition and Reconnaissance*) do inimigo. Contribui para a negação da informação ao inimigo e para a preservação e proteção da Força Amiga (PDE 2-00).

Em ambientes onde é mais difícil identificar as ameaças, torna-se necessário aumentar a interação entre a CI e a *Human Intelligence* (HUMINT)⁽¹⁾

As atividades de Informações e CI englobam a pesquisa sistemática de informação e reporte expedito e apropriado; a análise de informação e produção de Informações; investigações TESS; operações, de rotina ou não, em tempo de paz ou de crise; ligação com outras estruturas de Informações; operações com fontes de Informações; *screening*⁽²⁾ de refugiados, PGs, e detidos; *vetting*⁽³⁾ de empregados locais e briefings de avaliação de ameaça.

A AMEAÇA TESS+C

Para uma melhor compreensão do tema, passo a citar algumas definições dos elementos que compõem a ameaça TESS+C. De referir que estas definições variam de país para país, de organização para organização, sendo umas mais abrangentes do que outras.

Terrorismo - Utilização ilegal, de forma efetiva ou potencial, da força ou violência contra pessoas ou bens, tentando coagir ou intimidar governos ou sociedades, para alcançar objetivos políticos, religiosos, étnicos ou ideológicos (PDE 2-00). O terrorismo envolve atos criminosos normalmente de natureza simbólica e com o intuito de influenciar um público geral, para além das vítimas imediatas.



⁽¹⁾ HUMINT é a informação obtida através de notícias fornecidas por origens humanas. É a recolha de informação, que satisfaça os requisitos de informação definidos superiormente, através da interação entre especialistas de Informação Humana e fontes humanas presentes no Teatro de Operações (PDE 2-00)

⁽²⁾ Screening é o processo de avaliação e seleção humana e de fontes de mídia para a recolha de informações prioritárias em apoio aos PIRs-Priority Intelligence Requirements do comandante. (FM 2-0 Intelligence)

⁽³⁾ Vetting é um processo utilizado para avaliar e selecionar indivíduos para determinadas funções.



Espionagem - Obtenção de notícias com interesse para ações futuras de natureza militar, psicológica, política, económica ou de qualquer outra natureza (CINF-0).

Tentar adquirir informações classificadas ou sensíveis clandestinamente ou ilegalmente a fim de ajudar uma potência estrangeira (AJP-2).

As estruturas de Informações hostis, grupos insurgentes, empresas e empregados locais, ONGs, etc. tentam obter planos, detalhes de equipamentos, listas e detalhes de pessoal, capacidades, intenções, esquemas, etc., em suma, toda a informação que possam utilizar em proveito dos seus interesses, podendo causar dano nas nossas Forças.

Os seus alvos são militares no ativo e na reserva, empresas e pessoal civil contratado, familiares e amigos, qualquer um

Subversão - Ação destinada a desviar a lealdade do nosso pessoal, com o objetivo de o tornar indiferente, desafeto ou, mesmo, de o levar a cooperar com o inimigo. A enfraquecer o potencial militar, económico e político de uma Nação, minando o moral, a lealdade e a confiança dos seus cidadãos (CINF-0). Ação projetada para enfraquecer o poder militar, económico e político de uma nação minando o moral, a lealdade e a confiança dos seus cidadãos (APP-6) (AJP-2).



Crime Organizado – Assenta sobretudo em atividades como, o narcotráfico, rapto, tráfico humano e contrabando, ou seja, tem como objetivo um enriquecimento rápido e ilícito e que pode influenciar negativamente a economia do TO.

Crime Informático – Pode ser efetuado através da intrusão, exploração, monitorização, adulteração ou mesmo utilização indevida dos meios informáticos. Se tivermos em consideração que o Comando e Controlo de uma Força Multinacional, num TO, assenta muito em sistemas informáticos, este tipo de crime é uma séria ameaça ao cumprimento da missão.

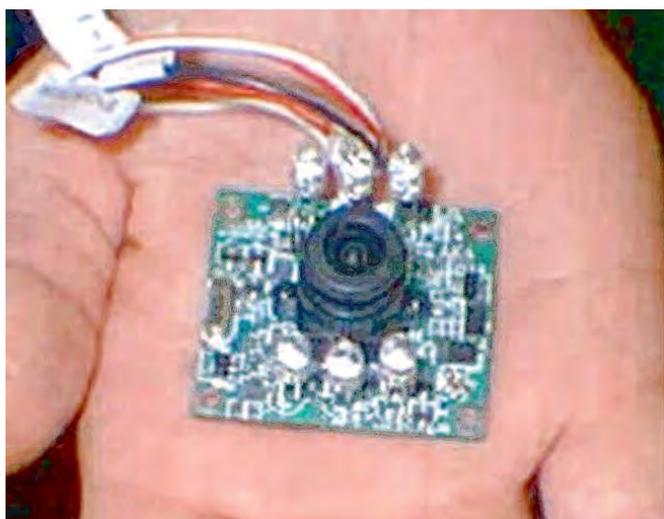
ACÇÕES QUE POTENCIAM A AMEAÇA TESS+C

Num TO, no que diz respeito à ameaça TESS+C, a Força só se considera segura quando a informação, o pessoal, o material, as atividades e as instalações estão protegidas.

Esta ameaça pode ser proveniente de indivíduos que não pertençam à organização, mas que devido a uma relação profissional ou contratual, tenham acesso a pessoal da organização, instalações e atividades e cometam atos de terrorismo, espionagem, sabotagem ou subversão contra elementos da nossa Força. Os métodos utilizados podem englobar intimidações, solicitações diversas, subornos, sedução, mudanças de ideologia ou de postura, entre outras, e podem recair sobre intérpretes, seguranças, cozinheiros, condutores, empregados de limpeza, etc.

Por outro lado, a ameaça pode também ser proveniente de membros das forças aliadas, que decidem, consciente ou inconscientemente, (elicitation) ⁽⁴⁾ fornecer informação sensível ao adversário. Neste caso, envolve indivíduos que pertençam à jurisdição da Força, militares e civis de nações aliadas que trabalhem com e/ou para a Força.

(4) elicitation é uma técnica usada para recolha de informações de forma discreta. É uma conversa com o propósito específico de recolher informações que não estão normalmente disponíveis e fazê-lo sem levantar suspeitas de quais os verdadeiros objetivos. (FBI-CounterIntelligence)



com potencial colocação, acesso ou contacto.

A abordagem pode ser feita através de encontros, redes sociais, contactos telefónicos, roubo, extravio e comprometimento de documentos, intrusão em sistemas informáticos, internet websites, más práticas de segurança, etc.

Sabotagem - Ação clandestina, destinada a provocar danos ou avarias no material e a provocar a destruição, mesmo parcial, de instalações. É a destruição, ruína ou avaria intencional de equipamento, material ou instalações por elementos hostis, ou a favor destes. (CINF-0) Todos os atos ou omissões, que não operações militares, com intenção de causar dano físico a fim de ajudar um adversário ou para promover um objetivo político subversivo (AJP-2).





Existem diversas ações que podem aumentar probabilidade de ameaça TESS+C, tais como a destruição não completa de documentos que permita a sua recuperação total ou parcial, conversas em sistemas não seguros, discussão de operações em ambientes não seguros ou a desclassificação e guarda indevida de relatórios classificados. Não nos esqueçamos que existem habitualmente *Locally Employed Personnel* (LEP) com capacidade para extrair informação e entregá-la a quem entenderem.



A partir do momento em que se partilha informação em fontes abertas, esta torna-se de domínio público (*Facebook*, Blogs, Portais Sociais, Chats). Todos devemos por isso ter em atenção que a informação que se publica pode comprometer o próprio indivíduo e terceiros (a Força, família, amigos) e que as estruturas de informações hostis exploram estas vulnerabilidades.

COMO MINIMIZAR A AMEAÇA TESS+C?



As medidas de proteção (PDE 2-00), anteriormente enunciadas, têm como objetivo detetar qualquer tentativa, por parte de pessoal não autorizado, de aceder aos controlos (sistemas de comando e controlo); evitar o acesso a informação por parte de estruturas de informações hostis, organizações subversivas, criminais, terroristas e grupos ou indivíduos, causando perturbações ou subvertendo o pessoal militar ou civil; fornecer padrões mínimos de segurança que possam ser aplicados em todas as Unidades; evitar a possibilidade de acesso não autorizado a informação digital e a destruição ou alteração da informação em redes ADP ou em computadores pessoais; e apoiar a investigação de especialistas nas falhas de segurança.

No sentido de minimizar a ameaça TESS+C, poderemos implementar, entre outras, as seguintes ações: proteger a informação classificada, recaindo esta responsabilidade sobre quem tem a sua custódia ou conhecimento; conceder acesso a essa informação apenas a pessoal devidamente credenciado e com necessidade de conhecer; garantir a manutenção de registos, diários ou documentos classificados privados, bem como a proibição de remoção não autorizada de material classificado; reportar de imediato comprometimentos de informa-

ção e atos TESS+C (efetivos ou tentados); proibir a partilha de contas classificadas (ou outras) e minimizar e controlar a utilização de drives USB; obrigar ao registo e controlo de impressão de documentos classificados, assim como a sua destruição (devem ser queimados ou triturados, NUNCA deitados no lixo); não transportar nem falar sobre informação classificada em meios não seguros;

Devemos, ainda, reportar sempre que alguém nos coloca questões sobre as nossas funções, que possam indiciar um interesse anormal nos planos da nossa Força, nas suas capacidades ou intenções; quando identificamos, suspeitamos ou presenciarmos atos de espionagem contra militares da nossa Força, civis ou LEP; quando detetamos intrusões ou tentativa de intrusão, identificadas ou suspeitas, em sistemas informáticos classificados ou não classificados da nossa Força; e quando percebemos que as instalações da nossa Força ou dos nossos aliados estão sob vigilância.

Perante a suspeita de uma ameaça TESS+C, devemos recordar detalhes, não nos comprometermos, não investigarmos e reportarmos o incidente imediatamente, mesmo que nos pareça insignificante.

CONCLUSÕES

A conjuntura atual é complexa e influenciada, quer por atores diversos, quer por um grande número de possibilidades de conflitos, o que obriga a que as forças militares enfrentem um ambiente operacional global dinâmico, multidimensional e cada vez mais interligado. As alterações constantes da natureza dos conflitos conduzem a uma contínua mudança das características da guerra, o que obriga a uma permanente adaptação às diferentes ameaças.

O Terrorismo, a Espionagem, a Subversão, a Sabotagem e o Crime Organizado são uma realidade cada vez mais presente nos TO's para os quais somos projetados, onde a nível de ameaça de cada um dos elementos do TESS+C é que varia consoante as características do TO.

O ataque às nossas informações, sistemas de informação e infraestruturas de decisão, é uma ameaça permanente, que pode conduzir à degradação dos nossos sistemas de comando e controlo e às nossas potencialidades ISTAR. A desacreditação das nossas Forças pode enfraquecer alianças e coligações, degradar o apoio da opinião pública e incitar à condenação interna e internacional. Para esse efeito, não podemos também deixar de considerar que a população civil local pode ser usada como cobertura e sustentação para ações hostis à nossa Força ou aos nossos interesses.

As células de Informações e Contra-Informação, assentam a sua ação num conjunto de actividades relacionadas com a identificação e neutralização da ameaça à segurança das nossas Forças e, neste sentido, serão sempre uma mais-valia, tanto na avaliação geral do TO, para o processo de decisão dos seus Comandantes, como na consciencialização dos militares para que sejam sistematicamente tomadas todas as medidas que minimizem os riscos da ameaça.

Cumprindo as mais elementares regras de segurança, sere-mos sempre todos e cada um de nós, os primeiros agentes de informação e contra-informação e o primeiro grande obstáculo à ameaça TESS+C.



TCOR INF
VARANDA PINTO

1. Introdução

A Gestão do Risco tem vindo a assumir um papel cada vez mais importante nos Exércitos com que temos vindo a colaborar, constituindo um elemento fundamental para o emprego de Forças em Ambientes Operacionais caracterizados por uma crescente instabilidade e complexidade.

O militar convive com riscos durante toda a sua vida profissional. Seja no treino, em operações, ou no seu quotidiano dentro e fora do quartel, a possibilidade iminente de um dano físico, ou da morte, é um facto permanente da profissão militar. As tarefas e missões que lhe são atribuídas exigem um elevado nível de robustez física e mental, não só na participação em missões operacionais decorrentes de eventuais conflitos, para os quais deve estar sempre preparado, mas também no quotidiano da Unidade e em outras atividades.

A morte de um militar em combate ou devido a um acidente no treino operacional pode ter um efeito devastador sobre o moral e eficácia de uma Unidade.

Também os efeitos de crimes, suicídio, violência, abuso de drogas e álcool, entre outros comportamentos irrefletidos dos militares, podem igualmente degradar o moral da Unidade e deteriorar significativamente a sua eficácia para combate, treino e para o cumprimento das atividades administrativas.

2. Generalidades

A gestão do risco na atividade operacional é um processo que inclui a avaliação dos riscos e uma estratégia de mitigação para esses mesmos riscos. Este processo apoia os Comandantes a tomarem decisões fundamentadas, para reduzir o risco associado às diversas atividades que executam. Um plano de mitigação de risco é idealizado para eliminar ou minimizar o impacto dos eventos de risco (acontecimentos), que têm consequências negativas sobre a sua atividade operacional e naturalmente na sua atividade em geral.

A identificação do risco é em simultâneo um processo criativo e metódico. Criativo porque inclui sessões de brainstorming, onde o grupo responsável desenvolve uma lista identificando o que pode correr mal, pelo que, todas as ideias nesta fase inicial são de considerar, sendo a avaliação das mesmas efetuada numa fase posterior. Metódico, porque, por norma, se apoia num conjunto de ferramentas, técnicas e procedimentos incorporados em publicações doutrinárias, NEP, etc.

3. Processo de Gestão do Risco

a. O Processo

Não pretendemos ser exaustivos no que se refere à doutrina e à explicação do processo, mas não poderíamos deixar de abordar aquelas que são as etapas da gestão do risco e apresentar os seus princípios.

(1) O Ciclo de Gestão do Risco



Figura 1 - A Gestão do Risco como processo cíclico e contínuo

(2) Os Princípios

Os princípios da gestão do risco representam o conjunto de fatores que afetam a conduta da gestão do risco, logo não podem ser entendidos como uma lista de verificação de técnicas e procedimentos. Tal como todos os princípios, são o resultado da observação de um conjunto de fatores de sucesso, decorrentes da aplicação do processo. Os Comandantes devem procurar retirar ensinamentos da sua experiência por forma a estabelecer princípios chave, ou orientadores, para a condução da gestão do risco. A integração da Gestão do Risco em todas as fases de missões, operações ou treino, o tomar decisões de risco ao escalão adequado, o não aceitar nenhum risco desnecessário e o aplicar a gestão do risco ciclicamente e de forma contínua, são os princípios orientadores do processo de gestão do risco.

b. Factos, Avaliação e Soluções

Uma possível abordagem, para que possamos efetuar uma efetiva implementação da gestão do risco, tem por base a interligação entre três variáveis, que devem ser tidas em consideração. Quando procuramos identificar uma solução para fazer face ao que aconteceu, ou seja, a solução para uma causa de risco, temos que escrupulosamente analisar as lacunas que lhe deram origem e, só assim, a solução para um problema é efetivamente uma resposta adequada para aquela causa e não apenas uma resposta em si mesmo.

| O Que aconteceu (causas) | Porque aconteceu (lacunas) | Que fazer (soluções) |
|---|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Erro humano • Falha material • Fatores ambientais | <ul style="list-style-type: none"> • Comando, Liderança ou Individuais • Apoio, meios, etc. • Procedimentos, normas, etc. • Treino ou formação | <ul style="list-style-type: none"> • Controlos • Ações corretivas e preventivas • Contramedidas |

Tabela 1 – Factos, Avaliação e Soluções

c. As aplicações da gestão do risco

(1) Na Atividade Operacional

Na atividade operacional, quer seja no treino operacional, aprontamento de forças, períodos de *stand-by* ou em operações, a gestão do risco vem espelhada nos diversos documentos que enquadram cada uma dessas atividades.

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



Documentos como, diretivas para exercícios, o Exercise Plan (EXPLAN), as Ordens/Planos de Operações, entre outros, permitem efetuar o processo cíclico e contínuo de gestão do risco.

Ainda que para alguns destes documentos não exista a obrigatoriedade da inclusão da gestão do risco, parece-nos fundamental que estes documentos enquadrantes das várias atividades incluam em todas as circunstâncias a correspondente gestão do risco.

(2) Em Outras Atividades

Os acidentes de viação nos períodos de licença é provavelmente uma das principais causas de morte acidental de militares. Mesmo partindo do pressuposto que cada militar tem uma responsabilidade individual para evitar esses acidentes, os comandantes, por outro lado, devem estar atentos na identificação de comportamentos de risco. A gestão do risco é um excelsa auxiliar para os comandantes reconhecerem esses perigos, os comportamentos e situações que podem levar a uma eventual fatalidade.

(3) Exemplo

O exemplo que apresentamos para uma atividade de gozo de licença, é simples e baseado numa situação pouco complexa que, poderá ser extrapolado para situações complexas de combate ou treino operacional, ainda que, para situações complexas a existência de controlos para eliminar um determinado perigo sejam raras ou mesmo inexistentes, sendo na sua maioria controlos para minimizar o risco. Importa assim trazer aqui o conceito de controlo que, não é mais do que uma ação executada para eliminar um perigo ou reduzir o risco.

Situação: Regresso de um exercício de duas semanas; a maioria do pessoal está com sinais de fadiga; no último dia a retração da força foi demorada face à distância para a unidade; os dois fins-de-semana sem contacto com os familiares aumentam a ansiedade de chegada a casa; os militares vão gozar 3 dias de licença.

Tarefa: Deslocamento para o local de destino.

Perigos: Condução; fadiga; consumo de álcool, etc.

Controlos: Aconselhar a utilização de transportes públicos; palestra para relembrar procedimentos de segurança na condução; persuadir para a utilização de mais que um condutor; autorizar a saída após período de descanso obrigatório; etc.

Este pequeno exemplo é elucidativo da identificação dos perigos, da sua avaliação e da implementação de controlos para minimizar o risco.

Ainda que, nos possa parecer do “senso comum” e evidente o adotar dos exemplos de controlos que indicamos neste exemplo, nem sempre se verifica essa implementação, muito pelo facto de não estar enraizado um processo formal de gestão do risco e muitas vezes apenas a condução de um processo informal.

4. A Gestão do Risco na BrigInt

a. A documentação que estabelece as orientações para a condução do treino operacional (Plano Integrado de Treino Operacional (PITOP)), em particular o EXPLAN, não contempla a elaboração de documentos específicos relativos à gestão do risco, ainda que não seja limitativo, podendo ser elabo-

rados um conjunto de anexos que incluam esta mesma gestão do risco.

b. A BrigInt tem vindo a exercer um esforço no sentido de, documentos como sejam as Diretivas, OOp/PIOp, OParc, EXPLAN, entre outros, contemplem a gestão do risco conforme a exigência da atividade em causa, pelo que, as suas Subunidades operacionais têm vindo a conduzir o processo de gestão do risco através da sua inclusão nos documentos enquadrantes para o seu treino operacional.

c. Os nossos Regimentos, ao seu nível, com base na especificidade das suas atividades, na participação nas missões de apoio ao desenvolvimento e bem-estar das populações e na sua atividade diária na Unidade, têm vindo a desenvolver mecanismos que permitam efetuar essa mesma gestão do risco.

d. Sabemos que ainda estamos numa fase de aperfeiçoamento e consolidação no planeamento, execução e avaliação do Processo de Gestão do Risco. No entanto, o caminho que já percorremos permite-nos considerar que seguimos na direção certa e que cada vez mais as atividades operacionais e administrativas das nossas Unidades terão associadas uma eficiente gestão dos riscos associados à missão da Brigada.

5. Conclusão

A gestão do risco continuará por certo a constituir-se como uma ferramenta a ganhar a confiança dos Comandantes e a ser considerada como uma prioridade aos diferentes níveis, no seio da BrigInt.

Os Comandantes, ao estabelecerem e manterem um conjunto de medidas que promovam a coesão, trabalho em equipa, e desempenho como orientações para o promover do bem-estar dos seus subordinados, estão certamente a introduzir um elemento facilitador de todo o processo de gestão do risco e a potenciar o estado final que se pretende atingir, isto é, as “zero baixas”.

Neste contexto, a gestão do risco deixará também de ser vista como a reação a um problema quando este ocorre, passando a ser de âmbito preventivo, no sentido do preservar o potencial de combate quando em operações ou o potencial humano nas restantes atividades em geral, tornando-se proactivo, ou seja, controlar a situação e preparar soluções para possíveis problemas futuros, sendo assim criador de potencial e um contributo decisivo para o cumprir da missão.

Integrar a Gestão do Risco na forma como pensamos, é crucial para manter o potencial humano e preservar os recursos materiais de uma Unidade e assim garantir o cumprimento eficiente da missão da BrigInt.

BIBLIOGRAFIA:

MDN. (2007). *PDE 5-00: Planeamento Tático e Tomada de Decisão*. Lisboa, Exército Português.

U. S. Army. (2006). *FM 5-19 – Composite Risk Management*. Washington, Department of the Army.

U. S. Army. (2014). *ATP 5-19 – Risk Management*. Washington, Department of the Army.

U. S. Army. (2014). *Pamphlet 385-30 - Risk Management*. Washington, Department of the Army.

U.S. Army Infantry School (2014). *PB 7-15-1, October 2014-March 2015 Volume 104, Number 1 – Infantry, Perspective Changes And Risk Management*. Washington, Department of the Army.



MAJ INF
ANSELMO DIAS

A complexidade do atual campo de batalha, em que as variáveis de missão⁽¹⁾ estão em permanente mutação, exige adaptações constantes de forma a explorar as vulnerabilidades do adversário. Para tal, exige-se, aos Comandantes, um elevado nível de autonomia na sua ação de comando e liderança, independentemente do escalão das unidades.

O Comando Missão é uma resposta à incerteza e ambiguidade dos conflitos armados. É tanto uma filosofia de Comandantes quanto uma função de combate. Para tal, o conceito sofreu um processo de desenvolvimento, não sendo os norte-americanos os pioneiros na sua conceção, foram os que efetuaram alterações mais significativas em termos doutrinários. Em termos nacionais, deve ser, de igual modo, encarado como uma filosofia e/ou como uma função de combate. Em relação à primeira situação, define-se como o exercício da autoridade e direção pelo Comandante, valendo-se das ordens tipo missão, de modo a permitir que a iniciativa se desenvolva no conceito da intenção do Comandante, preparando os Comandantes subordinados, nos diversos escalões, para se adaptarem facilmente à situação na condução das operações terrestres. Como função de combate, relaciona-se pelas tarefas e sistemas que capacitam o comandante no equilíbrio da arte de comando com a ciência do controlo, para integrar as demais funções de combate.

O presente artigo tem por finalidade abordar o conceito Comando Missão e fornecer contributos para a sua compreensão e reflexão.

Abordagem Concetual

A designação Comando Missão tem apresentação e especial enfoque no *Auftragstaktik*⁽²⁾, e os seus principais elementos são: Intenção do Comandante, Missão pela Finalidade, Liderança Militar e o Controlo. Após a compreensão do problema tático, era expresso aos Comandantes subordinados o estado final desejado, através da intenção e atribuição de tarefas baseadas na finalidade a atingir.

Após a II Guerra Mundial e com o surgimento da Guerra-Fria, estava-se na presença de um sistema bipolar, sem existir um conflito convencional entre os Estados diretores dos dois blocos, duas grandes potências confrontavam-se de forma equitativa, suportadas por um forte incremento nos meios de comunicações e mecanismos de controlo, proporcionando rápidos ciclos de decisão e centralizando a execução das operações aos mais elevados escalões.

No entanto, no pós Guerra-Fria, e principalmente após os ataques a 11 de setembro às designadas torres gémeas (*World Trade Center*) nos Estados Unidos da América, surgem novas ameaças⁽³⁾ onde a complexidade, que caracteriza o ambiente operacional, fazia renascer a incerteza e o acaso nos campos de batalha.

(1) *Missão, Inimigo, Terreno, Meios, Tempo Disponível e Considerações de âmbito civil*

(2) *Pensamento Militar Prussiano, do século XIX, refere-se a uma forma particular de conduzir e controlar as operações militares. Garante aos subordinados a capacidade de decidir a melhor forma e mais adequada modalidade de ação para cumprir as tarefas impostas na intenção do comandante.*

(3) *Surgiram os conflitos complexos e voláteis, em que as ameaças se apresentam de forma difusa, assimétricas e imprevisíveis, suportadas essencialmente por atores não estatais.*

A ameaça encontra-se dissimulada no seio da população, de forma multidisciplinar, descaracterizada, multiforme e transnacional, mostrando o verdadeiro cataclismo da tecnologia.

Para colmatar essas lacunas, as forças armadas norte-americanas⁽⁴⁾ desenvolveram uma adaptação a todo o processo doutrinário. À abundante informação fornecida pela tecnologia era necessário desenvolver mecanismos de controlo e implementar ações que proporcionem aos Comandantes, aos diversos escalões, a capacidade de se adaptarem e liderarem com o imprevisível da conflitualidade, em reduzidos ciclos de decisão e em ambientes incertos, complexos e de elevada incerteza. Esta redução, no ciclo de decisão, é alcançada ao conferir mais autonomia e liberdade de ação aos Comandantes subordinados, evitando ordens longas e excessivamente restritivas.

Este conceito não é para os Comandantes entenderem e visualizarem a missão e seu estado final de forma isolada. A situação visa permitir a execução descentralizada e aceitar contributos de subordinados, através do planeamento colaborativo, para além do Estado-Maior da força, proporcionando contributos pertinentes, de acordo com a experiência operacional adquirida, para a delimitação de uma finalidade coerente com a intenção do Comando.

De acordo com a Publicação Doutrinária do Exército, Operações (2012: 2-16) “a aproximação mais adequada ao Comando e Controlo é o Comando missão, que significa a conduta das operações através da execução descentralizada baseada em ordens tipo missão”.

Um dos princípios que se deve ter em consideração são as designadas ordens tipo missão, ou seja, indicações aos subordinados que dão importância ao “que fazer” em detrimento do “como fazer”.

Outros princípios essenciais devem ser tidos em consideração, nomeadamente: a iniciativa e a intenção do Comandante. A iniciativa é assumida durante a ausência de ordens e indicações superiores, relativas à conduta e desenvolvimento da operação, ou quando as ordens em vigor já não se adequam à situação, ou mesmo, quando surgem ameaças imprevistas. A intenção do Comandante define os contornos e o alcance da iniciativa que os Comandantes subordinados podem desenvolver e aplicar, mas sempre sem prejuízo das tarefas chave e seu resultado final desejado.

A introdução da função de combate Comando Missão, integrando todas as atividades que proporcionam ao Comandante o equilíbrio entre a ciência do controlo e a arte operacional, visam construir um modelo integrado para a aplicação “criativa” de experiências, conhecimento e intuição dos Comandantes no espetro total das operações.

O Comando Missão envolve o Comando e Controlo operacionalizando-os de forma congruente para operar em ambientes de elevada complexidade. O elemento Comando, por estar mais relacionado com as exigências ao nível da Liderança, de forma individual, não será desenvolvido no presente artigo.

(4) *Durante o ano de 2009, o General norte-americano Martin Dempsey, Comandante do Training and Doctrine Command (TRADOC) altera a função de combate comando e controlo para Comando Missão. Referia que o comando e controlo se centrava em demasia na tecnologia e era necessário promover a ação do Comandante, dotando-o de liberdade de ação e iniciativa*



Quanto ao Controlo, fator que abrange a força como um todo, representa a regulação de forças a fim de cumprir o determinado superiormente. Permite ainda orientar novos esforços tendo em consideração o seu emprego de forma espacial, temporal e por finalidade.

O Controlo é suportado por diversos elementos, dos quais salientamos: informação, comunicações e estruturas. Quando abordamos estes elementos, face à elevada disponibilidade tecnológica facilmente nos identificamos com a informação e as comunicações. No entanto, importa referir que o Controlo transcende a dimensão técnica, inclui medidas de dimensão humana e estruturas militares, tais como medidas analíticas para controlo de movimentos ou mesmo organizacionais, e.g. ativação e organização de um posto de comando.

O incremento tecnológico alterou de forma significativa de como os militares adotavam o Comando e Controlo (C2), rapidamente este se transformou numa certa dependência tecnológica que se passou a designar de C3 (Comando, Controlo e Comunicações). As exigências para diminuir a incerteza e as fricções da guerra eram enormes, o C3 expandiu-se para C3I (Comando, Controlo, Comunicações e Informações), rapidamente a visualização e a partilha da *common operational picture* passou a ser uma ambição dos Comandantes em que se obteve o C4I (Comando, Controlo, Comunicações, Computadores e Informações).

A imensidão de informação, acesso em tempo real à situação tática em curso, deu origem à designada microgestão, em que o problema tático era essencialmente resolvido pela gestão de uma grande quantidade de informação, com um controlo excessivo da ação de comando em relação aos Comandantes subordinados.

Apesar do avanço tecnológico ser um contributo significativo, com vantagens indiscutíveis para qualquer força ou Comandante, estes novos desafios despertaram a necessidade de conjugar o Comando e Controlo com uma “filosofia” de comando.

Exigências Contemporâneas

O incremento tecnológico é algo de indispensável, mas tem as suas peculiaridades. Quando temos uma imagem em tempo real esta não traduz com precisão o sentimento, a vontade de combater ou mesmo o grau de criticabilidade da situação. A informação recolhida, não é tratada no imediato, as comunicações não transmitem todo o “caos e confusão” que se vive no “terreno”, onde a tecnologia por si só não consegue eliminar toda a incerteza que caracteriza a guerra. Tal situação, aliada ao facto da ameaça ser de cariz não convencional, multiforme e multifacetada, obriga a reações e decisões imediatas “no calor do combate”.

Este fluxo informacional, proporcionado pelas comunicações, informação e estruturas, pode tornar e simplificar as tarefas a cumprir, mas na sua prática, a elevada complexidade, o aumento da incerteza, características dos atuais conflitos, exige

iniciativa, liberdade de ação e adaptação por parte das forças que executam e cumprem as missões operacionais.

Face ao elevado número de tarefas que uma força tem de executar, principalmente nas operações de estabilização, as subunidades devem ter a perfeita noção do alcance da sua missão. As ordens demasiadamente exaustivas e longas, devem ser difundidas com alguma precaução, em que devem mesmo ser evitadas. Estas limitam a imaginação e a iniciativa, aos mais baixos escalões que são peça fundamental, principalmente em ambientes operacionais de elevada complexidade em que se torna difícil de prever qualquer situação.

Contudo, entre várias considerações, salienta-se o facto dos Comandantes terem o imperativo de compreenderem o atual ambiente operacional caracterizado pelas dificuldades e complexidades, passando a exercer a arte do comando e a ciência do controlo, numa função de combate que abrange os sistemas e tarefas unidos por uma finalidade comum que os Comandantes visualizaram, segundo uma filosofia de comando (combate), de execução descentralizada para cumprir missões operacionais – Comando Missão.

Considerações Finais

Com o presente artigo não defendemos uma ausência de tecnologia, bem pelo contrário, consideramos de enorme significado obter e manter a superioridade de informação, mas a rigidez e lentidão no processo de decisão aos escalões mais baixos não pode comprometer o cumprimento da missão. Pois, somente o esclarecimento, obtido pelos sistemas de informação, permite reduzir a confusão e esclarecer a situação operacional ao nível tático.

Temos, deste modo, o desafio de se obter a superioridade de informação, gerir uma grande quantidade de dados e resistir à tentação de exercer um controlo excessivo.

Também verificamos que os conflitos armados se transformaram em ações multidimensionais, com dificuldades na definição do problema tático, exigindo o recurso à iniciativa dos escalões mais baixos, sincronização de meios e satisfatória capacidade de gestão dos mecanismos de controlo.

O Comando Missão, ao contrário do que possa parecer, exige uma aproximação significativa do Comandante aos seus Comandantes subordinados, no constante exercício da liderança e interação entre as partes, num ambiente de mútua confiança.

BIBLIOGRAFIA

- Ancker III, Clinton (2013). A Evolução do Conceito Comando Missão na Doutrina do Exército dos EUA in Military Review. Julho-Agosto, pp 74-85.*
- Ghikas, Demetrios (2013). Adotando o Comando Missão. Janeiro-Fevereiro, pp 47-56.*
- Freire, José Miguel Moreira (2000). Introdução à Guerra de Manobra in Revista Militar N.º 5. Lisboa: Empresa da Revista Militar. Maio, pp 463-480.*
- Lind, William S. (1985). Maneuver Warfare Handbook. West View Press.*
- PDE 3.00 Operações (2012). Publicação Doutrinária do Exército, Estado-Maior do Exército.*
- Visacro, Alessandro (2015). Superando o caos: a função de combate comando e controle além da tecnologia da informação. Versão policopiada.*



TCOR INF
MENDES FERREIRA

À Brigada de Intervenção foi cometida a missão de se constituir como Unidade Organizadora de uma Unidade Escalão Batalhão a 600 militares, para integrar as NATO *Response Force* (NRF) 2016, e de um Destacamento de Apoio (NSE) que garanta, se necessário, o seu apoio logístico.

No âmbito logístico houve a necessidade de com base nos quadros orgânicos aprovados superiormente, reajustar estes para 607 militares. Esta tarefa foi um trabalho conjunto entre o CFT, Comando da Brigada e Unidade Mobilizadora (RI14) do 2BIMEC(R).

No caso do NSE, cuja unidade mobilizadora é o RI19, um trabalho previamente elaborado pelo CFT, foi essencial para a definição do QO. O Comando da Brigada, em dezembro de 2014 efetuou um seminário que consolidou algumas linhas orientadoras sobre o levantamento e organização deste NSE, cuja participação de militares da EPS, RMan, RT e RTransp, no referido evento, se revelou de extrema importância.

O passo seguinte foi garantir ao 2ºBIMEC(R)/NRF2016 os meios materiais definidos na Estrutura Operacional de Material entretanto aprovada. Nesta fase, para garantir ao Batalhão os meios materiais, começaram as dificuldades. Primeiro porque as orientações superiores são claras, esgotar as capacidades do RI14, Brigada e CFT por esta ordem.

Aqui chegado, o Comando da Brigada teve de tomar opções e definir prioridades face à escassez de meios. Primeiro afe-

tou à força os meios existentes na Unidade mobilizadora, depois afetou meios em todos os Regimentos da Brigada e posteriormente manifestou ao CFT a inexistência de alguns meios para ceder à força.

No seio das Unidades da Brigada a escassez de recursos, como são as viaturas táticas, alguns tipos de armamento e materiais de apoio logístico, provocaram apreensão pois não tinham parte dos seus recursos durante parte do ano e obrigou a rever o planeamento de atividades para o ano corrente.

Para “facilitar” a tarefa em curso, surgiu a urgência de enviar para a Lituânia a *Recce Coy/PRT/AM*, que obrigou a novo reajustamento na atribuição dos meios e na redefinição de prioridades estabelecidas pelo Comandante da BrigInt. O passo seguinte foi identificar os meios que ficam em permanência na Força e os meios que se concentram apenas para os exercícios e outras atividades, como será o caso da projeção.

Nesta modalidade, existem períodos em que os Regimentos da Brigada estão muito limitados na sua capacidade de transporte e de apoio logístico. No entanto, se a opção fosse colocar a todo o tempo os materiais junto da força, significava que as Unidades ficariam privadas por mais de 2 anos de materiais, com as implicações que facilmente todos identificam.

No âmbito do NSE, a sua constituição por módulos, implica que cada Unidade responsável pelo módulo garanta os seus materiais. Temos observado um grande empenhamento de todas elas para consubstanciar este objectivo.





Outra tarefa não menos complexa é a identificação das dotações materiais para equipar a força: Comando Controlo e Comunicações, Sobrevivência e Proteção da força, Vigilância do Campo de Batalha, Lote de Manutenção, NBQR,

Equipamentos Sanitários, Dotação de Equipamentos para Armamento, entre outros. Estas dotações apresentam grandes lacunas ao nível da sua quantidade e funcionalidade.

Estamos num tempo em que as condições que o soldado atual requer, obrigam a ajustar os meios logísticos ao presente. Parte de nós somos do tempo em que o alojamento nos exercícios era efectuado com a tenda de 3 panos, com que os nossos pais combateram no ultramar.

Esse tempo acabou. Hoje, no primeiro dia de um exercício, o local para carregar um telemóvel, a existência ou não de Internet, a localização da latrina ou do local de banhos, são questões que num passado recente não se colocariam com a importância que hoje têm no moral da tropa.

Por outro lado, temos as questões ambientais, que cada vez mais nos obrigam a que tenhamos melhores equipamentos, que não derramem resíduos para o solo, para não falar do tratamento do lixo.

Por esta e outras razões, o reequipamento de um Exército terá de passar por equipar as capacidades de Manobra, Apoio de Combate e Apoio de Serviços de forma equilibrada e interligada. Caso não se garanta este equilíbrio e interligação, potencia-se o fracasso no campo de batalha.

Sem se ter a ousadia de estabelecer prioridades no reequipamento, julga-se que se deveria fazer um esforço na aquisição de materiais/equipamentos para o Apoio de Serviços de Campanha. A sua dupla utilidade, quer no âmbito do empenhamento

de forças em teatros de operações, quer no apoio às populações, caso o Exército seja chamado a apoiar o sistema de proteção civil Português, merecem no mínimo uma reflexão.

Sabendo, que não estamos na posse de todos os dados, das dificuldades sentidas por todas as Unidades e da Estrutura Superior do Exército face aos constrangimentos financeiros que o país atravessa, da organização que possuímos e das prioridades estabelecidas, julga-se que neste curto caminho percorrido na identificação e afectação de materiais para equipar uma Unidade Escalão Batalhão para a NRF2016, se podem identificar algumas questões que merecem uma reflexão.

A existência de materiais/equipamentos, em quantidades limitadas ou mesmo a inexistência de alguns deles, numa Brigada, para equipar uma Unidade Escalão Batalhão é o caminho que deveríamos evitar no futuro.

Ao nível dos equipamentos logísticos de campanha, devia-se fazer um esforço no sentido de identificar materiais que ainda são úteis, eliminar os que já não se adequam e adquirir nova tipologia de equipamentos.

Ao nível do apoio sanitário, as ambulâncias de evacuação deveriam ser dotadas com equipamento que garantisse suporte básico.

Sabe-se que não é possível ter tudo, nem perto disso, pois a variável financeira impera tanto em nossa casa como na nossa instituição.

O equilíbrio é algo difícil de atingir e, caro leitor, se para uns o importante é a Manobra, para outros será o Apoio de Combate e para alguns o Apoio de Serviços. A reflexão que se deixa ao leitor é a seguinte: e para o Exército Português?



SAJTM
PEDRO MARTINS

A gestão do reabastecimento de munições, explosivos e artificios de fogo (MEAF), como material crítico que é, abrange um conjunto de ações tendentes a fornecer com a oportunidade exigida e com o menor custo possível, todas as munições e/ou artificios necessários para alimentar os sistemas de armas, manter e fazer atuar as tropas.

Consideram-se munições, todos os artigos que contêm substância explosiva, propulsora, pirotécnica, iniciadora ou nuclear, biológica ou química, destinados a serem utilizados em operações militares, cerimónias e outros fins.

As munições são sempre consideradas artigos críticos, sobre as quais recai um apertado controlo e a sua gestão é da responsabilidade do Comando da Logística.

Os níveis de MEAF que as Unidades da Brigada deverão possuir nos seus paióis destinam-se a Dotação de Segurança; Encargos de Instrução e Tiro Desportivo; Exercícios, Demonstrações e Aprontamento de Forças; Cerimónias Militares; Dotação Operacional de Munições e Honras Fúnebres.

Face à especificidade desta classe de abastecimentos, existem alguns conceitos que todos devemos ter presente. Assim:

Dotação de Segurança: constitui o nível de munições necessárias para garantir a defesa imediata dos aquartelamentos.

Dotação orgânica: constitui o nível de munições imediatamente disponível em cada escalão de comando para um consumo operacional baseado em missões/tarefas, onde o número de objetivos é desconhecido ou não aplicável, durante determinado período. Por norma, considera-se que este período envolve, para o escalão Batalhão, 3 (três) dias de combate.

Dia de abastecimento (DOS – Day of Supply): é a quantidade média de abastecimento calculada como necessária para uma dada Força no período de um dia e, para as munições, é normalmente expresso em tiros por arma por dia (t/a/d).

Dotação Operacional de Munições (DOMun): é a quantidade de munições que uma Força deve dispor, correspondendo, em norma, a 30 (trinta) dias, cujo cálculo é feito tendo por base a Estrutura Operacional de Material (EOM) da Unidade/Força e o Dia de Abastecimento, estabelecido para cada arma.

Taxa de Reabastecimento Necessária (TRN): é a quantidade de munições calculada como necessária para garantir a continuidade das operações de uma Unidade, sem restrições e durante um período de tempo especificado e é expressa em termos de t/a/d.

Taxa de Consumo Autorizada (TCA): é a quantidade de munições que pode ser atribuída a uma Unidade para um dado período de tempo, tendo em conta as disponibilidades em abastecimento, transporte ou instalações e é expressa em termos de t/a/d.

REQUISIÇÃO DE MUNIÇÕES

Embora seja um artigo crítico, as munições após serem atribuídas a uma Unidade, são da sua inteira gestão. Assim, a Unidade a quem foram atribuídas as munições, não necessita de as requisitar através do canal do Comando, mas sim através do canal técnico.

Caso surja a necessidade de consumo de munições não atribuída a uma Unidade e por se tratar de uma situação inopinada e excecional, a Unidade poderá solicitar um pedido de crédito de munições suplementar ou especial:

Crédito suplementar: é feito apenas quando a Unidade necessita de utilizar munições que não lhes foram atribuídas para esse ano, mas no entanto possuem as mesmas armazenadas nos seus paióis (munições excedentárias). Neste caso solicita-se através do canal de Comando não dando assim origem a requisições à DMT.

Crédito Especial: pedido que resulta de uma situação ou necessidade inopinada e excecional, cuja satisfação não possa de forma alguma ser efetuada por redistribuição dos créditos de munições, explosivos e artificios pirotécnicos de fogo anuais.

CONTROLO DE MUNIÇÕES

O Relatório de Situação de Munições (SITMUN), é o relatório em uso, onde se espelha a situação de cada Unidade, no que diz respeito à existência de MEAF nos paióis. As Unidades preenchem-no mensalmente e enviam-no ao Comando da Brigada de Intervenção.

O G4/BrigInt recebe os SITMUN das suas Unidades, faz a sua compilação, colocando-o de seguida na WISE do CFT até dia 05 de cada mês, para controlo por parte do CFT, da tipologia de munições creditadas e levantadas e não consumidas pelas Unidades. É condição obrigatória manter este relatório atualizado, aquando da solicitação de créditos suplementares e especiais.

Quando ocorrem consumos de MEAF, as Unidades têm que fazer o Auto de Consumo de Munições (ACM), remete-los de seguida à entidade que lhes atribuiu o crédito, a fim de serem validados e reenviados pelo canal hierárquico, no prazo de 20 dias após o consumo.

A elaboração dos ACM, assume primordial importância na gestão e controlo das MEAF, visto que é com os ACM que se justificam os consumos, sendo estes utilizados pela DMT/CommandLog, para efetuar o abate à carga das Unidades que os originam. A DMT/CommandLog mantém assim o apertado controlo, que se requer para estes materiais, mantendo atual toda a informação, relativa aos quantitativos de MEAF existentes nos paióis das Unidades.

As Unidades têm neste processo um papel fundamental pois são estas que requisitam, armazenam, utilizam e elaboram os ACM para fechar todo o ciclo. Caso não façam o ACM, o ciclo não é fechado e a informação existente não é correta.





SAJ MAT
SÉRGIO FERNANDES

*“A logística condiciona todas as campanhas e limita muitas”
“Eisenhower”*

Com o desenvolvimento tecnológico e com o crescente aumento da diferenciação dos diversos materiais, equipamentos e sistemas de armas em uso no Exército, emergiu uma necessidade de informação relativa a esses meios, tendo em consideração o princípio logístico da visibilidade e da transparência.

A não existência de uma forma eficaz e consolidada de transmissão de informação relativamente à operacionalidade e ao estado dos materiais, potencia uma errada análise às capacidades das nossas forças.

Assim, e decorrente da necessidade de se obter uma informação logística específica, foram sendo implementados e normalizados ao longo do tempo, procedimentos relativamente ao fluxo da informação obtida através dos relatórios com cariz estritamente logístico.

A NEP 403-BrigInt de 01Out14 em conformidade com a NEP 03.04.02 do CFT sobre os Relatórios Logísticos, uniformiza os vários modelos quanto às normas de preenchimento e periodicidade no seu envio ao escalão superior.

Ao prestar informação detalhada, correta e atempada dos materiais disponíveis, estamos a permitir uma melhor gestão desses materiais e consequente alerta quanto à operacionalidade das diferentes Unidades e suas decorrentes necessidades de reabastecimento ou redistribuição dos vários artigos, mas nem sempre assim acontece, sendo muitas vezes a importância deste procedimento relegada para segundo plano.

A NEP 03.04.01 do CFT regulamenta o processamento das requisições de alguns desses artigos, chamados Artigos Regulados, e que sobre eles recai um apertado controlo em virtude de se verificarem uma ou mais condições, a saber, escassez, elevado custo, alto tecnicismo e alto grau de perigo no seu manuseamento. A NEP 406 da BrigInt de 01Out14 regula na brigada os procedimentos para a requisição dos referidos artigos

Os Artigos Regulados constam de uma lista elaborada anualmente pelo Comando de Logística e o seu fluxo de reabastecimento passa pela requisição dos mesmos por parte das Unidades, através do canal de comando, em impresso próprio.

Após os Comandos das Grandes Unidades emitirem um parecer nas requisições elaboradas pelas suas Unidades subordinadas, remetem-nas ao CFT e após avaliação deste, são enviadas ao CmdLog.

Outro tipo de artigo a ser requisitado pelas unidades, é o artigo não regulado, que por não se enquadrar nas especificações dos artigos anteriores, a sua requisição é elaborada pelas Unidades subordinadas, diretamente às entidades gestoras do material.

Um eficaz sistema de informação logística, deverá ser capaz de cumprir as necessidades de informação das Direções gestoras e suportar adequadamente o planeamento e funcionamento operacional.

A informação deverá estar disponível de forma consistente e rigorosa, em tempo oportuno e com formato apropriado, pois a sua informação terá que ser perceptível e estruturada.

Atualmente a informação logística passa pelo envio de forma periódica de vários relatórios, mas a forma morosa de a difundir, condiciona a análise real da situação dos materiais aí descritos, sendo espectável a criação de um sistema disponível de atualização imediata online entre os escalões mais baixos e os escalões superiores.



Além de facilitar a transmissão da informação, a sua transparência e acessibilidade incita os escalões mais baixos na cadeia de comando a manter um espelho real dos seus materiais, sendo esse escalão a base de todo o processo.

Não querendo condicionar a Logística à Manobra, cada vez mais a Manobra tende a ser condicionada pela Logística.

É só com uma otimizada gestão dos meios, fundamentada na informação da sua operacionalidade, que se garante a capacidade das forças.

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



MAJ MAT
PAULO FIGUEIREDO

A função logística Manutenção é entendida como: “*Conjunto de atividades com a finalidade de manter (conservar) os equipamentos (material) em condições de operacionalidade e restaurar tal condição aos equipamentos que não se encontram operacionais, ou ainda, proceder à modificação de equipamentos, alterando o seu perfil funcional e/ou melhorando as suas características, quer seja para lhe dar novas valências, quer seja para proceder a alterações tecnológicas.*” (Fonte: PDE 4-00 Logística).

No Exército Português, a função logística Manutenção encontra-se orientada e enquadrada, entre outros documentos, pelo Despacho N° 225/CEME/2011 (Conceito de Manutenção). Este documento apresenta a organização e a forma de atuação de todas as entidades afetas à função logística Manutenção, no Exército Português.

O conceito de Manutenção para o Exército Português encontra-se em fase de implementação, sob orientações técnicas, através de Diretivas Técnicas, da Direção de Material e Transportes (DMT).

De acordo com a orgânica que compõe cada Brigada do Exército Português, estas Grandes Unidades (GU) encontram-se dotadas de pessoal e equipamento para a realização das operações de Manutenção até ao nível Intermédio de Apoio Direto, através das suas Companhias de Manutenção (CMan).

A Brigada de Intervenção (BrigInt) possui uma Estrutura Base assente em oito Unidades Regimentais: Regimento de Infantaria N°13 (RI13), Regimento de Infantaria N°14 (RI14), Regimento de Infantaria N°19 (RI19), Regimento de Cavalaria N°6 (RC6), Regimento de Artilharia N°5 (RA5), Regimento de Artilharia Antiaérea N°1 (RAAA1), Regimento de Engenharia N°3 (RE3) e Unidade de Apoio (UnAp).

As Unidades Regimentais “albergam” as diversas Unidades Operacionais que compõem a BrigInt.

Além do Encargo Operacional da BrigInt, unidades como o RA5, RAAA1 e RE3, têm ainda como missão aprontar forças pertencentes a outras Brigadas do Exército Português e às Forças de Apoio Geral (FAPGer).

O Batalhão de Apoio de Serviços da BrigInt, conta com a sua CMan nas instalações do Regimento de Manutenção (RMan) no Entroncamento. Esta Unidade Regimental, na dependência da DMT/CommandLog, possui na sua missão a incumbência de aprontar a CMan da BrigInt, a CMan da BrigRR e uma CMan não pertencente ao encargo operacional, para execução da função logística Manutenção até ao nível Intermédio de Apoio Geral, também para apoiar as CMan das Brigadas.

A CMan da BrigInt tem a missão de executar as operações de manutenção, até ao nível Intermédio de Apoio Direto, a todos os equipamentos orgânicos e de reforço da BrigInt. Em tempo de paz, executa também estas operações às Unidades Regimentais da BrigInt. Para cumprir este desígnio conta com o inequívoco apoio do RMan, nomeadamente em aspetos administrativo-logísticos e técnicos, estes últimos através da CMan/RMan.



Figura 1 - Militares da CMan da BrigInt em operações de manutenção a VBR PANDUR II 8X8 IFV

Ainda em aspetos técnicos a CMan da BrigInt recebe também o apoio do Centro Militar de Eletrónica (CME), para a manutenção sobretudo a equipamentos elétricos/eletrónicos, ópticos e de comunicações.

O apoio em transporte, particularmente no deslocamento de viaturas para manutenção nas instalações da CMan da BrigInt, sobretudo do sistema de armas principal da BrigInt, a VBR PANDUR II 8X8, é dado pelo Regimento de Transportes, através da Repartição de Transportes da DMT.

A execução dos citados apoios é planeada e supervisionada pela Secretaria de Manutenção (SecrMan) da BrigInt, órgão de planeamento da Brigada, que solicita a autorização para os mesmos ao seu escalão técnico superior, a DMT.

Para a execução de níveis de manutenção superiores ao nível Intermédio de Apoio Direto, com a coordenação da SecrMan e autorização da DMT, a CMan recebe o apoio do RMan, do CME, do Depósito Geral de Material do Exército (DGME) e do Destacamento da Ajuda do DGME (antigas Oficinas Gerais de Material de Engenharia - OGME).

No desenvolvimento diário de operações no âmbito da função logística Manutenção, a CMan da BrigInt encontra-se empenhada onde quer que existam forças ou equipamentos da BrigInt. No cumprimento da sua Missão, a CMan da BrigInt apoia em Manutenção, através de pessoal e/ou equipamento, todas as Forças que utilizem equipamentos da BrigInt, em Território Nacional (TN) ou fora dele.



Com uma dimensão territorial, através das suas Unidades, que percorre o Território Nacional desde Chaves até Vendas Novas, a Brigada de Intervenção apronta, mantém e projeta as suas Forças, com o apoio das suas Unidades Regimentais para fora do TN em diversos Teatros de Operações (TO). Presentemente a Brigada de Intervenção possui Forças em dois TO, Kosovo através do GAM/KFOR e Lituânia através da *Recce Coy/FND/AM2015*.



Figura 2 - Militares da CMan na KFOR



Figura 3 - Militares da CMan no Exercício "MARTE15"

Para o apoio à *Recce Coy*, a CMan cedeu dois militares com o respetivo equipamento de manutenção. Para apoio à KFOR, a CMan cede em simultâneo a Secção Manutenção VBR que se encontra em TO e a que se encontra em aprontamento em TN, para cada contingente que é projetado, num total de oito militares. Atualmente o Oficial de Manutenção presente neste TO é também pertencente à CMan da BrigInt.

Em fase de aprontamento (durante o ano de 2015) encontra-se a *Nato Response Force 2016 (NRF2016)*, com base no 2BIMec(R), no RI14. Para este aprontamento a CMan colocou no RI14 o Pelotão Dedicado de Manutenção (PelDedMan) àquela subunidade da BrigInt, num efetivo total de 30 militares. Este Pelotão é assim o responsável pela execução das atividades de Manutenção a todos os equipamentos daquela Força, até ao nível de manutenção autorizado para a CMan.

Para apoio à NRF2016 encontra-se também em ano de aprontamento um National Support Element (NSE). Este NSE possui também um Módulo de Manutenção com um efetivo de 12 militares, cuja responsabilidade de aprontamento recai também na CMan da BrigInt.

O Pelotão de Manutenção da NRF2016 e o Módulo de Manutenção do NSE ficarão afetos a estas Forças até final das suas fases de *stand-by*, previsivelmente, fim de 2016.

Durante os anos de 2015 e 2016, além dos encargos ditos normais, com a Manutenção dos equipamentos das Unidades da BrigInt, a CMan necessita de responder à solicitação de apoios a exercícios da BrigInt, dotar com pessoal e equipamento, sobretudo ferramenta, o PelMan/NRF2016, o ModMan/NSE que apoia a NRF2016, os aprontamentos nacionais da KFOR, a FND presente na KFOR e até agosto de 2015 (previsivelmente) a FND da *Recce Coy* no TO da Lituânia.

Fora de TN a CMan possui atualmente sete militares e em aprontamento em TN possui cerca de trinta militares, perfazendo quase 50% do efetivo atual desta subunidade, utilizando em alguns casos cerca de 66% do equipamento de manutenção, deixando nas instalações da CMan apenas o restante para todo o outro necessário apoio em Manutenção em TN.

Apesar das dificuldades, o espírito de cumprimento de missão impulsiona a CMan a manter-se na vanguarda da técnica, demonstrando-o pelo seu trabalho, empenho e resultados.



SCH MAT
ARISTIDES RAMALHO

A BrigInt, como Unidade Blindada de Rodas que é, encontra-se equipada com as Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) PANDUR II 8X8, das quais conta com sete versões.

Aqui pretende-se fazer uma pequena abordagem à variante da VBR PANDUR II 8x8 ICV- RWS.

Sendo também uma ICV (*Infantry Carrier Vehicle*), difere essencialmente da versão base pelo facto de estar equipada com um sistema de controlo remoto, o RWS (*Remote Weapon Station*) que serve de berço à arma que equipa a viatura (no nosso caso uma Metralhadora Browning 12,7mm) e ao controlo dos seus movimentos em direção e elevação e ainda ao seu disparo a partir do interior da viatura.



Figura 1 -VBR PANDUR II 8X8 RWS (PRT)

Esta versão nasce pelo facto de existir a necessidade de conferir proteção ao apontador do equipamento de tiro, que neste tipo de viatura se encontra no compartimento interior com todos os meios para controlar, manobrar e fazer fogo, beneficiando por isso da blindagem do próprio veículo, ao contrário da versão normal, a ICV, em que o atirador para manobrar e disparar a arma, fica com a zona da cabeça e tronco exposta. O sistema RWS é composto essencialmente por três grupos principais, sendo eles: a estação de armamento (WS), a unidade de controlo de tiro (FCU) e a alavanca de controlo (CG), havendo ainda um conjunto de cabos elétricos a fazer a ligação destes grupos.

1. A estação de armamento, grupo visível do exterior da viatura, tem como função servir de apoio e permitir os movimentos em rotação e elevação à arma, pelo que é constituído por dois suportes (um do lado esquerdo e outro do lado direito), o berço para a arma, o eixo móvel, e o acionador de armação. Fazem também parte integrante da estação de armamento, um conjunto de outros componentes para controlo e visão a referir: controlo servo visual, módulo de visualização de imagem

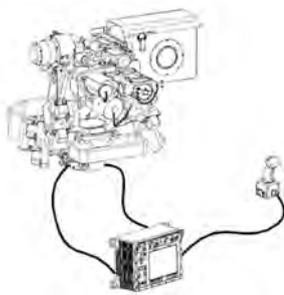
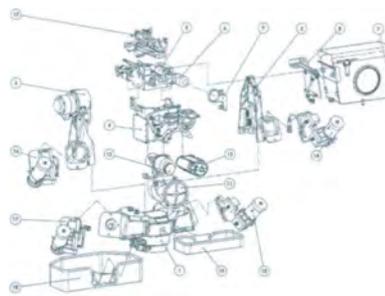


Figura 2 e 3 - Estação de armamento da VBR PANDUR II 8X8 RWS (PRT)

(VIM), medidor de distâncias laser (LRF), módulo de imagem térmica (TIM), quadro principal, estes para permitirem dar imagem do exterior ao apontador e informação para o tiro, conta ainda com um dispositivo de recuo (anti coice), uma caixa de munições, dois compartimentos coletores de cartuchos (um dianteiro outro traseiro), um sistema de lança grana-



das de fumo composto por quatro do lado esquerdo e quatro do lado direito, e ainda alguns sensores eletrónicos e solenoides.

2. A unidade de controlo de tiro situa-se dentro da viatura e está fixa num suporte abaixo do tejadilho, tendo por função emitir a imagem do exterior ao apontador através de um LCD de 10,4", permitir efetuar o armar da arma e granadas de fumo, o controlo do VIM e TIM e ainda navegar nos menus pelo acionamento de botões e interruptores nele instalados.

3. A alavanca de controlo encontra-se do lado direito do apontador junto à unidade de controlo de tiro, sendo do tipo joystick. Serve para o apontador executar os movimentos em direção e elevação da arma e com os botões nele instalados controlar o LRF, fazer a focagem (pode ser manual ou automática), selecionar Dia/Noite (alterna entre o VIM e o TIM), fazer as medições de distâncias com o Laser, armar, desarmar e disparar. O sistema RMS permite uma rotação de 360° consecutivos, sendo a sua velocidade máxima de 40°/seg e baixa velocidade de 0.15mrad/seg, uma elevação máxima de 60° e uma depressão de 20°.



Figura 5 -LCD e alavanca de controlo da RWS da VBR PANDUR II 8X8 RWS (PRT)

Quando equipada com uma metralhadora Browning 12,7 mm, tem aproximadamente um alcance máximo de 6800 metros sendo o seu alcance máximo efetivo de 1850 metros e uma cadência de tiro de cerca de 350 tiros/min. No seu movimento de rotação a arma não dispara efetivamente nos 360°, pois existem algumas zonas de segurança que evitam disparo sobre alguns dos órgãos da viatura como por exemplo antenas, TDS entre outros.

O LRF tem como distância máxima de medição 6000 metros e mínima de 20 metros, com uma precisão de aproximadamente 1 metro.

O TFT- LCD é um ecrã de painel liso de 14", com uma resolução de 640X480 pixels e 262 114 cores.

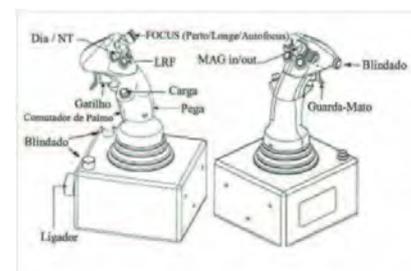


Figura 6 - Alavanca "Joystick" de controlo da RWS da VBR PANDUR II 8X8 RWS (PRT)

Existente ainda a possibilidade de, em vez de uma metralhadora Browning 12,7 mm com disparo por solenoide, colocar uma metralhadora ligeira C6 7,62 mm ou um lança granadas automático Mk19 de 40 mm, havendo para isso necessidade de colocar o conjunto do adaptador que permite fazer esta mudança de arma.

QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



MAJTM
RAÚL MORGADO

O ambiente operacional complexo onde as forças terrestres atuam, sempre dificultaram a implementação de tecnologias de Comando, Controlo, Comunicações e Computadores (C4). Questões de padronização, interoperabilidade, mobilidade limitada e falta de capacidade adequada de transferência de dados nos escalões mais baixos, mantiveram os escalões táticos afastados do uso de sistemas integrados de C4, implicando que os escalões mais elevados sofram de excessivos tempos de atrasos decorridos entre os pedidos e as correspondentes respostas pelos baixos escalões.

Atualmente, a transformação ocorrida nas forças terrestres é impulsionada por um número significativo de melhorias nas comunicações, computadores mais acessíveis, robustos e confiáveis, e aplicações altamente especializadas que se constituem como ferramentas indispensáveis de comando e controlo a todos os níveis de comando.

Cientes que os avanços tecnológicos proporcionam uma melhor qualidade de serviço, também não é menos verdade que nos colocam novos desafios na preparação e desenvolvimento de um plano de comunicações fiável e redundante para apoiar as operações militares táticas. A responsabilidade desta importante tarefa não deve ser limitada apenas aos oficiais de comunicações, mas sim ser transversal a toda a cadeia de comando, trabalhando de forma colaborativa por forma a dirimir todos os pormenores indispensáveis a um bom plano, como seja a escolha ajustada da localização dos seus Postos de Comando.

Efeito das características do ambiente tático nas Comunicações

O ambiente complexo e dinâmico rigorosamente determinista, mas que apresenta um fenómeno fundamental de instabilidade, torna-se na prática imprevisível a prazo. Isto significa que determinados resultados podem ser instáveis no que diz respeito à sua evolução temporal, como função dos seus parâmetros e variáveis, de forma praticamente aleatória. Este género de ambientes, como é o caso de uma área de operações, é muito volátil e apresenta um conjunto de especificidades que caracterizam e condicionam o estabelecimento das comunicações.

Apresenta-se de seguida um conjunto de características que podem constituir-se como fenómenos fundamentais de instabilidade, originando resultados imprevisíveis e inesperados do ponto de vista de comunicações e que devem ser tidos em consideração na fase de planeamento.

Localização – A fiabilidade das comunicações depende largamente de uma boa seleção da localização da estação rádio. É muito complicado escolher uma posição que satisfaça todos os requisitos técnicos, táticos e de segurança, mas deve-se encontrar uma relação de compromisso para solucionar este desiderato;

Problemas de propagação e orografia – Os fenómenos principais que intervêm na propagação de sinais são a reflexão, a transmissão, a dispersão e a difração. A orografia influencia a propagação e relaciona-se diretamente com os fenómenos referidos anteriormente. As irregularidades do relevo, das construções principalmente nas áreas urbanas, da vegeta-

ção e das características elétricas do solo obrigam a uma análise pormenorizada dos fatores que influenciam a propagação de sinais;

Interoperabilidade – é a capacidade de um sistema de informação de comunicar de forma transparente com outro sistema. Muitas vezes, principalmente em ambientes multinacionais e que seja necessário partilhar informação entre aliados, surgem problemas de interoperabilidade que é preciso antever e solucionar para manter o fluxo de informação;

Congestionamento do espectro eletromagnético – O espectro eletromagnético é um recurso limitado que tem de ser gerido com acuidade. Devido ao elevado número de meios que usam o espectro para comunicar é imperioso que este seja regulado por forma a não haver interferências que prejudiquem ou degradem o uso fiável das comunicações;

Meios de comunicações limitados – Os recursos são sempre escassos para as necessidades com que nos deparamos diariamente. É preciso fazer uma gestão criteriosa de modo a prover todas situações;

Saturação dos meios de comunicações disponíveis – Pela capacidade limitada em meios de comunicações e ativos de rede, associados à grande volatilidade do número de utilizadores característicos dos Postos de Comando, leva à sobrecarga da disponibilidade de ligações aos ativos de rede e aos serviços de informação;

Energia elétrica – Em operações é normal recorrer-se a geradores para o fornecimento de energia elétrica. A seleção e a instalação dos geradores é um fator importante para reduzir um número significativo de problemas. Os geradores estão sujeitos a grandes variações de carga podendo originar oscilações nas tensões de saída que poderão avariar os equipamentos de comunicações;

Sistema de Terras – O sistema de terras deve ser sempre tido em consideração nos sistemas de telecomunicações. Este sistema tem como objetivo a segurança das pessoas, proteção dos equipamentos e redução do ruído elétrico que possam interferir no bom funcionamento dos meios de comunicações.

Desenvolvimento do plano de comunicações

O planeamento das comunicações e sistemas de informação (CSI) é predominantemente um produto estruturado com duração temporal variável, normalmente de curta duração, obedecendo a princípios orientadores de comunicações táticas, mantendo-se consciente dos aspetos quantificáveis, tais como distâncias de planeamento, débito binário, energia elétrica e limitações físicas dos equipamentos. O resultado final pretendido de um plano de CIS é o desenvolvimento de uma rede de comunicações adequado, para apoiar o comandante no exercício do seu Comando e Controlo (C2).

Para atingir com sucesso o estado final desejado para as CIS, o responsável pelas comunicações deve, em coordenação com todas as células funcionais, desenvolver um plano para as redes de comunicações. A metodologia usada para arquitetar o plano baseia-se no acrónimo PACE (Primário, Alternativo, Contingência e Emergência). O método requer que seja identificado quem são os diferentes intervenientes que necessitam de comunicar e determinar, se possível, as quatro melhores formas de comunicação entre cada um deles.



A metodologia PACE também especifica a ordem pela qual cada interveniente usa os meios de comunicações ao seu dispor, até atingir com sucesso a ligação com o seu recetor. Idealmente, cada forma de comunicação é usada completamente separada e independente das outras. Para cada momento, o recetor deve ter a sensibilidade de perceber qual é a forma de comunicação que o emissor está a utilizar. O plano de comunicações PACE existe para missões específicas, e não para unidade específicas.

De seguida apresenta-se uma descrição sumária da metodologia PACE:

Primário (P) – é o melhor plano de ação e baseia-se no cenário mais provável que iremos encontrar, contudo devemos salvaguardar a situação mais perigosa através dos meios alternativos, contingência e emergência. Este plano apresenta a forma de comunicação principal entre os intervenientes e deve permitir responder a todas as exigências dos utilizadores em termos de serviços de informação, velocidade de transferência de dados e qualidade de serviço;

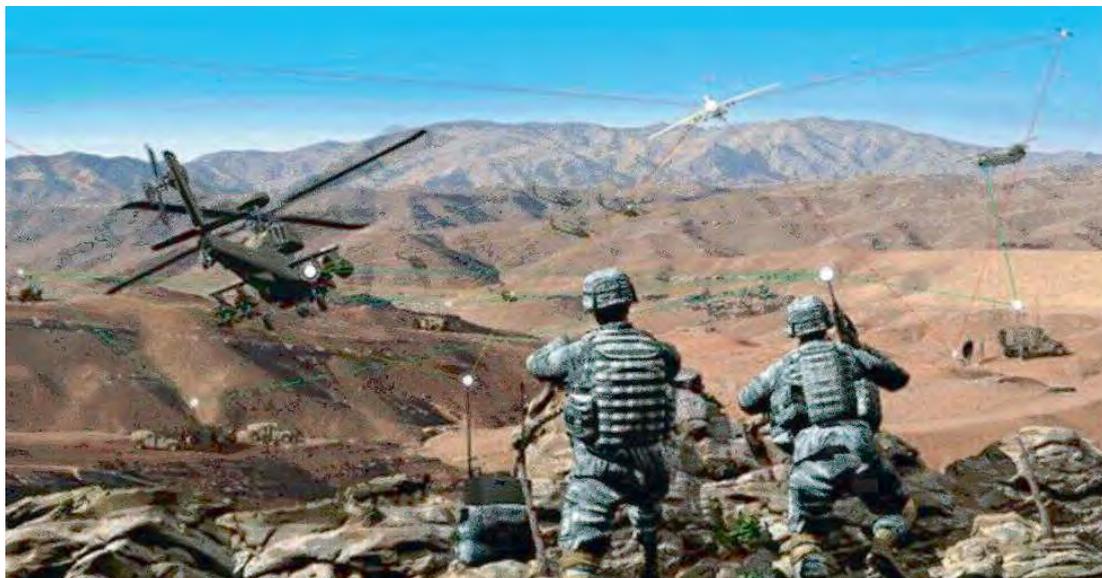
Alternativo (A) – O plano alternativo deve ser tão viável como o plano primário e tem como obrigação responder de forma eficaz e eficiente às exigências dos utilizadores sem causar impacto negativo no normal funcionamento das atividades. Os requisitos deste plano devem em tudo ser semelhantes, sempre que possível, ao plano principal. Normalmente este plano funciona como meio de comunicação redundante, para o caso dos equipamentos principais falharem, evitando desta forma falhas de ligação. Deve ser usado em simultâneo com o primário, ou no mínimo entrar em serviço num curto espaço de tempo;

Contingência (C) – O plano de contingência é o plano que se usa quando os primeiros dois falham por alguma razão. Este plano normalmente apresenta recursos mais limitados e com menos capacidades que os outros, mas conseguindo desempenhar a sua tarefa dentro de períodos de tempo aceitáveis. Funciona como plano de reserva e deve estar implementado em permanência sendo utilizado e testado regularmente para validar a sua operacionalidade;

Emergência (E) – O plano de emergência apresenta-se como o último recurso de comunicações quanto tudo o resto falha, mas é aquele que provavelmente não queremos usar. O maior desafio para um plano de emergência é criar um plano altamente flexível com as melhores hipóteses de sucesso, independentemente das condições e circunstâncias existentes. Pode não ser o plano mais conveniente mas deverá ser o mais infalível possível. Tipicamente apresenta atrasos significativos e causa grandes impactos. Muitas vezes, mas indesejavelmente,

os utilizadores raramente monitorizam este plano.

Para uma melhor compreensão apresenta-se um pequeno exemplo ilustrativo de como fazer o planeamento de comunicações usando a metodologia PACE. Imagine que se pretende fazer a interligação entre um Posto de Comando (PC) de Brigada e os PC dos batalhões. O PACE para esta situação poderá ser:



Primário – Ligação por Feixes Hertzianos;
Alternativo – Ligação através de Virtual Private Network (VPN);

Contingência – Ligação através de TACSAT;
Emergência – Ligação através de uma rede rádio VHF.

Os serviços alojados em cada forma de comunicação irão decair em número, qualidade de serviço e velocidades de transferência. Os custos associados em cada plano também diferem, sendo que no plano de contingência além de ser considerado uma ligação fidedigna tem custos bastante elevados.

Conclusões

O C2 nas operações militares é fundamental para o seu sucesso, pelo que é imprescindível que os comandantes militares incorporem os contributos das CSI desde o início do planeamento no processo de tomada de decisão, de modo a compreender as limitações e o impacto que estas provocam no planeamento da manobra das suas Unidades.

Para cada operação, deve ser desenvolvido um plano de CSI específico baseado na metodologia PACE, que deverá responder às exigências mínimas necessárias ao C2 da operação. Salienta-se o facto de que todos os níveis de decisão devem estar cientes e conscientes que devem aceitar o risco da degradação parcial, ou mesmo total, do apoio de CSI, que derivam das opções tomadas no decorrer do planeamento e do processo de decisão.

BIBLIOGRAFIA

Las transmisiones militares en emergencias: un terreno nada desconocido, Rodolfo Arroyo de la Rosa, *Comandante Transmisiones DEM, Revista Ejército* N875 MARZO 2014;
FM 6-02 Signal Support to Operations, January 2014
FM 6-02.43 Signal Soldier's Guide, March 2009.



TEN INF
TIAGO FREITAS

Desde o mês de março de 2009, o Regimento de infantaria Nº13 (RI13) tem-se constituído como polo de formação, inicialmente da Escola Prática de Cavalaria e atualmente da Escola das Armas, na área da operação da viatura blindada de rodas PANDUR II 8X8 ICV/IFV. Desde essa data, foram já ministrados 18 cursos de chefe de viatura e 17 cursos de condutor de viatura blindada de rodas PANDUR II versão Infantry Carrier Vehicle (ICV), e 3 cursos de chefe de viatura e 3 cursos de apontador de viatura PANDUR II versão Infantry Fighting Vehicle (IFV). Estes cursos permitiram formar 293 chefes de viatura e 394 condutores de viatura PANDUR II da versão ICV, 24 chefes viatura e 34 apontadores de viatura da versão IFV.



Para esta formação, o RI13 dispõe das seguintes infraestruturas de apoio: salas de aulas, locais para as sessões práticas, uma pista para o treino da condução, e um simulador de treino tático PANDUR SP 30.



O simulador de treino tático da viatura PANDUR, instalado no RI13, tem sido utilizado no sentido de complementar a formação, sobretudo na fase inicial que precede o início do treino da condução por parte dos formandos, tendo como objetivo a adaptação dos formandos aos comandos disponíveis para condução da viatura e o treino da reação a falhas mecânicas durante a condução. O simulador tem permitido realizar um treino inicial em segurança, num ambiente controlado e com um maior e mais fácil acompanhamento por parte da equipa de formação, constituindo-se como uma mais-valia para a formação.

Privilegiando a segurança durante a prática da condução, as sessões de condução têm sido ministradas numa pista específica para o efeito, a pista de condução do Centro de Instrução e Treino Operacional da Fraga da Almotolia (CITOF), localizada em prédio militar sob a responsabilidade do RI13, decorrendo assim a condução num ambiente real e simultaneamente controlado, minimizando os riscos de acidentes.



lizado em prédio militar sob a responsabilidade do RI13, decorrendo assim a condução num ambiente real e simultaneamente controlado, minimizando os riscos de acidentes.



Para o ano de 2015 estava inicialmente previsto realizar-se quatro cursos. Dadas as necessidades do Exército em geral e do aprontamento de forças em particular, designadamente no que respeita à projeção da *RecceCoy/NRF 2014* e ao aprontamento do 2BIMec(R)/ NRF 2016, o RI13 foi incumbido de ministrar cursos extraordinários, pelo que ao longo do ano de 2015 se irão realizar um total de 11 cursos. Até ao momento realizaram-se 7 cursos.



Tendo em conta a intenção do comando do RI13, com o apoio do Comando da Brigada de Intervenção, de desenvolver e afirmar o Polo de Formação PANDUR nesta Unidade, no sentido de aumentar os padrões de excelência da formação, decorrem presentemente iniciativas no sentido de melhorar as infraestruturas e os equipamentos de apoio, com a perspectiva de vir futuramente a receber-se um simulador dinâmico de condução.



Nesse sentido, prevê-se, a breve prazo, a realização de trabalhos de melhoria da pista de condução existente no CITOF, a serem executados pelo RE3, bem como a construção de um conjunto de obstáculos de natureza tática que permitirão incrementar as condições de excelência desta formação



TEN RC

FÁTIMA AZEVEDO

Os países envolvidos foram divididos em dois grupos, os da Tríplice Entente (França, Inglaterra e Rússia) e a Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Hungaro e Itália).

Dos muitos acontecimentos que podem ser apontados como impulsionadores da guerra destacam-se, por exemplo, a partilha da África, o assassinato do sucessor ao trono austro-húngaro, Francisco Ferdinando, a derrota sofrida pela França na guerra franco-prussiano e com isto a perda da Alsácia-Lorena para a Alemanha.

A guerra que também ficou conhecida como a Guerra de Trincheiras, que tanto serviam de abrigo contra ataques do inimigo como jazigo aos muitos homens que ali ficavam durante meses terminou em 1918.

Durante e após a guerra houve revoluções e conflitos, alterando cenários internacionais, políticas internas e externas de alguns países e para o jornalismo português a forma como deram a conhecer a guerra ao país.

Os primeiros relatos da Guerra chegaram a Portugal através dos correspondentes que viviam nas capitais europeias, onde tinham as suas atividades profissionais, e que esporadicamente enviavam cartas aos jornais portugueses a dar conta do que por lá se passava. Era frequente, nessa altura, chegarem a Portugal relatos completamente antagónicos do mesmo acontecimento.

Recorde-se, por exemplo, o relato feito por Luís Câmara dos Reys, correspondente de A Capital e o correspondente do Diário de Notícias que assinava com as iniciais E.C sobre um dos primeiros bombardeamentos alemães feitos na capital francesa.

O primeiro referiu-se aos mesmos como uma provável falha de comunicação - *“Fiquei surpreendido com a tranquilidade que reinava em todo o bairro a ponto de julgar que tinha sido uma brincadeira a informação recebida.”* Já o correspondente do Diário de Notícias dava conta de uma realidade onde reinava o caos e o pânico.

“Milhares de famílias, acumulando-se entre maletas, sacos, volumes de toda a espécie, tinham, como que a forma de ruínas vivas de desilusões e tormentos” escreveu.

Correspondentes, em *“part-time”*, foram numa fase inicial muito úteis para acompanhar o ambiente que se vivia nas capitais europeias, mas rapidamente se percebeu que não substituíam o trabalho de profissionais.

Informação, censura e desinformação andaram assim de mãos dadas durante muito tempo e em Portugal os efeitos da propaganda fizeram-se sentir nas manchetes dos jornais nacionais.

Os leitores d’O Século, por exemplo, deviam estar convencidos de que os alemães estavam a ser aniquilados uma vez que só eram noticiadas vitórias dos aliados.

Por outro lado, o correspondente de O Comércio do Porto, à data em Berlim, alertava: *“este sistema de fazer vencer os belgas e os franceses no papel é tão completo que até o Sr. Poincaré e o rei Jorge e naturalmente o Czar parece ainda acreditar na vitória dos belgas”*.

Conscientes desta situação, os dirigentes do A Capital tomaram a decisão histórica de enviar um repórter profissional “com a exclusiva missão de chegar às linhas de combate e relatar a guerra como testemunha ocular”, lê-se em Crónicas de Guerra – da Cimeira a Dachau de José Rodrigues dos Santos.

O jovem Hermano Neves, com 29 anos de idade, seguiu para França, para fazer em regime de exclusividade a cobertura dos acontecimentos.

Mas, chegado a Paris, não conseguiu acompanhar de perto o conflito pelas imensas restrições que eram impostas no terreno.

A censura foi imposta a 3 de agosto de 1914 com a criação do Bureau de la Presse, com a missão de exercer a censura, punir os infractores e planear a operação de propaganda. Regressou a Portugal dois meses depois. Foi o jornalista Silva Graça, do jornal O Século, que viria a conseguir a proeza de acompanhar com muita proximidade a Grande Guerra.

A 22 de janeiro de 1915, Theodore Roosevelt, antigo presidente americano, escreveu ao Governo Britânico a manifestar a sua preocupação sobre a forma diferenciada como eram tratados os jornalistas no campo de batalha.

Do lado dos aliados eram frequentemente hostilizados enquanto do lado alemão eram “acolhidos calorosamente”.

Pressionados, os aliados admitiram finalmente a presença de correspondentes para os quais foi criado um estatuto especial. Diariamente acompanhados por um oficial, especialmente destacado para o efeito, faziam “visitas guiadas” diárias às frentes de combate, devidamente uniformizados e previamente instruídos sobre o que podiam ou não dizer, o que poderiam ou não fazer.

O objetivo era criar condições para que fossem enviadas notícias para os países de origem dos correspondentes que se encontravam a cobrir o conflito, sem no entanto comprometer as forças aliadas com informações úteis ao inimigo.

Mas as boas intenções dos países aliados caem por terra, quando percebemos que este método de acompanhamento de



jornalistas não serviu outro propósito, a não ser o de criar uma realidade paralela à que realmente existia, isto é: “*os verdadeiros objetivos eram, primeiro, o de fornecer histórias coloridas de heroísmo e glória, para manter o entusiasmo pela guerra (...) e segundo, para cobrir quaisquer erros que o Alto Comando pudesse cometer, protegê-lo das críticas quanto à condução da guerra e salvaguardar a reputação dos seus Generais*”, escreveu Phillip Knightley em “*The first casualty*”.

Em Portugal, a legislação que foi aprovada é o reflexo disso mesmo. Resumidamente, a legislação republicana da imprensa, num primeiro momento, regulamenta a atividade jornalística, num clima de liberdade de imprensa, tipicamente liberal, e até então inexistente em Portugal.

Mas que, num segundo momento, limita essa liberdade, e, num terceiro, suspende essa liberdade de imprensa, proibindo a publicação de notícias, de opiniões e de imagens consideradas contrárias ao interesse nacional.

Deste modo institui-se legalmente a censura, ainda que, em rigor, da censura de guerra. Ou seja: à semelhança do que aconteceu em outros países beligerantes, de ambos os lados do conflito, em Portugal, durante a guerra, a imprensa desempenha um papel ativo na formação da opinião pública.

Adelino Mendes, um dos poucos jornalistas, que na Flandres teve a hipótese de privar com o Corpo Expedicionário Português, relata numa das suas crónicas que a experiência não foi das melhores, limitando-se a escrever nas entre linhas que tinha sido censurado pelo tropas portuguesas que não lhe deram sequer a hipótese de escrever. Aparte desta “censura” rapidamente nos apercebemos que em Portugal muito pouco se escreveu sobre o Corpo Expedicionário Português.

A verdade é que a visão do jornalista, qualquer que fosse a nacionalidade, era muito limitada pelos “bureau” criados para os acompanhar.

Considerações finais:

“A primeira vítima da guerra é a verdade” disse Hiram Johnson em 1917, e a realidade foi exatamente essa. Nenhum profissional da comunicação poderá, hoje, ter orgulho da cobertura jornalística feita durante a primeira guerra mundial.

Segundo Morretti “em nenhum outro período da história se escreveram tantas mentiras deliberadas quanto na Primeira Guerra Mundial”, isto porque os jornalistas “tinham o objetivo de proteger das críticas o alto comando e escreviam a respeito da vida nas trincheiras, silenciando os massacres e deixando-se absorver pela máquina de propaganda dos Governos.”.

Assim, confirma-se a afirmação de Karl Kraus, que em novembro de 1914, disse que as nações são diferentes, mas a imprensa é igual por todo o lado e tem um papel maior na Primeira Guerra Mundial.

A imprensa, segundo ele, é significativa para a formação da opinião pública, porque, quer espontaneamente, quer por via das limitações e das imposições da censura de guerra, é parte ativa na manipulação do espírito dos portugueses, manipulando a favor ou contra a ida do Exército Português para os campos de batalha na Flandres. Evidentemente, o seu poder é ainda maior quando se encontra ao serviço da máquina de propaganda colocada em marcha pelo Ministério da Guerra tutelado por Norton de Matos.

Em suma: apesar da imprensa portuguesa não ser tão poderosa quanto a imprensa britânica, francesa, americana ou alemã, e apesar da máquina de propaganda de guerra montada por Norton de Matos não ser tão evoluída quanto a daqueles mesmos estados, e ainda apesar da ação da censura de guerra entre nós não ter sido tão apertada quanto naqueles mesmos países, a verdade é que, em Portugal, a imprensa foi uma arma poderosa, primeiro, no combate que se travou entre apoiantes e opositores e, depois, na influência junto das famílias portuguesas, quer quando partiam os familiares, quer quando regressavam mutilados, quer ainda quando regressavam sem vida ou, simplesmente, não regressavam.

Embrenhar-se pelas teias da história do jornalismo durante a Grande Guerra é assim desalentador e intrigante. Raras são as obras que focam o assunto e muitas outras omitem este período da história. Portugal não é exceção.

BIBLIOGRAFIA:

- Canal História (2014), Tradução – José Vala Roberto. Lisboa. Clube do Autor.
- Knightley, Phillip (2003). *The first casualty*. London.
- Marques, Isabel Pestana (2014). *Das trincheiras com saudade – o quotidiano dos militares portugueses na Primeira Guerra Mundial*. Lisboa. A Esfera dos livros.
- Ribeiro, Aquilino (2014). *É a Guerra*. Lisboa. Bertrand
- Santos, Jose Carlos dos (2012). *Crónicas de Guerra – Da Crimeia a Dachau*. Lisboa. Gravida
- Stone, Norman (2014). *Primeira Guerra Mundial – Uma história concisa*; Lisboa. D. Quixote.



EVOCÇÃO DO CENTENÁRIO DA GRANDE GUERRA CONTRIBUTO DO RI19 NA REGIÃO DO ALTO TÂMEGA



SAJ INF
JOSÉ PEREIRA

Por despacho de Sua Excelência o General Chefe do Estado-Maior do Exército, de 12ABR13, entre 2014 e 2018, o Exército leva a efeito um programa de atividades específicas destinadas à Evocção do Centenário da Primeira Grande Guerra.

Neste contexto, foi determinado ao RI19 que, no ano de 2015 e no âmbito das atividades do seu dia festivo (25 de março), levasse a efeito um programa-tipo integrando a sua herança histórica com e a sua atual localização, a região do Alto Tâmega.

Síntese histórica da participação do Regimento de Infantaria nº 19

Quando em agosto de 1914 eclodiu a 1ª Guerra Mundial, aparentemente Portugal não tinha motivos para um envolvimento no conflito. No entanto, após tropas alemãs efetuarem alguns ataques a postos fronteiriços em **Angola**, Portugal viu-se obrigado a enviar contingentes militares para defender essas zonas.

No dia 31 de janeiro de 1915 e após uma alocução do Comandante do RI19, Coronel Augusto Ribeiro de Carvalho, saía de Chaves o **3º Batalhão de Infantaria Expedicionário**, sob o comando do Major Joaquim Emílio de Sousa Lopes Jordão.

Em terras africanas, a ação do Batalhão foi decisiva para a reocupação do Cuamato e a conquista de Cuanhama, locais de difícil acesso, mas importantes pela sua riqueza.

Esta região era defendida pelos cuanhamas, povo que, para além de aguerrido e valente, estava instruído e armado por militares alemães e foi contra eles que entre 18 a 20 de agosto tiveram de se defender na região da Mongôa.

Foi um combate muito violento, no qual acabaram por repelir o inimigo numa luta corpo a corpo. Para além desta ação, aquele Batalhão teve ainda um papel determinante nas escoltas efetuadas aos comboios de abastecimento pelo interior de vastas florestas, permitindo os seus deslocamentos em segurança. Menos conhecida é a integração de duas dezenas de militares do RI19 (graduados) na 4ª Expedição a **Moçambique**, levada a efeito por Portugal no início de 1917.

Esta expedição, comandada pelo coronel Tomás de Sousa Rosa, teve como objetivo organizar vinte Companhias indígenas para fazer frente ao célebre comandante e estratega alemão *Paul Emil Von Lettow-Vorbeck*.

Mas não foi só para terras de África que o RI19 contribuiu com efetivos. Quando nove meses após a declaração de guerra alemã é organizado o Corpo Expedicionário Português (CEP), para intervir ao lado dos Aliados no conflito mundial, o Regimento de Infantaria 19 organiza o 1º BI com o objetivo de integrar o **2º Depósito de Infantaria** (o qual visava suprir as baixas sofridas na linha da frente de combate).

O Batalhão partia de Chaves no dia 22 de maio de 1917, sendo comandado pelo Major *Aimé Jules Alfonses Roger* e constituído por 46 Oficiais, 60 Sargentos e 1044 Praças, chegando a **França** no dia 31 de maio. A dispersão destes militares quando colocados em combate foi tal, que muitos dos seus feitos ficaram no esquecimento tornando muito difícil quantificar a ação do Batalhão! Contudo, são de realçar os seguintes:

Neuve Chapelle - Nas noites de 14 e 15 de setembro, no setor direito de Neuve Chapelle, um Pelotão do BI 19 abriu para os flancos e caíndo à granada e à baioneta sobre os assaltantes alemães que tentavam invadir a trincheira, conseguiram repeli-los, matando, inclusive, o comandante desse raid.

Ferme du Bois - No dia 8 de março de 1918, coube a uma Companhia do BI 19, comandada pelo Capitão António Germano Guedes Ribeiro de Carvalho, a honra de ser a primeira Unidade portuguesa a efetuar um raid contra os alemães, lançando-se sobre as trincheiras inimigas no subsetor do Ferme du Bois, provocando a destruição dos abrigos da 2ª linha alemã, bem como a inutilização de um troço de linha férrea Decauville.

La Lys - No dia previsto para a rendição do CEP dá-se a ofensiva alemã em La Lys, apanhando as forças portuguesas numa situação enfraquecida. Além disso, as tropas britânicas tinham recuado cerca de 60 quilómetros as suas posições, deixando expostos os flancos do CEP, facilitando o seu envolvimento pelo inimigo. O resultado foi um massacre.



Na madrugada de 9 de abril, apesar de dispersos pelos diversos Batalhões os militares do BI 19 tiveram uma ação determinante no decorrer do combate.



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



É exemplo disso uma Companhia do Batalhão de Infantaria nº15 constituída quase exclusivamente por militares oriundos do Batalhão flaviense que, depois de ter esgotado todo o seu stock de munições, se bateu à baioneta e de uma forma tão extraordinária que o Major Ferreira do Amaral do Batalhão de Infantaria Nº15 afirmou que “grande parte das glórias conquistadas pelo seu Batalhão se deviam aos militares do 19”, entre eles o corajoso transmontano Aníbal Augusto Milhais, mais conhecido por “Soldado Milhões”.



Evocação do Centenário na região do Alto Tâmega



Antecedendo todas as atividades desenvolvidas, o RI19 promoveu com o apoio dos executivos municipais do Alto Tâmega (Boticas, Chaves, Montalegre, Ribeira de Pena, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar) uma conferência, na cidade de Chaves, subordinada aos temas “Origens da Grande Guerra” e “A razão subtil da Beligerância Portuguesa”, proferidas, respetivamente, pelos senhores Coronéis na reforma David Martelo e Luís Fraga.

Para cumprimento do Programa-tipo, o RI19 contou com o inestimável apoio prestado pelos Museu Militar de Lisboa, Museu Militar de Bragança, Museu Militar de Chaves e Museu Militar do Porto materializado na cedência de fardamento, equipamento, espólios de personalidades da região, armamento e outro material tornando possível executar uma comvente homenagem aos militares mortos em combate, junto ao sublime monumento existente na unidade com militares fardados, armados e equipados à época e levar a efeito uma exposição itinerante, calorosamente acolhida pelos diferentes municípios e munícipes nas datas e locais que a seguir se indicam:

Chaves – 23 a 29 de março de 2015 (Sala Multiusos do Centro Cultural de Chaves);

Boticas – 07 a 09 de abril de 2015 (Paços do Concelho);

Montalegre – 11 a 13 de abril de 2015 (Ecomuseu de Barroso);

Ribeira de Pena – 15 a 17 de abril de 2015 (Paços do Concelho);

Vila Pouca de Aguiar – 23 a 25 de abril de 2015 (Biblioteca Municipal);

Valpaços – 27 a 29 de abril de 2015 (Biblioteca Municipal).

Percebendo que não existia um levantamento exaustivo de todos quantos participaram no conflito, o RI19 fez deslocar uma equipa de investigação para o Arquivo Histórico Militar, cuja prestimosa colaboração possibilitou coligir a informação existente dos militares não só ligados ao RI19, mas também de todos quantos tomaram parte na 1ª Grande Guerra originários nos concelhos da região do Alto Tâmega, estando planeada a sua publicação na edição da Revista *Aquae Flaviae* no final do 1º semestre de 2015, fruto de uma parceria entre o Regimento e o *Grupo Cultural Aquae Flaviae*.



TIRO DESPORTIVO COM ARMAS HISTÓRICAS DE CARREGAMENTO PELA BOCA COM PÓLVORA PRETA

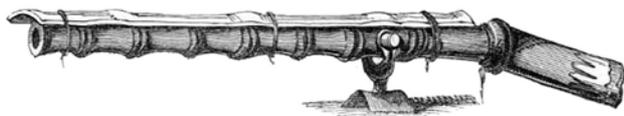


Breve Introdução



SAJ INF
CARLOS SANTOS

Nos primórdios das armas de fogo, pouco tempo após a invenção da pólvora preta, as armas de fogo caracterizavam-se por serem de conceção simples e arcaica, de carregamento pela boca, criadas a partir de um tubo aberto numa das extremidades e obturado na extremidade oposta, com capacidade de resistir à pressão gerada pela carga propulsora e capazes de lançar múltiplos projéteis.



CHINESE WEAPON WITH BAMMOO SIGHT

São conhecidos relatos que datam do séc. XIII, que revelam que na China já eram utilizadas armas de fogo rudimentares de carregamento pela boca, desde o final do séc. IX, após a descoberta da pólvora, construídas essencialmente de tubos de bambu que lançavam projéteis de pedra.



Canhão de madeira reforçado com cintas de ferro

Os árabes aperfeiçoaram o invento no século XIII, quando os canhões passaram a ser feitos de madeira e reforçados com cintas de ferro.

Mas o contributo decisivo veio no século XIV, quando surgiram os primeiros canhões de bronze.

Nos meados do século XV surge o arcabuz, arma individual considerada precursora da pistola, mas só no século XVI, começam a surgir armas muito semelhantes às que conhecemos no início do século XIX, usadas como uma arma de ataque pela cavalaria, que até então não tinha possibilidade de repelir os ataques dos arcabuzeiros.



As primeiras pistolas ficaram conhecidas como pistolas de "roda", um autêntico mecanismo de relojoaria ao qual também se dava corda com uma chave especial, que recolhia a mola real. Quando esta é libertada por ação do dedo no gatilho provoca a rotação da roda dentada de metal, que friccionada num pedaço de pirite que se encontra fixa, projeta faíscas que originam a ignição da pólvora contida na caçoleta e a transmissão do fogo à carga principal através do ouvido (orifício que liga a caçoleta à câmara) e conseqüente disparo.

Estas pistolas, também conhecidas como pistolas de "sela", eram usadas aos pares (uma para cada lado da sela) para dar mais poder de fogo ao cavaleiro, que com uma mão mantinha-se se-



PAR DE PISTOLAS DE RODA

guro na sela e com a outra empunhava a arma.

Estas armas, por si só, não foram decisivas para o resultado de qualquer batalha. No entanto, a cavalaria recuperou o respeito que tinha perdido com a aparição dos arcabuzes e mosquetes, pois o uso destes pela cavalaria estava comprometido pelo seu excessivo peso e necessidade de usar as duas mãos para os operar, tornando a tarefa demasiado complexa para um homem a cavalo.

A estratégia usada consistia em carregar as duas pistolas e ir a galope até às fileiras inimigas, estratégia que seria usada 300 anos mais tarde pela cavalaria durante a Guerra Civil Americana.

Apesar de pouco precisas, estas armas foram bastante eficazes no campo de batalha, nomeadamente, pela exposição do aglomerado de combatentes que constituíam as formações defensivas contra cargas de cavalaria, essencialmente constituídas pelos seus corpos. No entanto, estas armas eram extremamente dispendiosas e a sua utilização não era muito fiável em campanha.



O seu uso foi marginal no sumpto das armas usadas naquela época, ainda dominada pelas armas brancas, até ao aparecimento da pistola de pedrneira no final do séc. XVI, e princípio do séc. XVII, em cujo cão, é fixado o sílex que lançado contra o fuzil com a adequada regulação angular, produz as faíscas que permitem a ignição da pólvora contida na caçoleta e a transmissão do fogo à carga principal e subsequente disparo, mais fácil de produzir com menor custo e de utilização mais fiável em campanha.

Apesar desta retrospectiva histórica, não são estas as armas que nos interessam, mas sim as do século XIX, nomeadamente o segundo e último terço.



Estas pistolas possuem fecho de percussão com chaminé onde é colocado o fulminante, canos estriados de alta qualidade, gatilhos com resistência ajustável ou de pelo, com calibres compreendidos entre os 8 e 12 mm. As pistolas do último terço apresentam melhores acabamentos e ângulos de punho, permitindo uma melhor estabilização da pistola durante o tiro.

A MLAIC (*Muzzle Loaders Associations International Committee*) é a organização mundial que regula o tiro desportivo com armas históricas com pólvora preta de carregamento pela boca. Fundada em *Vaudoye* em Brie em França aquando da reunião de 20 de junho de 1971, com o propósito de promover



e desenvolver o interesse histórico pelas armas antigas, através da organização de competições de tiro desportivo com armas desta

classe na condição de originais, isto é, sem qualquer alteração que degrade o seu valor histórico numa primeira fase.

Mais tarde foi permitida a participação de réplicas de originais.

Tem também como missão estabelecer os regulamentos destas competições desportivas, contribuir para a manutenção e conservação deste património, através da difusão de contributos que promovam a sua adequada manutenção, reparação e conservação, assim como encorajar o estudo histórico das mais diversas vertentes destas armas, como por exemplo: materiais usados; métodos de produção; tratamento e composição dos metais utilizados na sua construção; e o uso contemporâneo dado a estas armas.



São membros da MLAIC trinta e cinco países na sua maioria Europeus, desde Portugal à Rússia, inclusive, fora da Europa os Estados Unidos, o Japão, a Austrália, a Nova Zelândia, a África do Sul e a Argentina.

Sobre a égide da MLAIC, no tiro desportivo com armas históricas na vertente de carabina, são praticadas dez modalidades de competição individual, que no seu sumpto se inter-relacionam para contribuir para dezasseis eventos de equipa.

Nas competições de pistola, onde se encontra também incluído o revólver, são sete as modalidades de competição individual, que se inter-relacionam para contribuir para oito eventos de equipa.

Disciplinas MLAIC

As disciplinas praticadas sobre a égide da MLAIC, permitem conjugar a associação de técnicas específicas de tiro de precisão, com carabina, com pistola e com revólver, que noutro tempo foram de uso militar, com as armas de tiro desportivo da atualidade.

Dada a extensa lista de modalidades praticadas na MLAIC, com carabina e com pistola onde se inclui o revólver, como já foi referido, e ao facto de, também praticar algumas modalidades com pistola e revólver, vou abordar aqui, essencialmente, as modalidades que me são mais familiares. A disciplina MLAIC de Kuchenreuter (pistola de percussão a 25 m) tem o nome da famosa família de fabricantes de armas de Regensburg, na Alemanha, conhecida pelo fabrico de pistolas de excelente qualidade desde 1626 até aos nossos dias. É a modalidade que mais se adequa aos atiradores que se iniciam no tiro com armas históricas, provenientes de outras disciplinas de tiro desportivo com pistola, que, na minha opinião requer menos especialização, no que se refere ao equipamento, arma, cargas e método, com vista a atingir resultados aceitáveis. O regulamento MLAIC define pistola de percussão (séc. XIX), como pistola de mono tiro estriada de qualquer calibre. As miras terão de ser contemporâneas do séc. XIX. Nesta modalidade são utilizados dois alvos de pistola ISSF (International Shooting Sport Federation) colocados a 25 m, onde apenas são permitidos projéteis esféricos. Nas competições desportivas contempladas nos regulamentos MLAIC, à exceção de COLT (competição de revólver original a 25 m) e MARIETTE (competição de revólver réplica a 25 m), existem duas categorias diferenciadas, uma para réplicas e outra para originais. A disciplina MARIETTE, tem o nome do conhecido fabricante Belga de revólveres pimenteiros, (nome proposto pela Federação Alemã de tiro desportivo no campeonato do mundo de 1977). É uma modalidade que considero difícil. A arma é muito pesada e desequilibrada, os revólveres desta época são pesados, e difíceis de empunhar. A disciplina Donald Malson (competição de revólver a 50 m), recebeu o nome do Secretário-Geral MLAIC, campeão de todos os tempos, falecido em maio de 2007. Esta disciplina como já referido relativamente à disciplina de MARIETTE que se pratica a 25 m, Donald Malson pratica-se a 50 m, com o mesmo tipo de arma, duplica a distância e duplica as dificuldades.

A disciplina Tanzutsu (pistola de mecha a 25 m) nome que foi atribuído pelo Senhor Onoo, presidente da MLA (Muzzle Loaders Association do Japão) corresponde a arma curta, "TAN" curta e "ZUTSU" arma. A pistola usada nesta disciplina é iniciada por mecha, o cano é de alma lisa, para obter impactos agrupados, o projétil tem de abandonar a boca do cano com velocidade elevada, na ordem dos 400 a 410 m/s, pois o cano não possui estrias e a estabilidade do projétil durante o voo é garantida pelo incremento da velocidade. As provas são constituídas por 13 disparos em dois alvos colocados lado a lado à distância de 25 m, à exceção de Donald Malson que são colocados à distância de 50 m, um com 6 ou 7 impactos e o outro com os restantes de forma a perfazer 13 impactos, realizados em 30 minutos são contabilizados os melhores 10 impactos e são desprezados os três impactos de menor pontuação, ou os mais afastados do centro, no caso de possuírem a mesma pontuação de impactos que sejam contabilizados. Este artigo continua na próxima edição da revista da BrigInt, onde serão abordados o binómio relativo a originais e réplicas, aspetos técnicos de carregamento destas armas e seu empunhamento.

BIBLIOGRAFIA

<http://armasonline.org/armas-on-line/sistemas-de-ignicao-em-armas-de-fogo/>
Gaspar Aranda Pastor, Pistola, uma nova tática de defesa.
<http://www.mlaic.org/default.htm>





CAP ART
LUIS FERNANDES

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da Reforma “Defesa 2020”, o Regimento de Artilharia N.º 5 (RA5) foi transferido de Vila Nova de Gaia (VNG) para Vendas Novas (VN), tendo iniciado a sua atividade nas instalações da ex-Escola Prática de Artilharia (EPA), no dia 01 de agosto de 2014.

A 01 de outubro de 2014, o RA5 deixou de estar sob o comando da Direção de Formação (DF) do Comando de Instrução e Doutrina (CID) e passou para a dependência hierárquica do Comando das Forças Terrestres (CFT), sob comando da Brigada de Intervenção (BrigInt).

A missão do RA5, de acordo com o Quadro Orgânico (QO) 07.02.19 de 13MAI15, consiste no aprontamento do Grupo de Artilharia de Campanha 15,5 Rebocado do Comando da Brigada de Intervenção (GAC/BrigInt) e a Companhia de Sistemas de Vigilância do Agrupamento de Informações, Vigilância, Aquisição de Objetivos e Reconhecimento (CSV/AgrISTAR).



2. A TRANSIÇÃO

a. Despachos e Diretivas

(1) Pelo Despacho n.º 119/CEME/13, de 01AGO, criado o Polo Permanente do Prédio Militar 001/Vendas Novas (PPPM001/VN) e iniciou a sua atividade em 01OUT13, na dependência hierárquica e administrativo-logística do RA5, tendo sido extinto em 01AGO14 (Despacho n.º 120/CEME/2014, de 01 de julho).

(2) A Diretiva n.º 117/CEME/14, de 01JUL14, determinou a conclusão do processo de transferência do RA5 de VNG para VN em duas fases. A 1.ª Fase (Planeamento e Preparação) decorreu até 31JUL14 com vista a atingir a *Inicial Operational Capability*, levando à entrada em funcionamento do RA5 em VN. A 2.ª fase (Funcionamento) terminou a 01OUT14 com a *Full Operational Capability* do RA5 em VN, transitando neste dia para a dependência hierárquica do CFT, sob comando da BrigInt (Despacho n.º 126/CEME/2014, de 21 de julho).

b. Acontecimentos Relevantes

(1) O atual Comandante do RA5 tomou posse em 01 de outubro de 2013, ficando colocado no PPPM001/VN, de onde exerceu a sua ação do comando, com instalações separadas por mais de 300km até 01 de agosto de 2014. Este pormenor, com todas as implicações administrativas que teve, facilitou o planeamento, a coordenação e o controlo das atividades desenvolvidas para transformar o Polo no RA5 de Vendas Novas.

(2) A 25 de novembro de 2013, o Comandante do GAC/BrigInt assumiu o comando no PPPM001/VN, dando início à transição progressiva do Comando e Estado-Maior (EM) para VN, onde entraram em pleno funcionamento no início de janeiro de 2014. A transferência dos materiais da Bate-

ria de Comando e Serviços (BtrComdSvc) e da 2Btrbf para VN teve lugar no mês de julho de 2014. Assim, o GAC/BrigInt transferiu os meios materiais de forma progressiva e continuou a cumprir a missão e a participar nos exercícios setoriais (“URANO13” – NOV13 e “URANO 14” – OUT14), da BrigInt (“DRAGÃO14” – OUT14) e do CFT (“EFICÁCIA14” – MAI14).

(3) A Diretiva n.º 117/CEME/14, de 01JUL14, surge com uma fita de tempo breve, que deu origem à dissolução do RA5 Vila Nova de Gaia e à organização do RA5 Vendas Novas. O pessoal de Vila Nova de Gaia foi colocado em outras U/E/O, exceto 13 Sargentos e 2 Praças, o material principal foi movimentado para VN, as Viaturas e Obuses guardados no GAC/BrigMec também foram movimentados para VN e um número significativo de materiais foi distribuído a outras unidades e entregue em depósito. Isto exigiu uma grande manobra logística, em termos de movimentação de materiais e controlo de cargas, pois para além dos movimentos para VN, também teve lugar a entrega de um número significativo de materiais à Unidade de Apoio do Comando de Pessoal, que se instalou no Quartel da Serra do Pilar e Campo de Manobras em VNG.

(4) A implementação do Quadro Orgânico do RA5 (QO n.º 33.0.07, 17JUN13), que vai de encontro às novas necessidades do Exército, mas que reduz significativamente a componente Regimental, acarretou inúmeras acumulações de funções por parte do pessoal do GAC/BrigInt para colmatar a redução de pessoal no EM e BtrComdSvc do Regimento. O acréscimo de tarefas individuais e a baixa percentagem do efetivo dificultou a transição para VN, está a influenciar o processo de consolidação tornando-o menos célere e obriga a um ajuste constante da missão em função dos meios disponíveis. O atual Quadro Orgânico do RA5 (QO 07.02.19, 13MAI15), mantém a maioria das acumulações, e está atualmente em fase inicial de implementação.

3. CONSOLIDAÇÃO

A transferência da dependência funcional do RA5 do CID para o CFT, sob o comando da BrigInt, teve alterações na cadeia hierárquica, mas os canais funcionais da área do Pessoal, Logística e da Formação sofreram alterações pouco significativas. Para se chegar ao conteúdo deste parágrafo, conduziram-se entrevistas com todo o EM do Regimento, para se ter a noção concreta das alterações que ocorreram, ou não, com esta transição. Assim:

a. Secção de Pessoal (SecPess)

(1) O canal funcional na área do pessoal mantém-se praticamente sem alterações, o procedimento administrativo não alterou, em vez de se dar conhecimento ao CID da documentação expedida, é dado conhecimento ao G1 da BrigInt.



(2) O canal hierárquico sofreu algumas alterações para além dos remetentes a que se reporta, tendo sido alteradas as formas de alguns relatórios periódicos.

(3) O facto de o EM do GAC estar desguarnecido na área do Pessoal, sobcarrega o trabalho da SecPess RA5, pois alguns relatórios, nomeações e solicitações de informações desta área seriam garantidas pela SecPess/GAC, ligando-se diretamente ao G1.

(4) O atual QO da SecPess determina que o Oficial de Justiça, os Sargentos Adjuntos e os Auxiliares de Secretaria são a garantir pelo Encargo Operacional em regime de acumulação de funções, isto implica que, quando o GAC empenha esse pessoal a SecPess fica desguarnecida em efetivos o que afeta o seu expediente diário, ou o GAC não pode contar com esses elementos por o expediente da SecPess, em determinado período, ser muito importante.

(5) Os dois pontos anteriores obrigam a descentralizar alguns procedimentos administrativos para as secretarias das baterias, o que também acaba por sobcarregar as subunidades com mais tarefas.

(6) As possibilidades do RA5 estabelecidas em QO, nomeadamente ser Polo de Formação da Escola das Armas (EA) na área da Artilharia de Campanha e ter de possuir uma estrutura de formação, para ministrar Cursos de Formação Geral Comum de Praças (CFGCP), tem um grande impacto no acréscimo de expediente diário. No caso do CFGCP implica um circuito incorporação, pedido de cartão da ADM, criação de processos individuais na matrícula, contratos, escolha de AGPSP, processos de desistência, ou seja, todo o apoio administrativo até ao fecho e envio dos processos individuais dos militares após colocação na 1.ª unidade. Ao mesmo tempo todo o expediente tem de continuar pois existem prazos a cumprir, por exemplo nas renovações de contrato e restantes apoios administrativos na área do Pessoal.

(7) O ponto anterior tem implicações também no planeamento do treino operacional e no cumprir do Plano Anual de Formação, pois mais que uma vez se cancelou ou adiou cursos e nomeações para exercícios para se cumprir as tarefas na área da Formação.

b. Secção de Operações, Informações e Segurança (SOIS)

(1) A alteração de comando hierárquico mudou praticamente todos os remetentes com que a SOIS se ligava do antecedente, à exceção por exemplo de assuntos que apenas se tratam com o CID, como o pedido de reserva de espaço aéreo com vista à execução de tiro indireto.

(2) Com a passagem para a BrigInt aumentou ligeiramente o volume de relatórios expedidos e o formato de outros já existentes, sendo dada mais preponderância ao expediente acerca do Encargo Operacional e seu respetivo empenhamento no treino e no apoio à formação, atividades internas e apoios a entidades externas. Mas só quando tiver decorrido todo o ciclo de um ano de expediente, se terá a plena noção das alterações que ocorreram pela mudança de comando hierárquico.

(3) O atual QO prevê que o Oficial Adjunto SOIS, o Sargento Adjunto e o Auxiliar de Secretaria sejam garantidos pelo Encargo Operacional (EO) em regime de acumulação de funções, quando são empenhados nas funções operacionais a SOIS fica

resumida ao Oficial Adjunto de EFM/Tiro (acumula funções como Cmdt do Pelotão de Segurança e Guarnição da Bateria de comando e Serviços) e ao Sargento de Operações e Informações, com um impacto muito significativo no expediente diário.

(4) Esta orgânica prevê que o Chefe da SOIS seja em acumulação de funções, o Oficial de Segurança, o Delegado de Segurança e Saúde no Trabalho, o Oficial Lições Aprendidas e o Oficial Gestor da Informação.

(5) Os dois pontos anteriores dificultam a manutenção de um fio condutor nas diversas áreas à responsabilidade da SOIS, pois obriga a quebra constante da linha de trabalho devido ao excesso de acumulações e solicitações, torna o serviço menos planeado e mais reativo, com efeitos a longo prazo na capacidade de conseguir, de forma oportuna, manter todo o expediente em dia.

c. Secção de Logística (SecLog)

(1) O canal funcional na área da Logística (financeiro e logístico) mantém-se praticamente sem alterações, o procedimento administrativo não alterou, em vez de se dar conhecimento ao CID na documentação expedida, é dado conhecimento ao G4 da BrigInt.

(2) O canal hierárquico sofreu algumas alterações para além dos remetentes a que se reporta, tendo sido alteradas as formas de alguns relatórios periódicos, sendo dada preponderância aos relatórios de situação operacional dos materiais.

(3) A mudança de comando levou ao aumento de movimentos de materiais entre Unidades, dentro da Brigada, para outras Brigadas e Unidades na dependência do CFT, pois os materiais acabam por estar à disponibilidade dos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças (ECOSF), que para conseguirem cumprir as missões que lhes são atribuídas necessitam recolher materiais em outras Unidades. Este ponto do antecedente dentro do CID era menos comum, pois o CFT esgota todas hipóteses internamente antes de recorrer a outros OCAD.

(4) Segundo o atual QO o Oficial Adjunto, o Sargento Adjunto e o Auxiliar de Secretaria da SecLog são garantidos pelo Encargo Operacional em regime de acumulação de funções, quando é necessário empenhar operacionalmente estes elementos o serviço diário é afetado, subcarregando os restantes elementos permanentes. O Oficial de Logística e o Sargento de Logística por sua vez acumulam funções como chefe e adjunto, respetivamente, no Núcleo de Proteção Ambiental do RA5.

(5) O circuito logístico resultante da extinção da EPA e entrada em funcionamento do PPPM001/VN, levou à criação da comissão liquidatária da EPA (finalizou em abril de 2014) e do Núcleo Logístico do Polo, este último deu origem a que o circuito de requisições com necessidade de aquisição tivesse um atraso de cerca de uma semana a 15 dias para aprovação e disponibilização final de verbas, com todos os constrangimentos inerentes a esta situação, principalmente para aquisições urgentes.

(6) As movimentações de materiais em termos de Gestão de Recursos para Windows (RGW) seguiram o circuito:

(a) Com a extinção da EPA e criação do PPPM001/VN, toda a carga foi transferida por RGW (BD única) para a responsabilidade do RA5 VNG. No entanto convém frisar que a nível de



Unidade foram criadas duas bases de dados separadas para facilidade de conferência de materiais (uma do PP outra do RA5 VNG);

(b) Com a transferência do RA5 de VNG para VN, toda a carga (entenda-se RA5 VNG e PPPM001VN) foi transferida por RGW para o RA5 VN (base de dados única).

(7) O ponto anterior, não impediu que, com Guias de Entrega, houvesse transferências físicas de materiais, nomeadamente do RA5 VN para a Unidade de Apoio do Comando de Pessoal (UnApCmdPess), que se instalou no Quartel da Serra do Pilar, e para outras unidades.

(8) Devido ao exposto anteriormente, o processo de consolidação logístico ainda está em curso, sendo demorado e requerendo coordenação direta com a Direção de Material e Transportes (DMT) e com todas as unidade que receberam materiais do RA5. Isto tudo criou um volume de trabalho na Secção Logística fora do comum, obrigando o RA5 a gerir os seus recursos humanos reforçando a SecLog.

d. Secção de Formação (SecForm)

(1) O canal funcional na área da Formação mantém-se com os mesmos procedimentos, é apenas dado conhecimento à BrigInt.

(2) As atividades de formação são atribuídas em função das possibilidades do RA5.

(3) A SecForm, em conjunto com o GAC, possui tarefas no âmbito do projeto de Artilharia de Campanha inscrito na Lei de Programação Militar (LPM).

(4) O volume dos apoios à formação da EA, à AM e outras unidades obriga a uma coordenação cuidada com as necessidades de treino e formação do GAC e da BAO.

(5) O RA5 será um núcleo de simulação, estando em curso a aquisição do Upgrade para o simulador INFRONT 3D.

(6) A SecForm assumiu praticamente todas as responsabilidades que a antiga Direção de Formação (DF) da EPA detinha, onde se incluem os pontos anteriores, o Museu da EPA, a Biblioteca e é também entidade primeiramente responsável (EPR) pelo Sistema Automático de Comando e Controlo (SACC) à carga do RA5. Contudo dispõe só de quatro elementos, dois deles, o Oficial Adjunto e o Sargento Adjunto, são garantidos pelo encargo operacional em regime de acumulação de funções.



e. BtrComdSvc Regimental

A transição para a BrigInt não influenciou diretamente o serviço da BtrComdSvc, o que teve realmente impacto foi o ajuste do pessoal ao atual QO do RA5, onde o efetivo reduziu e surgiram bastantes funções garantidas pelo Encargo Operacional em regime de acumulação, que quando estão em treino têm impacto direto na vida do Regimento, levando a:

(1) O Comandante da Bateria acumula funções como Ofi-

cial de Apoio de Fogos (OAF) de Batalhão, logo sempre que Unidade Escalão Batalhão (UEB) que este OAF apoia o necessita, a Bateria fica sob o comando do 2.º Comandante, que por sua vez é o Comandante do Pelotão de Reabastecimento e Serviços em acumulação de funções.

(2) O Comandante da Secção de Comunicações e Sistemas de Informação é, em acumulação de funções, o Comandante da Equipa de Cifra e INFO SEC e da Equipa de Sistemas de Informação e o Custódio de Material Cripto. O Comandante desta secção e um Cabo Operador Telecomunicações são os únicos elementos que não são garantidos pelo Encargo Operacional, com as implicações que isto acarreta aquando de exercícios e treino operacional.

(3) O Posto de Socorros possui um Oficial Médico, a garantir pela Unidade de Saúde Tipo II de Évora da DS, em regime não permanente, ou por contrato avença. O Sargento Enfermeiro e os Soldados Socorristas são garantidos pelo Encargo Operacional, apenas o Cabo Socorrista é exclusivamente orgânico da Bateria.

(4) Na Secção de Manutenção e Transporte existe o Comandante e duas Praças condutores pesados. Os restantes condutores são garantidos pelo Encargo Operacional.

(5) A Secção Agroflorestal tem um Comandante, um funcionário civil e apenas dois auxiliares, oriundos do Encargo Operacional, para trabalhar 400 hectares;

(6) A grande maioria dos elementos do Pelotão de Reabastecimento e Serviços são fornecidos pelo Encargo Operacional, o que leva à concentração de serviços (Bares e Messes) e alguns serviços deixam de funcionar quando o empenhamento operacional aumenta.

f. GAC/BrigInt

A principal alteração no GAC com a transição para VN foi a concentração de pessoal e material num único quartel, pois existia uma Bateria Bocas de Fogo

(Btrbf) em VNG e outra em VN, bem como seis Obuses M114 e viaturas pesadas no Quartel da Artilharia do Campo Militar de Santa Margarida (CMSM). Para além desta alteração em termos de infraestruturas e gestão de pessoal e materiais, destaca-se o seguinte:

(1) A passagem para VN possibilita a utilização de duas infraestruturas que permitem melhorar o treino do GAC, o Polígono de Tiro e o CESAFE, o que faculta executar todos os níveis de

treino em diversas modalidades, CPX, FTX e LFX, e conjugar estes com o simulador de tiro INFRONT, sem necessidade de realizar grandes movimentos.

(2) Com o GAC em VN já não existe a necessidade imperiosa de deslocamentos ao CMSM para poder efetuar tiro indireto, o polígono de tiro permite inclusive treinar o conceito técnico-tático em conjunto. É também possível explorar a vertente do treino simulado com recurso ao simulador de tiro IN-



FRONT, onde mesmo durante a restrição estival de tiro indireto face ao risco de incêndio, é possível treinar todos os elementos ligados ao tiro, do Observador Avançado até às Secções Bocas de Fogo.

(3) A acomodação da totalidade dos obuses, do restante armamento e equipamento orgânico do GAC é possível em VN, necessitando apenas de algumas melhorias no telhado dos parques de artilharia e a criação de telheiros para melhor proteger as viaturas médias e pesadas.

(4) A transição para o CFT e BrigInt permite dirigir o esforço para a Componente Operacional, pois a prioridade do RA5 deixa de ser a formação, embora o fato de o RA5 ser um Polo de Formação para a área da Artilharia de Campanha tenha um impacto direto no treino operacional, devido ao empenho de muito pessoal.

(5) O atual QO do RA5, com todas as suas acumulações de funções oriundas do Encargo Operacional, em conjunto com a falta de pessoal, não facilita o processo de consolidação do GAC.

(6) O maior desafio para o GAC/BrigInt é apoiar com Fogos uma Brigada com grande mobilidade e forte proteção, que possui os equipamentos mais recentes do Exército, com os atuais obuses e viaturas, sem possibilidade atualmente de recorrer ao SACC para automatizar os procedimentos de tiro e criar uma “Common Operational Picture” interativa dos fogos em apoio da manobra. A interação dos fogos com a manobra é o grande objetivo do GAC, para aumentar o potencial de combate da BrigInt.



(7) São expectáveis novas oportunidades de realização profissional, seja no emprego das capacidades de Fogos e sua interação com a Manobra, no apoio como aumentees e na cedência de materiais para as atividades operacionais de relevo da BrigInt e do CFT (reais e de treino), ou até na participação em Forças Nacionais Destacadas (FND), o sentimento é que a BrigInt pode contar com a vontade, o profissionalismo, determinação e valor do seu GAC.

g. CSV/AgrISTAR

A alteração de comando não teve impacto no funcionamento da CSV. Pois do antecedente, já aprontava alguns módulos da capacidade ISTAR do Exército, para além de continuar a ser solicitada para ministrar formação na área da Aquisição de Objetivos. A limitação mais significativa que tem passa por só ter pessoal e material para levantar um Pelotão de aquisição de objetivos. Atualmente está a iniciar a transição do QO da Bateria de Aquisição de Objetivos para o QO da CSV.

4. CONCLUSÕES

a. A missão principal do RA5 passou a ser unicamente o aprontamento do seu Encargo Operacional, que por sua vez tem de executar um conjunto mais amplo de missões, onde se inclui a formação, e empenham um número significativo de

pessoal e meios, requerendo um planeamento a longo prazo para não colidir com a execução do treino operacional.

b. O atual QO do RA5 inclui um elevado número de cargos a desempenhar em regime de acumulação por pessoal do Encargo Operacional, situação que condiciona significativamente o funcionamento da unidade quando a percentagem de preenchimento do efetivo desce abaixo dos 90%. O treino operacional também é afetado, uma vez que existem tarefas de rotina essenciais e por vezes, urgentes, quer a nível do Pessoal, da Logística, da Segurança e dos Recursos Financeiros. Além disso, pela experiência tida com o pessoal existente, a situação é extremamente exigente, complexa e por vezes desmotivante, porque os recursos são manifestamente escassos para as missões a cumprir.

c. A localização geográfica do RA5 face ao centro de gravidade da BrigInt, implica grandes deslocamentos sempre que é necessário atender presencialmente reuniões, ou no apoio a exercícios de âmbito setorial das unidades de manobra, embora para treino em LFX dos fogos em conjunto a manobra, nos tenhamos de deslocar para o CMSM, neste caso o RA5 está mais perto que as restantes unidades de manobra da BrigInt.

d. Em termos logísticos, o movimento e controlo de cargas em RGW tem sido uma atividade exigente e complexa, devido a terem ocorrido vários movimentos de cargas desde o momento da desativação da EPA, passando pela criação e extinção do Polo Permanente do PM001/Vendas Novas, e culminando na transferência do RA5 para Vendas Novas.

e. O GAC/BrigInt beneficia bastante da sua vinda para VN, pois permite treinar e melhorar toda a sua componente tática e técnica, através da utilização das instalações e infraestruturas que tem ao seu dispor dentro da própria Unidade, para no final cumprir sua missão implícita, “ser o especialista de fogos da BrigInt”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por último gostaríamos de salientar que o RA5 de Vendas Novas “herdou” parte significativa do espólio material e imaterial da extinta EPA (várias missões, a área de responsabilidade, o museu, as infraestruturas e o seu peso institucional, o Polígono de Tiro, etc.). Tendo uma área superior a 400 hectares, um edifício de Comando (Palácio das Passagens) com 280 anos, uma agropecuária para explorar, um gimnodesportivo para manter, uma descontinuidade de infraestruturas, possuir vários imóveis à sua responsabilidade em Santo André (Sines) e Setúbal, ser unidade de formação, constituir-se como polo de formação de Artilharia de Campanha da Escola das Armas e a Unidade ser solicitada para apoio aos Cadetes-Alunos do Curso de Artilharia da Academia Militar, entre outras características impares, são razões sobranes para que seja dada uma atenção especial por parte do Comando do Exército, no sentido de dotar a Unidade com os recursos necessários e suficientes para continuar, como no passado, a fazer o que ainda não foi feito, bem feito, na senda da excelência como é apanágio dos Artilheiros.



CAP ART
ALEXANDRE CASINHA

“Mais vale um leão à frente de um rebanho de ovelhas do que uma ovelha à frente de um bando de leões”.

Autor desconhecido.

Sendo o tema do Boletim desta edição referente às Pessoas e coincidir com o término das minhas funções como Comandante da Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada de Intervenção, torna-se oportuno falar sobre Liderança, segundo a vertente do Exercício de Comando de uma Unidade Escalão Companhia (UEC) e dos desafios que lhe são inerentes. Pretendo, pois, aproveitar este momento para partilhar parte da experiência e visão pessoal sobre o que considero serem os Desafios do Comando de uma UEC.

1 Enquadramento

Para uma melhor perceção do tema tratado, afigura-se imprescindível proceder a uma distinção entre as noções de Comando e Liderança¹, pois apesar da abrangência deste último termo e de, por sua vez, contemplar em si, a responsabilidade de Gestão e de Comando, em termos estritamente concetuais, apresenta diferenças que importa referir. O caso particular do conceito “Comando” apresenta-se como uma vertente do exercício de uma liderança tipicamente militar, exercida no contexto de uma organização de estrutura rígida, bem definida, autocrática e vertical². Por inerência, realça igualmente uma dinâmica de grupo distinta de qualquer outra parcela da sociedade, uma vez que está associada ao designado Espírito de Corpo e “Camaradagem”, conceitos estes exclusivos da organização militar. Enquanto no Comando, o cerne aparenta basear-se, acima de tudo, segundo o princípio de autoridade investida sob alguém que tem a responsabilidade dos destinos de um grupo, independentemente da aceitação dos respetivos membros³. No caso da Liderança, o cerne baseia-se, acima de tudo, segundo o princípio de uma autoridade conquistada naturalmente. Embora assim seja, à luz da evolução histórica e do conhecimento atual, pretende-se, idealmente, visualizar o exercício do Comando como algo cada vez mais próximo do exercício de Liderança, ou seja, a associação/combinacão entre a autoridade que é investida legalmente e a autoridade que é natural e livremente aceite por força da atitude e conduta do Comandante/Líder. Por este motivo, ao longo do presente artigo, muitas vezes se substituirá o termo Comando pelo termo Liderança militar e/ou tão simplesmente Liderança uma vez que o sentido prático pretende-se próximo e com o foco orientado para o Capital Humano, em vez da força da lei⁴.

No que diz respeito ao caso da Unidade de Escalão Companhia (UEC) considera-se como o escalão tático mínimo que detém a gestão de aspetos técnico-táticos, administra-

tivo-logísticos, e de Justiça e Disciplina. Em virtude disto, o Capitão, Comandante de uma UEC, é considerado uma charneira importante entre os baixos escalões, de domínio puramente técnico-tático e os escalões médios/altos, de domínio estratégico-operacional. Deste modo, o exercício do Comando de uma UEC é considerado por muitos como a excelência do Comando, por conciliar uma proximidade e conhecimento relativo de todos os militares, com algum distanciamento justificado pela necessidade, por um lado, de mentoring dos escalões inferiores, e por outro, de ligação ao escalões superiores. Igualmente evidente é o facto de o Comando eficaz das Unidades de UEC ser o garante essencial e indispensável da coesão das tropas. Faz todo o sentido esta constatação, por ser a UEC o mais baixo escalão com tutela sobre as questões de Justiça e Disciplina, pois nada se solidifica sem ser a partir das bases.

Desafios do Comando de uma UEC

Depois de caracterizar as bases em que se apoiará o desenvolvimento do tema principal, passarei, de seguida, à apresentação e análise de nove desafios do Comando de uma UEC que seleccionei:

Estar à altura das especificidades militares face a um novo quadro de tarefas e missões

“Se o Exército quiser permanecer como uma profissão bem-sucedida e competitiva deverá ter uma ideia clara do conhecimento especializado que pode oferecer” (Herron, 2004).

A especificidade das tarefas dos militares das Forças Armadas advém do especial dever de cumprir os objetivos da política por meio da aplicação da violência, por esta razão o Capitão, Comandante de uma UEC, que serve sob condição militar, é um especialista na administração da violência⁵, e como tal, “reúne em si, simultaneamente, quatro identidades: o combatente, o líder de indivíduos de caráter, membro da profissão e servidor da nação” (Snider, 2003).

A complexidade dos contextos e a deontologia que orientam e enquadram o Universo de todos os militares transformam a liderança militar num exercício de extrema exigência, dedicação, excelência, abnegação, sacrifício, espírito de servir, ponderação e discernimento. O Comandante de uma UEC não é um simples e vulgar líder; é um líder de indivíduos de caráter, que deve estar preparado para exercer a sua liderança em condições particularmente difíceis, com ênfase para as situações de guerra que põem em risco a vida humana. Por isso, o Comandante de uma UEC deve possuir um caráter exemplar e revestir-se de uma atitude e conduta que zele pelas melhores intenções e pelos mais altos padrões éticos e morais⁶.

No que diz respeito ao novo quadro de tarefas, menciono, sobretudo, as Operações de Resposta a Crise; Operações de Ajuda Humanitária; Operações de Mentoring e outro tipo de missões de apoio. Todo este tipo de missões está enquadrado por um ambiente operacional altamente tecnológico e de maior

1 Consiste no “processo de influenciar para além do que seria possível através do uso exclusivo da autoridade” (Vieira, 2002: 15).

2 “A Instituição Militar não poderá nunca identificar-se com as Instituições Cívicas. A prontidão e a credibilidade dissuasiva dependem, em definitivo, da coesão das tropas, que assenta na disciplina, na hierarquia, de que é corolário, no espírito de corpo, na elevação moral, no sentimento de dever e honra” (Vieira, 2006).

3 No caso do Comando os membros designam-se normalmente por subordinados; no caso da liderança designam-se por colaboradores

4 Contudo, e como já foi referido, sem descurar esta última premissa.

5 “Instrumento de coação legítimo (especializada na administração da violência) à disposição do Estado para a concretização dos objetivos políticos” “assegurar a existência e a continuidade da sociedade; a segurança e a proteção dos seus membros” (Cruz, 1994: 9)

6 “Os Oficiais do Exército de hoje devem ter um entendimento muito claro de que representam algo muito mais profundo do que o seu trabalho diário” (Snider, 2003).
tégias que viabilizem uma luta bem-sucedida diante do caráter imprevisível, típico das mudanças” (Vilas Leitão, 2005)



complexidade e incerteza, condicionado, cada vez mais, pela opinião pública e globalização. Todos estes domínios intrínsecos ao novo quadro de tarefas e missões obrigam a uma formação multidisciplinar e multicultural⁷. O discernimento do líder de hoje deve-lhe permitir, perante um maior volume de fluxo de informação e de meios tecnológicos, antecipar as ações e determinar com segurança as decisões oportunas.

2- Estar preparado para lidar com a mudança

“A mudança é de tal maneira célere, numerosa, exigente e imperativa, que há que fazer um permanente esforço direcionado para onde podemos caminhar e encontrarmo-nos preparados para assumirmos esses desafios sem provocar grandes alterações desestabilizadoras” (...) “A correta gestão da mudança representa um imperativo da sobrevivência organizacional” (Vilas Leitão, 2005).

A este respeito, gerir a mudança é inequivocamente uma das responsabilidades decisivas do Exercício de uma Liderança bem-sucedida. Por isso, o Comandante de uma UEC deve assumir-se como o primeiro responsável pelo sucesso da adaptação ou implementação da mudança ao seu nível, incutindo em todos os seus subordinados uma atitude de autoconfiança, ambição, proatividade e espírito inovador. Lidar com a mudança exige da parte do Comandante clara capacidade de análise (“diagnóstico”), empenhamento (“ações preparatórias”), resposta (“estratégias de implementação”) e adaptação às circunstâncias (“resultados e monitoria”) (Cunha e Rego, 2003: 157). É nos períodos de mudança, e potencial adversidade associada, que o espírito de Comando se deve revelar e manifestar com capacidade de orientação⁸.

Um Comandante de uma UEC pode apoiar-se face a situações de mudança no seguinte método: “sistema educação e comunicação eficiente (educar as pessoas sobre a mudança); participação e envolvimento (escutar as pessoas envolvidas e as suas sugestões); facilitação e apoio (transmitir aos subordinados apoio emocional); negociação e acordo (de modo a incentivar os ativos e presumíveis resistentes); manipulação e cooptação (envolver os presumíveis resistentes); coerção implícita ou explícita (forçar as pessoas a mudar sob a presença de ameaças ou perda de oportunidades) (Cunha e Rego, 2003)”.

3- Transmitir Segurança

“O líder deve, primeiramente, ser um líder para si mesmo e só depois ser um líder para os outros” (O’Connor, 2001: 28).

O Comandante de uma UEC é aquele que mesmo perante o caos e picos de stresse e emoções se apresenta como a pedra basilar que garante o retorno à calma e aponta o caminho adequado a ser seguido. Para isso, deve manter sempre uma firmeza e tranquilidade de carácter inabalável, assim como elevados índices de perspicácia e discernimento, apresentando-se como uma fonte de inspiração e segurança. Se o Comandante de uma UEC não transmitir esta serenidade, salvo raras exceções, os resultados poderão ser desastrosos, pois todo o conjunto entrará em desarticulação, desorientação e desentendimento.

No que se refere ainda à transmissão de segurança e, por sua vez, da confiança, pilar fundamental do Exercício de Comando, deve atender-se especialmente ao temperamento que ado-

tamos quando estamos em “posição de liderança”, evitando-se transparecer os seguintes sinais: inércia, inconstância, nervosismo, arrogância, resistência, desmotivação ou sentido de injustiça. Uma incongruência entre conduta e temperamento transmite insegurança e, por sua vez, falta de confiança, de espírito de colaboração e de lealdade. Neste sentido, é importante adotar, em todas as circunstâncias e, em especial nas mais difíceis e desafiadoras, um temperamento que revele equilíbrio, maturidade, bom senso e determinação.

4- Ser capaz de incutir uma Visão e Cultura de sentido partilhado

“Importa articular uma visão estratégica que proporcione uma clara direção para o futuro, faculte um quadro de referência para a missão e objetivos da organização, e renove a comunicação, a participação e o empenhamento dos colaboradores” (Cunha e Rego, 2003: 51).

Pelo atrás exposto, não restam dúvidas sobre a importância de um líder estipular uma adequada visão (credível, realizável, clara, consistente, apelativa e eficazmente comunicada), como forma de comprometer e direcionar os seus subordinados num sentido comumente partilhado, de modo que gere comprometimento, sinergias, identificação e paixão com o caminho que se pretende percorrer. Sem esta noção de visão, associada a uma capacidade de a comunicar eficazmente, bem como de um assertivo empreendimento do Comandante da UEC na sua concretização, jamais o exercício da Liderança terá consistência e poderá conduzir a resultados de excelência desejados. Toda a história dos grandes líderes de sucesso prova que os mesmos só alcançaram elevadas metas porque se apoiaram e depositaram toda a sua fé e energia na concretização de uma visão (ambição).

Quanto ao aspeto cultural⁹ da liderança¹⁰, é importante atribuir um contexto e um significado partilhado aos membros de uma organização; um significado que os faça sentir - identificados e com paixão com o que são e fazem dentro da instituição que servem. “Portanto, “o líder institucional é, em primeiro lugar, um especialista na promoção e proteção dos valores e, simultaneamente, um construtor de significado partilhado” (Bergamini, 2002).

5- Manter a Disciplina

Se outrora a principal ideia que sustentava a garantia da disciplina consistia na coerção; hoje em dia, a ideia preponderante baseia-se no facto de que a garantia da disciplina consiste na consciencialização plena dos membros da instituição militar na postura e conduta considerada mais correta a adotar. Para que isto aconteça de forma natural, é necessário da parte de quem lidera, estabelecer estratégias de comunicação e de formação, que proporcionem um fundamento (motivo) que seja aceite e do comprometimento de todos, tomando por consciência o bem comum, mesmo que, por vezes, implicando abnegação pessoal. Esta nova estratégia de implementação da disciplina considera



Fig 1: Sentido partilhado da Liderança (Fonte: Google imagens)

⁷ Todos os Oficiais devem ter um certo conhecimento de todas as áreas do conhecimento” (Snider, 2003).

⁸ “A credibilidade do líder somente se solidificará a partir da competência que ele possa ter em dominar os recursos e transmitir aos seguidores estratégias que viabilizem uma luta bem-sucedida diante do carácter imprevisível, típico das mudanças” (Vilas Leitão, 2005).

⁹ A visão inicia-se numa convicção interior (Maxwell, 2010).

¹⁰ “A cultura é geralmente encarada como a cola normativa que une uma determinada escola. Composta por visões, valores e crenças comuns no seu centro; a cultura serve como Norte de uma bússola, conduzindo as pessoas numa mesma direção. Fornece normas que regem a forma como as pessoas



que na instituição militar atual só servem militares voluntários, adultos, em regime profissional, os quais só podem ser aceites se forem íntegros e aceitarem a deontologia que lhes é imposta, caso contrário, são reavaliadas as condições da sua continuidade na Instituição.

O Comandante de uma UEC só consegue garantir a disciplina se for dotado de firmeza de carácter e autoexigência (obtida por intermédio do exemplo moral, disciplinar e militar).

6- Zelar por garantir um elevado nível de motivação

“À medida que cada homem vai enfraquecendo, com a sua própria vontade se desvanecendo, a inércia de todos irá depender apenas da vontade do Comandante. O ardor do seu espírito deve reacender a chama do propósito nos demais, o seu fogo interior deve fazer reviver as suas esperanças.” (Yingling e Nagl, 2003).

Apesar de parecerem termos que fluem em sentido paralelo, a disciplina e a motivação concorrem mutuamente de forma simbiótica; ou seja, as estratégias desenvolvidas para fomentar a disciplina, se forem bem conduzidas, por norma, reforçam igualmente a motivação e vice-versa. Para comprovar esta afirmação, vejamos o exemplo citado anteriormente, sobre o facto de a metodologia mais adequada para desenvolver um sentido pleno e consistente de disciplina dever assentar na consciencialização (recorrendo à comunicação e formação) dos militares sobre a noção de correção da sua atitude e conduta e da necessidade de preservarem este desígnio em prol do coletivo. A concretização desta situação concorre diretamente para o significado literal de motivar, ou seja, o de encontrar um motivo lógico, exequível e acolhido para o comportamento e para a ação; o qual, por consequência, conduzirá igualmente a níveis elevados de aceitação, adaptação e de entusiasmo.

Para além do aspeto agora mencionado relativamente à simbiose entre disciplina e motivação, devem referir-se outros dois aspetos igualmente importantes considerar em termos do incremento e preservação da motivação: o espírito de Justiça – baseada em princípios, objetividade, conhecimento e critérios - e o exercício de uma plena Tutela – baseado no acompanhamento multifacetado .

Tanto o esforço individual como o esforço coletivo devem ser premiados , como forma de promover a motivação. É também um aspeto do líder demonstrar que está atento e preocupado. Ainda no domínio da motivação, convém referir que as medidas utilizadas com a finalidade de incentivar o esforço individual e coletivo extravasam o domínio das compensações. Estas medidas passam sobretudo pelo papel que o Comandante da UEC deve assumir na condução das atividades; na gestão e manutenção do esforço equilibrado e justo; na criação das melhores condições para a concretização da tarefa; na comunicação que estabelece; na atenção que revela ao Homem e no exemplo dado por ele.

7- Proporcionar uma adequada formação aos seus subordinados

No seio do Exército a formação ocupa um lugar central no que diz respeito à garantia do sucesso. Para este desiderato pretende-se garantir uma formação global e permanente, baseada no acompanhamento, orientação e monitorização. Esta deve ser uma premissa comum a todos os elos da Cadeia de Comando. Neste sentido, o Capitão, Comandante de uma UEC, derivado o seu conhecimento e experiência, deve imbuir-se do

papel de mentor de todos os seus subordinados, em especial, do seu elo mais direto, os Oficiais Subalternos . Desta forma, contribuirá para que todos entendam mais facilmente a sua intenção e estejam em sintonia, contribuindo, em larga escala, para a afirmação de um Comando coeso, transversal a todos os elos da Cadeia e capaz de envolver todos os militares da Companhia. Esta responsabilidade formativa e tutelar deve privilegiar ações preparatórias em vez de corretivas.

De igual forma, o Capitão, Comandante de uma UEC, deve aproveitar todo o conhecimento, experiência e conselho dos militares que constituem o escalão superior, como forma de amadurecer profissionalmente e de desenvolver o seu sentido de liderança.

8- Agir com Inteligência Emocional

“Os líderes de hoje e de amanhã deverão ter uma grande capacidade de comunicar e de motivar os que gravitam em seu redor, arrastando os seus seguidores de forma muito mais afetiva” (Vilas Leitão, 2006: 52).

O tempo em que os líderes militares cumpriam suas missões, cegamente, sem atender a aspetos humanos, já está resolutivo. Mais do que nunca, a sociedade de hoje obriga a uma valorização do capital humano . Por inerência, o nível de eficácia do relacionamento de um Comandante de uma UEC advém da sua capacidade para se adaptar e reagir ao comportamento dos que o rodeiam (que desejam ser tratados com respeito, como seres humanos e como contribuintes da unidade, que pretendem saber se as suas contribuições são significativas) .

A confiança mútua e o respeito passam muito pelo são relacionamento que se espera que exista entre líderes e subordinados; um relacionamento atento na missão e nas pessoas; um relacionamento atento na competência, dignidade pessoal e militar; um relacionamento atento no apoio e respeito pela crítica construtiva do escalão inferior; um relacionamento assente no espírito de serviço, de justiça e de equipa (entreaajuda); um são relacionamento não assente no facilitismo e condescendência, mas sim no espírito que deve nortear a Tutela (a maior parte das vezes cobrando exigência em troca do fomento de condições, apoio e justo reconhecimento).

Verifica-se que os maiores contributos para a conquista do respeito e da confiança mútua passam, muitas vezes pela forma da nossa dedicação, dando o exemplo e estabelecendo um contacto de apoio, aberto ao diálogo, e capaz de transmitir a necessidade de todos transportarem em si um forte sentido de missão. Num contexto de aproximação cada vez maior do meio militar ao meio civil, torna-se cada vez mais importante apoiar o exercício de Comando através da implementação da auto-disciplina por meio da formação de Valores e Princípios Éticos , em vez da implementação da autodisciplina por meio das ferreamentas legislativas. É pois necessário da parte dos líderes e, em especial dos Capitães Comandantes de UEC, grande atenção e perspicácia na deteção das situações desviantes ao quadro de Valores da Ética Militar e uma rápida intervenção corretiva , privilegiando-se a prevenção

9- Desenvolver a iniciativa

“A Pós-modernidade requer líderes ágeis, versáteis, adap-



Fig 2: Formação partilhada
(Fonte: Google imagens).



táveis e com capacidade criativa” (Vieira, 2006).

A iniciativa dos subordinados é estimulada quando os mesmos se sentem úteis e capazes de assumir os inerentes desafios e responsabilidades. Na concretização deste facto, representa um contributo importante a atitude de demonstração de confiança, apoio e mentoring do líder em relação ao seu subordinado, de forma a que este sinta segurança e deposite responsabilmente todo o seu empenho na concretização das tarefas delegadas. De facto, estimular a iniciativa e descentralização “liberta” o Comandante da UEC para o seu papel fundamental de orientação, mentoring e supervisão do escalão inferior – concentrando-se essencialmente nas tarefas, situações e âmbitos críticos- e de ligação ao Escalão Superior.

Assim sendo, o líder é um sujeito orientado para a ação, o indivíduo que participa e faz participar. “Rápidos no agir, têm sentido de urgência, fazem as coisas acontecer ... conseguem interagir com os mais diferentes tipos de pessoas, servindo-se da sensibilidade e trato social” (Bergamini, 2002). Um líder não deve esperar pelas situações - deve antes, antecipá-las, provocá-las, controlá-las, enfrentá-las com autoconfiança e otimismo face à possibilidade de obter um futuro melhor. O que se procura não são líderes reativos, mas sim, líderes proativos (Vilas Leitão, 2005).

Considerações Finais

Perante a análise e reflexão deste artigo é óbvia a importância do Comando em termos de desenvolvimento integral, em especial das valências humanas sustentadas em adequados padrões morais e deontológicos, que permitam um cumprimento cada vez mais eficiente das tarefas e missões atribuídas às Forças Armadas e ao Exército em particular.

Sendo o Comandante de uma UEC o primeiro responsável pela completa integração e enquadramento dos militares no seio da Instituição Militar cabe-lhe um dos papéis mais importantes na contribuição para o eficiente cumprimento das missões do Exército. Por inerência, é confrontado com uma particularidade de desafios e tarefas que põem à prova o seu Comando e que, caso sejam convenientemente abordados, constituem passos e oportunidades importantes rumo ao caminho do sucesso. Deste modo, o presente artigo, por meio da seleção de alguns pontos considerados importantes, pretendeu apresentar um conjunto de potenciais contributos que, independentemente da sua total aplicabilidade ou validade (porque, algumas vezes foram aprofundados somente com base no testemunho pessoal) contribuem para uma reflexão mais exaustiva e aprimorada sobre o Exercício da Liderança e, por consequência, para a melhoria da experiência de Comando dos Comandantes das UEC, assim como de um entendimento alargado a outros militares acerca dos domínios e importância da Liderança.

Por fim, queria reforçar a intenção de Comando emanada pelo Exmo Comandante da Brigada de Intervenção, Major General Aguiar Santos, quando afirma: “para que a Brigada de Intervenção se afirme como uma Brigada de excelência é necessário desenvolver em todos os níveis da Cadeia de Comando uma relação forte de liderança que fomenta uma Coesão e um Espí-

rito de Corpo indispensáveis ao cumprimento de excelência das diversas missões.” É meu entendimento, que no intuito de prosseguir esta intenção, temos que encontrar o desafio que nos motive a ser, em primeiro lugar, melhor em nós mesmos, e, depois, influir nos que diretamente lidam connosco para caminhar numa mesma direção. Este é certamente o grande desafio que visualizo como Capitão.

BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

BASES GERAIS DA CONDIÇÃO MILITAR; 1 de Junho de 1989.
ESTATUTO DOS MILITARES DAS FORÇAS ARMADAS”; 25 de Junho de 1999 (Lei nº 11/89).
REGULAMENTO DE DISCIPLINA MILITAR”; 9 de Abril de 1977 (lei nº 142/77).

FONTES SECUNDÁRIAS

BERGAMINI, Cecília WhiteKer (2002); “O Líder Eficaz”; Editora Atlas.
BYHAM, William C.; et all(2004); “Formando Líderes – como identificar, desenvolver e reter talentos de liderança”; São Paulo; Prentise Hall.
CENTRO DE INSTRUÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA (1958); “A Arte de Comandar”; Oeiras.
CRUZ, José Ribeiro da (1993/1994); “O Militar e a Sociedade Portuguesa; as Exigências de Carreira; a Formação e o Ensino Militar – Curso Superior de Comando e Direcção”; Ensaio não publicado; Instituto de Altos Estudos Militares.
REGO, Arménio (1998); “Liderança nas Organizações – Teoria e Prática”, Aveiro; Universidade de Aveiro.
CUNHA, Miguel Pina e Cunha; REGO, Arménio (2003) (1ªEd); “A Essência da Liderança”; Lisboa; HR Editora.
CUNHA, Miguel Pina e Cunha; REGO, Arménio (2005) (1ªEd); “Liderar”; Lisboa, D. Quixote.
CUPERTINO, Joaquim Luís (1985) (Reedição); “Deontologia Militar”; Lisboa, Serviços Gráficos da Academia Militar.
GAVET, André (1958); “A Arte de Comandar”; Lisboa; Biblioteca do Exército Editora.
LIN, Bothwell; “A Arte Da Liderança”; Editorial Presença; Lisboa; 1991.
MAXWELL, John C.; “As 21 Indispensáveis Qualidades de um Líder”; Smarbook; Lisboa; 2010.
MENDES, José Alberto Reynolds (1991/1992); “O Exercício do Comando em Escalões Elevados em Tempo de Paz e Tempo de Guerra”- Curso Superior de Comando e Direcção”; Ensaio não publicado; Instituto de Altos Estudos Militares.
O’CONNOR, Joseph (2001); “Liderando –Técnicas Simples e Fundamentais para Influenciar e Administrar Pessoas”; S.Paulo; Editora Record.
RAMALHO, Manuel Francisco Matoso (1984/1985); “Formação e Carreira do Oficial: Sequência e ou Entrosamento na Preparação Técnico-militar, Técnica-científica e humanísticas – Curso Superior de Comando e Direcção”; Ensaio não publicado; Instituto de Altos Estudos Militares
SERGIOVANNI, Thomas; “O Mundo Da Liderança – Desenvolver Culturas, práticas e responsabilidades das escolas”; Trad Phala; ASA; Porto; 2004.
VIEIRA, Belchior (2002); “Liderança Militar” – Academia Militar; Edições Atena.
OUTRAS FONTES
BLACKWELL, Paul E.; BOZEK, Gregory J. (1999) in *Military Review*; 1º Trimestre.
BRINSFIELD, John; “Uma Busca por Coerência e Pertinência” in *Military Review*; 1º Trimestre.
HERRÓN, Sean (2004); “A Profissão das Armas: Avestruz ou Fénix” in *Military Review*; 4º Trimestre.
KOLENDA, Christopher D. (2004); “Dez Maneiras como os Grandes Líderes Lideram” in *Military Review*; 4º Trimestre.
LEANDRO, Francisco José (2006); “Um Modelo para o Exercício do Comando ao Escalão Bateria” in *Jornal do Exército*; nº 533.
NAGL, Jhon; YINGLING, Paul (2003); “O Oficial do Exército como Combatente” in *Military Review*; 4º Trimestre.
“O DOMÍNIO DA LIDERANÇA” (2003) in *Diário Económico*.
SNIDER, Don J. (2003); “O Oficialato: o Exercício da Profissão” in *Military Review*; 4º Trimestre.
VIEIRA, Belchior (2006a); “Competências dos líderes estratégicos” in *Boletim de Formação Investigação e Doutrina*; Lisboa; Instituto de Altos Estudos Militares.
VIEIRA, Belchior (2006b); “Liderar na Pós-modernidade Militar –líderes ágeis, versáteis e adaptáveis” in *Revista de Artilharia* nº 965 a 967.
VILAS, Leitão (2005); “Matriz de Liderança para o séc. XXI” in *Jornal do Exército* Nº 536.
VILAS, Leitão (2006); “Liderança e Inteligência Emocional” in *Jornal do Exército* Nº 552.



Fig 3: Vantagem da iniciativa
(Fonte: Google imagens)



MAJ ENG
JOSÉ HENRIQUES

**«NÃO MENOS NOS ENGENHOS
QUE NA ESPADA»**

O Regimento de Engenharia nº3 (RE3) é um dos dois Regimentos de Engenharia do Exército Português, estando na dependência da Brigada de Intervenção (BrigInt). Do seu encargo operacional fazem parte uma Companhia de Engenharia de Combate Média – CEng/BrigInt e uma Companhia de Engenharia de Apoio Geral – 2CEng A/G. A unidade desenvolve um conjunto de atividades diversificadas, das quais se destacam, durante o primeiro semestre de 2015:

1. Exercícios

Participação nos Exercícios: “MAPEX-DRAGÃO15”, no Comando da BrigInt; no “MAPEX NRF 2016” no RI14; no “HAKEA 151” e “VIRIATO” no CMSM e “RELÂMPAGO 15” em apoio do RAAA1.

No âmbito do PITOP, a CEng/BrigInt, planeou e conduziu o exercício “VÉNUS 15” que decorreu na carreira de tiro da Gala entre 23 e 27 de março de 2015. Este exercício teve como audiência primária de treino os pelotões de engenharia e como audiência secundária o comando da companhia, incidindo no treino de tarefas críticas no âmbito da engenharia de combate

2. Plano de Atividade Operacional Militar (PAOM) e Inopinado (INOP) Militar

Em apoio de diversas U/E/O, na melhoria das suas infraestruturas através da realização de trabalhos de engenharia no âmbito das construções verticais e/ou horizontais, de acordo com o plano de atividade operacional, estiveram empenhados Destacamentos de Engenharia (DEng), na reabilitação de fachadas no Centro de Saúde Militar de Coimbra, na reabilitação da Messe de Sargentos da UnAp/BrigInt em Coimbra e na execução de trabalhos diversos no RI19 em Chaves.



3. Plano de Atividade Operacional Civil (PAOC) e Inopinado (INOP) Civil

No âmbito dos protocolos de colaboração visando o apoio ao desenvolvimento e bem-estar das populações através da realização de trabalhos gerais de engenharia, foram executados apoios nos municípios de Mira (limpeza de cursos de água), Espinho (regularização e movimentação de terras), Castanheira de Pêra e Vieira do Minho (manu-



tenção da rede viária com o objetivo de melhoria da vigilância na prevenção dos incêndios florestais) e Arouca (beneficiação de um caminho agrícola). Foi ainda empenhado um DestEng na decapagem de um terreno, movimentação de terras e abate de árvores em apoio da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

4. Protocolo com o ICNF - PLANO FAUNOS

Durante o ano de 2015, está prevista a execução de diversos trabalhos nos distritos de Viana do Castelo, Vila Real, Aveiro e Viseu. Estes trabalhos já se iniciaram, estando atualmente a decorrer na região de Aveiro. A totalidade do trabalho a desenvolver em 2015 pelo RE3 compreende 64 Km de faixas de interrupção de combustível (corta-fogos) e 119 Km de beneficiação de rede viária de defesa da floresta.



5. Formação profissional certificada em parceria com o IEFP



Com o objetivo de habilitar militares para o desempenho de funções específicas no âmbito das construções horizontais e manutenção de equipamentos de engenharia, iniciaram-se os cursos de Operador e Mecânico de Equipamento Pesado de Engenharia a decorrer em 2015. Como forma de suprir necessidades de diversas unidades do Exército, estão também a decorrer formações modulares de electricista, carpinteiro, canalizador e serralheiro civil. Todas as formações são certificadas pelo IEFP, representando uma ferramenta importante para o desempenho de funções no Exército pelos militares que as frequentam, bem como um útil apoio à sua futura transição para o mercado de trabalho civil.

6. Cooperação Técnico - Militar

No âmbito da cooperação e assistência militar a países amigos e no quadro das organizações internacionais de que Portugal faz parte, o RE3 é responsável pelo projeto N°3 - Pelotão de Engenharia Militar de Construções na RD de São Tomé e Príncipe. As atividades deste projeto têm como objetivo global o desenvolvimento e aplicação em benefício das infraestruturas militares são-tomenses, das capacidades de intervenção da Companhia de Engenharia do Exército do país. Encontram-se em fase de finalização, os trabalhos de remodelação de uma caserna no Centro de Instrução Militar (CIM).



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



TIRO FASE II – BRIGADA

O Regimento de Infantaria Nº19, organizou na cidade de Chaves, no período entre 02 e 06 de fevereiro de 2015, o Campeonato Desportivo Militar (CDM) de Tiro, Fase II Brigada, de acordo com a calendarização de execução anual das Competições

Desportivas Militares da Brigada de Intervenção, pelo facto do Regimento contar com um excelente complexo de carreiras de tiro devidamente certificadas, possuindo todas as condições para a realização deste tipo de provas.



A competição teve por finalidade apurar os militares para representar a Brigada de Intervenção no CDM de Tiro, Fase III – Exército. As condições meteorológicas foram excelentes, podendo os atletas potenciar todas as suas capacidades, por forma a conseguir alcançar os melhores resultados individuais.



O tiro de espingarda decorreu na carreira de tiro de 100 metros, com 3 sessões de tiro diferentes para cada atirador. Nas instalações da carreira de tiro de 50 metros decorreu o campeonato de tiro de pistola. Para os atletas masculinos, o campeonato foi composto por duas fases, tiro de precisão e tiro de duelo. Os elementos femininos apenas competiram no tiro de precisão.

Ambas as provas decorreram de acordo com o regulamento em vigor.

Neste campeonato participaram todas as Unidades da Brigada, assim como o Regimento de Transmissões.

Sagrou-se vencedora deste campeonato com a **TAÇA DE MÉRITO DESPORTIVO** a equipa do **REGIMENTO DE INFANTARIA Nº 13**.



ORIENTAÇÃO FASE II NO RAAA1

Decorreu no RAAA1 no período de 10 a 12 de fevereiro de 2015 o Campeonato Desportivo Militar de Orientação Fase II da Brigada de Intervenção.

Estiveram presentes delegações do Comando e Unidade de Apoio da Brigada de Intervenção, do Regimento de Infantaria Nº 13, do Regimento de Infantaria Nº 14, Regimento de Infantaria Nº 19, Regimento de Artilharia Nº 5, Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1, Regimento de Cavalaria Nº 6, Regimento de Engenharia Nº 3 e do Regimento de Transmissões.

A competição desenrolou-se nos arredores de Janas, Sintra e contou com os seguintes vencedores individuais:



- 1º Escalão Feminino, 1º Cabo RC Nelma Alves do RI13;
- 1º Escalão Masculino, Segundo - Sargento de Artilharia Mário Silva do RAAA1;
- 2º Escalão Masculino, Primeiro-Sargento de Infantaria Jorge Moura do RI13;
- 3º Escalão Masculino, Sargento-Ajudante de Infantaria Frederico Bessa do RI13.

Coletivamente apuraram-se os seguintes vencedores:

- Escalão Feminino, RE3;
- 1º Escalão Masculino, RI13;
- 2º Escalão Masculino, RI13;
- 3º Escalão Masculino, RI13.

Na prova por estafetas venceram as seguintes equipas:

- Escalão Feminino, RE3;
- 1º Escalão Masculino, RI13;
- 2º Escalão Masculino, RAAA1;

3º Escalão Masculino, RI13.

O RI13 viria a averbar ainda 12 pontos para o troféu de Mérito Desportivo da Brigada de Intervenção.



Esta competição contou com o apoio da Escola Prática de Serviços, Direção de Comunicações e Sistemas de Informação, Regimento de Transportes, Centro de Tropas Comandos e da Escola das Armas.

Na cerimónia de encerramento, o Exmo. Comandante do RAAA1 Coronel de Artilharia, José Augusto Oliveira Costa dos Reis, referiu a importância deste género de competições, que potenciam a coesão e união no seio da Brigada de Intervenção, esperando ainda que a organização do evento tenha ido ao encontro das expectativas de todas as delegações presentes.



ORIENTAÇÃO FASE III – EXÉRCITO



O Regimento de Infantaria Nº19, organizou no período entre 09 e 13 de março de 2015, o Campeonato Desportivo Militar (CDM) de Orientação, Fase III Exército, de acordo com a calendarização de execução anual das Competições Desportivas Militares do Exército.

A orientação começou na Suécia por volta de 1918.

Conta-se que um corredor de fundo, matemático, considerando que o tempo gasto a praticar a atividade era um tempo perdido para a mente, resolveu começar a solucionar problemas de

matemática enquanto corria. Talvez, este corredor, tenha sido a génese das corridas de orientação.

Em 1965, o Conselho Internacional do Desporto Militar, organizou o primeiro Campeonato de Orientação Militar.

O CDM de Orientação, Fase III Exército - 2015, constou de 2 provas individuais de distância média e longa e de uma prova de estafetas, realizadas na Serra da Cabreira, na zona de Salto e Vieira do Minho.





Participaram nesta competição 134 militares, de ambos os sexos, que representaram o Comando do Pessoal, Comando da Logística, Comando das Forças Terrestres, Brigada Mecanizada, Brigada de Intervenção, Brigada de Reação Rápida, Zona Militar dos Açores, e Zona Militar da Madeira.



Com condições meteorológicas favoráveis, os participantes puderam demonstrar as suas capacidades, por forma a conseguirem alcançar os melhores resultados individuais e coletivos.

A cerimónia de entrega de prémios foi presidida pelo Exmo. TGen António Xavier Lobato de Faria Menezes, Comandante das Forças Terrestres, em representação de S.Ex.^a Gen Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, Chefe do Estado-Maior do Exército.



A Taça “COMANDO DE INSTRUÇÃO E DOCTRINA” foi conquistada pela **Brigada de Intervenção**.

No âmbito das competições desportivas militares, a Brigada de Intervenção (BrigInt), participou na Fase III – Exército, nas modalidades corta-mato, orientação e tiro desportivo. A primeira foi organizada pela Brigada Mecanizada, no Campo Militar de Santa Margarida, a 30 de janeiro de 2015. A prova de orientação decorreu durante a semana de 9 a 13 de março, organizada pelo Regimento de Infantaria 19, em Chaves, enquanto a prova de tiro desportivo, nas modalidades de pistola e espingarda, foi organizada pela Escola das Armas, em Mafra, de 04 a 08 de maio.



A BrigInt participa nestes eventos desportivos com o intuito de estimular e salutar a convivência entre os militares que servem no Exército Português, fomentando o espírito de corpo e sã camaradagem, fazendo-se representar por atletas que se empenham e sacrificam pelas melhores prestações.



Aliado ao convívio militar, a BrigInt tem-se empenhado em obter bons resultados nas competições desportivas em que participa, de forma a aperfeiçoar a prontidão operacional, nomeadamente através da prática de modalidades inerentes ou complementares ao treino e instrução. Nas três competições disputadas, alcançou o primeiro lugar e a conquista do troféu do Comando de Instrução e Doutrina.

A coesão demonstrada, traduzida também em resultados coletivos, fomenta o culto da camaradagem entre os elementos da Brigada, contribuindo para enaltecer e prestigiar a Brigada de Intervenção.





CMD e UNAP

CONCERTO DE ANO NOVO DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Realizou-se no dia 08 de janeiro de 2015, em Coimbra, o tradicional Concerto de Ano Novo da Brigada de Intervenção. Perante um público que encheu por completo o Teatro Académico de Gil Vicente, uma das maiores e mais prestigiadas salas de espetáculos de Portugal, a Banda Sinfónica do Exército apresentou um magnífico programa musical.



Este concerto que é já um marco na agenda cultural de Coimbra, é promovido pela Brigada de Intervenção e conta com o apoio da Câmara Municipal e do Teatro Académico de Gil Vicente, espelhando as excelentes relações institucionais existentes.

Pela adesão da população conimbricense e pelo apoio das entidades envolvidas, ficou a certeza que novos espetáculos musicais se seguirão em Coimbra, mostrando a riqueza da cultura musical militar e confirmando a proximidade da Brigada de Intervenção à cidade que a acolhe.



COMPETIÇÃO DESPORTIVA MILITAR DE CORTA MATO, FASE II – BRIGADA

Decorreu nos dias 15 e 16 de janeiro de 2015 a Competição Desportiva Militar (CDM) de Corta Mato Fase II – Brigada. O evento foi organizado pela Unidade de Apoio da Brigada de Intervenção, na Mata Nacional do Choupal.



Na competição participaram oito delegações representativas das Unidades da Brigada de Intervenção, num total de 140 participantes.



Na prova feminina, com a distância de 4850 metros, participaram 31 atletas e na masculina, com a extensão de 8330 metros, 109 atletas.

Após a prova realizou-se no Comando da Brigada de Intervenção um almoço convívio, ao qual se seguiu a Cerimónia de Entrega de Prémios.

TOMADA DE POSSE DO NOVO CMDT DA CCS DA BRIGADA DE INTERVENÇÃO

Em 29 de janeiro de 2015, tomou posse, como Comandante da Companhia de Comando e Serviços do Comando da Brigada de Intervenção, o Tenente RC de Engenharia Vítor José da Silva Lopes.

A cerimónia realizou-se na Parada Coronel Médico Aurélio dos Reis, no Aquartelamento de Sant'Anna e contou com a presença de militares da Companhia de Comando e Serviços e da Fanfarrinha Militar da Unidade de Apoio.





CERIMÓNIA DE IMPOSIÇÃO DE CONDECORAÇÕES E DE DESPEDIDA DE MILITARES POR PASSAGEM À RESERVA E REFORMA



Realizou-se no dia 13 de março de 2015, no Salão Nobre da Brigada de Intervenção, a cerimónia de imposição de condecorações e de despedida de Oficiais, Sargentos e funcionários Cívicos que prestaram serviço no Comando e Unidade de Apoio da Brigada de Intervenção e que recentemente transitaram para a situação de reserva ou reforma.

A cerimónia foi presidida pelo Exmo. Comandante da Brigada de



Intervenção, Major-general Aguiar Santos, que enalteceu o serviço prestado em prol do Exército e em particular do Comando e Unidade de Apoio da Brigada de Intervenção.



O evento compreendeu a imposição de condecorações, leitura dos resumos biográficos, entrega de diplomas de louvor e lembranças institucionais. Contou com a presença de uma representação de Oficiais, Sargentos e Cívicos que servem na Brigada de Intervenção, atestando o reconhecimento e homenagem aos militares que transitaram de situação.

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PASCAL

No dia 20 de março realizou-se, na Igreja de Santa Cruz em Coimbra, a Celebração Eucarística Pascal, presidida por Sua Exa. Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Manuel Linda.

A cerimónia contou com a presença da família militar e das forças de segurança conimbricenses, com representantes da Brigada de Intervenção, Centro de Saúde Militar, Liga dos Combatentes e Instituto de Ação Social das Forças Armadas (IASFA), bem como representantes da Guarda Nacional Republicana e da Polícia de Segurança Pública.



Os cânticos, devidamente enquadrados na Quadra Pascal, ficaram a cargo do Coro e da Fanfara da Brigada de Intervenção. Após o final da celebração eucarística, a secção de Fados da Associação Académica de Coimbra, a convite do capelão da BrigInt, encerrou o evento com um concerto nos claustros da Igreja de Santa Cruz.

COMANDANTE DA BRIGINT VISITA O KOSOVO

De 03 a 07 de abril de 2015, o Comandante da BrigInt, MGen Aguiar Santos, visitou o contingente português em Pristina e a estrutura da KFOR no Kosovo.

Durante a sua permanência no Kosovo, o Comandante da BrigInt foi recebido pelo Exmo. MGen Francesco Paolo Figliuolo Comandante da KFOR, no Quartel-general da KFOR, em Camp Film City.



No decurso da estada no Kosovo, em 06 de Abril presidiu ainda à cerimónia de transferência de autoridade nacional, em representação de S. Exa. o General Chefe do Estado-maior General da Forças Armadas, entre o 1BIPara/FND/KFOR e o GAM/KFOR.



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



No passado dia 13 de dezembro de 2014, o Regimento de Infantaria Nº13 (RI13) apoiou e colaborou com a Câmara Municipal de Vila Real, na realização de mais um almoço convívio para cerca de 1800 idosos do concelho de Vila Real.

Este almoço, para além dos idosos do concelho, contou com as ilustres presenças do Exmo. Presidente da Câmara de Vila Real, Sr. Eng.º Rui Santos, dos Vereadores do Município, dos Presidentes de Junta de Freguesia do concelho de Vila Real, e do Exmo. Comandante do RI13, Coronel Fernando Albuquerque. No final do almoço, o Rancho Etnográfico de Borbela presenteou todos os presentes com uma excelente atuação.



IX CORRIDA SÃO SILVESTRE 2014



Em 21 de dezembro de 2014 decorreu, na cidade de Vila Real, a IX Edição da corrida São Silvestre, prova organizada pelo Município de Vila Real, RI13, Associação de Atletismo de Vila Real, INATEL e IPDJ.

A corrida S. Silvestre foi composta por duas provas, uma corrida com uma distância de 10 Km e uma marcha com uma distância de 5 Km, ambas percorridas pelas artérias principais da cidade.

Esta iniciativa contou com uma participação generosa de cerca de 310 participantes, dos quais 245 atletas participaram na prova rainha.

A prova iniciou-se, como já é tradição, no RI13 e terminou na Praça do Município, onde, posteriormente, teve lugar a cerimónia de entrega de prémios.

Apesar de os resultados desportivos não serem importantes, não podemos deixar de salientar o esforço e a dedicação dos atletas, bem como aqueles que estiveram envolvidos no apoio para que esta prova se tornasse reconhecidamente num sucesso.

CERIMÓNIA MILITAR DE IMPOSIÇÃO DA MEDALHA COMEMORATIVA DAS CAMPANHAS AOS EX-COMBATENTES

No passado dia 29 de janeiro, teve lugar na Sala de Honra do RI13, uma cerimónia militar de imposição da Medalha Comemorativa das Campanhas a 4 ex-Combatentes.

A Cerimónia foi presidida pelo Exmo. Comandante do RI13, COR INF Fernando M. R. Pereira de Albuquerque e contou com a presença do Presidente da Liga dos Combatentes – Núcleo de Vila Real e de delegações de Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Cívicos que prestam serviço nesta Unidade que testemunharam este ato de elevadíssimo significado para os homenageados.

Do programa da Cerimónia, destaca-se o momento alto da imposição das condecorações e as palavras emotivas proferidas pelo Exmo. Comandante do RI13.



COMEMORAÇÕES DO DIA FESTIVO



O RI13 comemorou o seu dia festivo no passado dia 09 de abril. Estas comemorações evocam a data de 09 de abril de 1918, em que se recorda a ação do Batalhão de Infantaria 13, mobilizado por este Regimento, que se bateu com a maior bravura e estoicismo na Batalha de La Lys, defendendo o setor de “La Couture” atacado pelas tropas germânicas.

A cerimónia foi presidida pelo Exmo. Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos e contou com a presença de ilustres convidados militares e civis da região.

Do programa, destacam-se a cerimónia de homenagem aos mortos, a cerimónia militar na parada “La Lys” e a demonstração de capacidades relativas às missões atribuídas ao RI13 para 2015.



No âmbito desta iniciativa o RI13 acolheu a visita de cerca de 350 alunos das escolas do concelho de Vila Real que procederam a plantação de árvores, enquadrados por alunos do curso de Engenharia Florestal que também se associaram a esta iniciativa.

Nos terrenos da unidade procedeu-se à plantação de uma árvore, na presença das crianças, após a qual foi tirada uma fotografia de grupo. Ato simples e simbólico que materializaram esta colaboração, que se espera ser duradoura e vantajosa para todas as partes.

No dia 19 de março, comemorou-se o Dia Mundial da Árvore, em Vila Real.

Este evento da iniciativa da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), à qual se associaram como entidades promotoras, o Município de Vila Real e o RI13, contou ainda com o apoio do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, dos Bombeiros da Cruz Branca e da Cruz Verde de Vila Real e do Grupo de Montanhismo de Vila Real, assim como alguns Agrupamentos de Escolas do distrito de Vila Real, bem como os alunos do Curso de Engenharia Florestal.



DECIF 2015 – AÇÕES DE FORMAÇÃO PARA OS MILITARES

No âmbito do Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Florestais para 2015, foram ministradas um conjunto de ações de treino operacional para militares do Exército, durante o mês de março, no RI13.

Neste sentido, no passado dia 03 de março, e numa primeira fase, foi conduzida uma formação designada por “O papel do Oficial de Ligação das Forças Armadas (FA) na estrutura de Proteção Civil”.

Esta formação foi conduzida pelo Comando Operacional do Agrupamento Distrital Norte e pelo Comando Operacional do Distrito de Vila Real e contou com a presença de Oficiais oriundos do RI13, RI14 e RI19.



Das matérias ministradas, nesta formação, destacam-se a apresentação, manuseamento e manutenção dos equipamentos e ferramentas que poderão ser utilizados em ações de prevenção, primeira intervenção e rescaldo pós incêndio, bem como as técnicas de combate e procedimentos ao nível do dispositivo que poderão vir a ser adotados durante a sua intervenção.





VISITA DE S. EXA. O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DE DEFESA DO REINO DE ESPANHA, AO EXÉRCITO PORTUGUÊS



No dia 26 de fevereiro de 2015, a cidade de Viseu e o Regimento de Infantaria N.º14 (RI14) receberam a visita do Exmo. Chefe do Estado-Maior de Defesa do Reino de Espanha (JEMAD), Almirante General D. Fernando Garcia Sánchez.

A sua vinda a Portugal e sucessivamente à cidade de Viseu, surgiu a convite de S. Exa. GEN CEMGFA, a fim de visitar as Forças Armadas, permitindo deste modo otimizar os seus conhecimentos das valências do Exército Português, designadamente o 2BIMec (R) /NRF16.

O 2BIMec (R) /NRF16 preparou uma formatura no Aeródromo Gonçalves Lobato (Lordosa-Viseu) com todos os meios disponíveis concentrando um total de 112 viaturas (43 VBR PANDUR II 8x8), e 607 homens.



Depois de terminada a visita ao 2BIMec (R) /NRF16, o JEMAD assinou o Livro de Honra do Exército e continuamente procedeu-se a uma troca de lembranças. Por volta das 13H00 deu-se por terminada a visita a Viseu.

O DIA DO REGIMENTO

No passado dia 27 de março realizaram-se as cerimónias militares do Dia do RI14, na qual se recordou uma vez mais a brilhante e valente ação realizada no dia 19 de março de 1918, pela 1ª Companhia do Batalhão proveniente do 14 de Infantaria, comandada pelo Capitão Vale de Andrade.

Integrado no conjunto de eventos do programa das comemorações do Dia da Unidade, foram realizadas um conjunto de atividades, nomeadamente:



- Concerto da Banda Sinfónica do Exército, a 26 de março, na Aula Magna do Instituto Politécnico de Viseu;
- A iniciativa “Portas Abertas 15”, no dia 28 de março;
- A prova pedestre “Corrida Viriatos 15”, a 29 de março, com 350 participantes;
- Cerimónia de homenagem a Viriato, na Cava do Viriato;
- Cerimónia militar na parada do Regimento.



Após o almoço festivo, que se realizou no Rancho Geral, as entidades militares e civis, deslocaram-se ao Palácio do Gelo, onde encerraram a exposição alusiva ao tema “o Regimento de Infantaria N.º 14 na Grande Guerra.





CERIMÓNIA MILITAR DO DIA DA UNIDADE



Em 25 de março de 2015, o Regimento de Infantaria N.º19 (RI19), comemorou os seus 206 anos de existência e o Centenário da Grande Guerra. A cerimónia foi presidida pelo Exmo. Tenente-General Fernando de Campos Serafino, Comandante da Logística.



Na cerimónia militar, que decorreu na parada da unidade, participou, entre outras forças, o Destacamento de Apoio (NSE), incumbência do RI19, no âmbito do compromisso nacional para as NATO Response Forces 2016, o qual conduziu uma pequena demonstração de capacidades, no final da cerimónia, através de um desfile motorizado, no interior da Unidade.



COMEMORAÇÃO DA BATALHA DE LA LYS



Realizou-se no passado, dia 09 de abril, o 97º aniversário da Batalha de La Lys, ocorrido no período de 9 a 29 de abril de 1918, na região da Flandres, Bélgica.

O Núcleo de Chaves da Liga dos Combatentes, quis lembrar a batalha que marcou a participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, e que constitui uma das maiores catástrofes militares portuguesas. Assim, decorreu junto ao Monumento de Homenagem aos Mortos da Grande Guerra, no largo do Monumento, uma cerimónia militar com a participação de

uma força militar do RI19e onde estiveram ainda presentes o Vice-Presidente da Câmara Municipal de Chaves e o 2º Comandante da Unidade, Tenente Coronel Paulo Saraiva, bem como um elevado número de associados do Núcleo de Chaves da Liga dos Combatentes.

No mesmo âmbito realizou-se uma cerimónia de homenagem aos mortos no Talhão da Liga dos Combatentes do Núcleo de Chaves, no cemitério..



QUEFAMA LUSTRE FIOUE

CONFERÊNCIA PELO GENERAL LOUREIRO DOS SANTOS



No âmbito das comemorações do 206º Aniversário do RI19 realizou-se em Chaves, no Auditório do Centro Cultural, em 17 de abril, uma conferência subordinada ao tema “O Cerco à Europa”, tendo sido conferencista convidado o Exmo. Senhor General Loureiro dos Santos.

Este evento contou com o apoio ativo de todas as Câmaras Municipais do Alto Tâmega, Chaves, Boticas, Montalegre, Valpaços, Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar, que se fizeram representar pelos respetivos Presidentes de Câmara ou seus representantes, para além de muitas entidades da região e pela Exma. Sr.ª Dr.ª Manuela Tender, Deputada pelo círculo de Vila Real.





RAAA1 **TOMADA DE POSSE DO COMANDANTE**



Em 08 de janeiro de 2015 tomou posse como Comandante do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 (RAAA1) o Exmo. Coronel de Artilharia José Augusto Oliveira Costa dos Reis.

Na cerimónia militar, o Exmo. Comandante do RAAA1 recebeu o Estandarte Nacional das mãos do 2º Comandante, após o que usou da palavra, referindo a honra e o orgulho de comandar o Regimento, destacando-se a exortação feita a todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Cíveis a adotarem “nos tempos conturbados e de incerteza que vivenciamos” os princípios éticos da virtude e da honra.



O COR ART Costa dos Reis afirmou contar com a dedicação, competência, profissionalismo, espírito de bem servir e pró atividade de todos quantos servem neste Regimento, afirmando que só deste modo será possível ao RAAA1 atingir todas as metas e desafios agora elencados pelo novo Comandante.

Seguiu-se a apresentação de cumprimentos na Biblioteca “Caetano de Souza” e a regulamentada revista à Unidade



PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA VISITA O RAAA1

Em 16 de março de 2015 o RAAA1, recebeu a visita do Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Basílio Adolfo de Mendonça Horta da Franca.

Após a receção à Porta de Armas ocorreu apresentação de cumprimentos no Gabinete do Comandante.

Dando continuidade ao programa definido, seguiu-se a visita ao Palacete Almeida Araújo onde o Grupo de Câmara da Banda Sinfónica do Exército executou várias peças musicais. Seguidamente, iniciou-se um périplo pelo Regimento, tendo o Exmo. Comandante do RAAA1 referido in loco as dificuldades e anseios no cum-



primento da missão.

Foram identificadas e sinalizadas diversas oportunidades de cooperação mútua com benefícios para ambas as Instituições, tendo merecido abertura por parte do Presidente da Edilidade Sintrense.

A visita viria a ficar concluída com a assinatura do Livro de Honra do RAAA1



RAAA1 PARTICIPA NAS CELEBRAÇÕES DO 97º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS

Em 09 de abril de 2015 o RAAA1 participou nas cerimónias evocativas do 97º aniversário da Batalha de La Lys, que ocorreram em Oeiras e Cascais, com uma Secção e a Fanfarra, contribuindo assim para a honra e dignidade das mesmas.

Cada cerimónia foi presidida pelo Presidente da respectiva edilidade, e contaram ainda com as presenças



dos núcleos de Oeiras e Cascais da Liga dos Combatentes, tendo sido depositadas coroas de flores em ambos os monumentos.

O Superintendente Isaías Teles, membro da Liga dos Combatentes, viria a usar da palavra, evocando de forma expressiva o papel dos ex-combatentes nos diversos Teatros de Operações em que Portugal esteve empenhado.



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE



No dia 5 de dezembro de 2014, realizaram-se no Regimento de Artilharia N.º 5 (RA5) em Vendas Novas, as comemorações do dia da Arma de Artilharia e da sua Padroeira Santa Bárbara, bem como a cerimónia do Juramento de Bandeira do 2º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (2º CFGCPE) de 2014.

A cerimónia foi presidida por S. Exa. o General Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, tendo também marcado presença, entre outras entidades militares e civis, o Exmo. General Pinto Ramalho, Exmo. TGen Frederico José Rovisco

Duarte, Diretor Honorário da Arma de Artilharia e o Exmo. MGen Aguiar Santos, Comandante da Brigada de Intervenção, o Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas, Dr. Luís Piteira Dias e a Exma. Presidente da Junta de Freguesia de Vendas Novas, Dr.ª Paula Rocharte Valentim.

No final do almoço de confraternização, S. Exa. o General CEME assinou o Livro de Honra do RA5, ato último da sua presença no Dia da Arma de Artilharia.



XIII TORNEIO DE GOLFE DO RA5



Em 24 de janeiro de 2015 realizou-se o XIII Torneio de Golfe do RA5, no Clube de Golfe do Montado, perto de Setúbal, com a participação de 38 jogadores, na sua maioria militares.

O torneio iniciou-se às 09h30 na modalidade “Shot Gun” tendo terminado pelas 15h00 a que se seguiu um almoço convívio que terminou com a cerimónia de entrega de prémios do RA5 e dos patrocinadores (“Illy” e “Galp”).

Nesta cerimónia o Exmo. Comandante do RA5, Cor Art Pardal dos Santos, tomou a palavra para agradecer a participação dos presentes e manifestar a satisfação do Regimento na organização do evento. Por último o Presidente do Clube de Golfe do Exército (CGE), TCor Art Nogueira da Silva, usou da palavra para agradecer e enaltecer a excelência da organização do torneio.



VISITA DOS ALUNOS DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PEGÕES, CANHA E SANTO ISIDRO

No dia 09 de março de 2015, o RA5 apoiou o Peddy Paper realizado pela Academia Sénior de Vendas Novas em colaboração com a Câmara Municipal e o Centro de Saúde de Vendas Novas.

O RA5 disponibilizou alguns espaços e instalações para a montagem de estações do Peddy Paper e organizou uma visita cultural às salas mais emblemáticas do Palácio das Passagens, designadamente o Salão Nobre, a Sala do Diretor Honorário da Arma de Artilharia e a Biblioteca.



do Palácio das Passagens, designadamente o Salão Nobre, a Sala do Diretor Honorário da Arma de Artilharia e a Biblioteca.

O evento terminou com a cerimónia de entrega de diplomas realizada na Biblioteca do Regimento e contou com a participação do Exmo. Comandante do RA5, Cor Art António José Pardal dos Santos, e do Presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas, Dr. Luís Carlos Piteira Dias, tendo ficado patente o bom relacionamento entre a instituição militar e a sociedade civil.



No dia 09 de março de 2015, o RA5 apoiou o Peddy Paper realizado pela Academia Sénior de Vendas Novas em colaboração com a Câmara Municipal e o Centro de Saúde de Vendas Novas.

O RA5 disponibilizou alguns espaços e instalações para a montagem de estações do *Peddy Paper* e organizou uma visita cultural às salas mais emblemáticas do Palácio das Passagens, designadamente o Salão Nobre, a Sala do Diretor Honorário da Arma de Artilharia e a Biblioteca.

O evento terminou com a cerimónia de entrega de diplomas realizada na Biblioteca do Regimento e contou com a participação do Exmo. Comandante do RA5, Cor Art António José Pardal dos Santos, e do Presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas, Dr. Luís Carlos Piteira Dias, tendo ficado patente o bom relacionamento entre a instituição militar e a sociedade civil.



COMEMORAÇÕES DO 631.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE ATOLEIROS

Em 24 de janeiro de 2015 realizou-se o XIII Torneio de Golfe do RA5, no Clube de Golfe do Montado, perto de Setúbal, com a participação de 38 jogadores, na sua maioria militares.

O torneio iniciou-se às 09h30 na modalidade “Shot Gun” tendo terminado pelas 15h00 a que se seguiu um almoço convívio que terminou com

a cerimónia de entrega de prémios do RA5 e dos patrocinadores (“Illy” e “Galp”).

Nesta cerimónia o Exmo. Comandante do RA5, Cor Art Pardal dos Santos, tomou a palavra para agradecer a participação dos presentes e manifestar a satisfação do Regimento na organização do evento. Por último o Presidente do Clube de Golfe do Exército (CGE), Tenente Coronel de Artilharia Nogueira da Silva, usou da palavra para agradecer e enaltecer a excelência da organização do torneio.



QUE FAMA ILUSTRE FIQUE

DIA INTERNACIONAL DA ÁRVORE

No dia 09 de março de 2015, o RA5 apoiou o Peddy Paper realizado pela Academia Sénior de Vendas Novas em colaboração com a Câmara Municipal e o Centro de Saúde de Vendas Novas.

O RA5 disponibilizou alguns espaços e instalações para a montagem de estações do Peddy Paper e organizou uma visita cultural às salas mais emblemáticas do Palácio das Passagens, designadamente o Salão Nobre, a Sala do Diretor Honorário da Arma de Artilharia e a Biblioteca.



O evento terminou com a cerimónia de entrega de diplomas realizada na Biblioteca do Regimento e contou com a participação do Exmo. Comandante do RA5, Cor Art António José Pardal dos Santos, e do Presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas, Dr. Luís Carlos Piteira Dias, tendo ficado patente o bom relacionamento entre a instituição militar e a sociedade civil.



No dia 11 de março de 2015, no RC6, procedeu-se a cerimónia de entrega dos Estandartes Nacionais ao GAM/KFOR e à *Recce Coy/PRT Army-2015*, forças nacionais a destacar para o Teatro de Operações do Kosovo e para a Lituânia. A cerimónia foi presidida por S. Exa. o Chefe do Estado Maior do Exército General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo e contou com a presença do Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Braga Dr. Ricardo Rio e outros autarcas de concelhos vizinhos. Estiveram presentes ainda os Exmos. Oficiais Gerais da estrutura superior do Exército, Diretor Honorário da Arma de Cavalaria e outras ilustres autoridades Cívicas, Militares, Policiais e Académicas da cidade de Braga

A cerimónia incluiu uma demonstração de capacidades da *Recce Coy/Prt Army 2015* e do GAM/KFOR, durante a qual S. Exa. o General CEME proferiu uma alocução onde exortou os comandantes a liderarem pelo exemplo e encorajou os militares a depositarem “inteira confiança nos vossos comandantes e no vosso treino e as exigências da missão serão superadas com sucesso” assim como palavras de estímulo e inequívoco voto de confiança ao GAM/KFOR e *Recce Coy/PRT Army 2015* no cumprimento das suas missões. O momento mais alto da cerimónia, consistiu na entrega dos Estandartes Nacionais ao GAM/KFOR e à *Recce Coy/PRT Army 2015* pelo Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Aguiar Santos.



PROJEÇÃO DA RECCE COY PRT ARMY 2015



Em 23 e 24 de março de 2015, no Porto de Leixões, tiveram lugar as atividades de projeção dos sistemas de armas e equipamentos da *Recce Coy /PRT Army 2015*, para a Lituânia no âmbito das *NATO Assurance Measures 2015*. Nos meios projetados para esta operação destacam-se: 41 viaturas militares, 10 atrelados e 15 contentores, das quais 23 viaturas blindadas PANDUR II 8x8 (06 *Infantry Fighting Vehicle*, 06 *Infantry Carrier Vehicle*, 04 *Infantry Carrier Vehicle Remote Weapon System*, 03 *Reconnaissance Vehicle*, 02 *Command Post Vehicle*, 01 *Medical Evacuation* e 01 *Recovery Vehicle*), 03 VBR CHAIMITE V600 Porta-Morteiros e 15 viaturas táticas não blindadas (ligeiras, médias e pesadas).

No cais de embarque, as viaturas foram organizadas de acordo com o plano de carregamento do navio. As viaturas e os atrelados foram içados individualmente e acondicionados no porão do navio. Os contentores com o restante material foram embarcados, durante a manhã de 24 de março. O material foi acompanhado por dois militares da *Recce Coy* que embarcaram e fizeram a viagem a bordo do navio.

RECCE COY/FND/AM 2015 CHEGA À LITUÂNIA

Decorreu entre 28 e 31 de março, a chegada dos militares da *Recce Coy* à Lituânia para participarem nas *NATO Assurance Measures 2015*. A projeção realizou-se em três momentos distintos. Os primeiros 20 militares do Destacamento Avançado chegaram a VILNIUS, capital da Lituânia, no dia 28 de março onde foram recebidos pelos congéneres Lituanos. No dia 31 de março, aterrou no Aeroporto de Karmelava, próximo da cidade de Kaunas, o avião que transportava 118 militares do grosso da força, que haviam partido do Aeródromo de Trânsito n.º 1 em Figo Maduro. A meio da tarde atracou, no porto de Klapeida, o navio que transportava os dois militares que acompanhavam o material orgânico principal.

Sempre em estreita coordenação com o Exército Lituano e com a chegada da totalidade dos elementos da força, deram-se início às medidas de *Reception, Staging and Onward Movement (RSOM)*. O transporte dos contentores com o material, desde o Porto de Klaipeda até Rukla, ficou a cargo da unidade de transportes do Exército Lituano. As viaturas, após as operações de abastecimento, formaram coluna e deslocaram-se pelos próprios meios, para Rukla. Estes movimentos foram apoiados na íntegra pela Polícia Militar Lituana.



PROJEÇÃO DO GAM/KFOR PARA O TEATRO DE OPERAÇÕES DO KOSOVO



Com a partida no dia 7 de abril da 2.ª leva, constituída por 129 militares, ficou completa a partida do GAM /KFOR para o Teatro de Operações (TO) do Kosovo.

A projeção iniciou-se no dia 30 de março com a partida de 48 militares que constituíam o destacamento avançado para início da rendição da FND naquele TO.

No dia 06 de abril, realizou-se a cerimónia de transferência de autoridade (TOA), data a partir da qual o GAM/KFOR assumiu a responsabilidade como Força Nacional Destacada.



86º ANIVERSÁRIO DA LIGA DOS COMBATENTES DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS

No dia 1 de março de 2015, o RE3 participou na cerimónia de homenagem aos mortos, promovida pelo Núcleo da Liga dos Combatentes de Oliveira de Azeméis, por ocasião do seu 86º aniversário.



A cerimónia, presidida pelo Exmo. TGen Joaquim Chito Rodrigues, decorreu junto ao monumento intitulado “reclama para si perpetuar o nome dos militares que faleceram ao serviço de Portugal no Ultramar”, e iniciou-se com a prestação das honras regulamentares em homenagem aos militares mortos, por 1 Secção do RE3, seguida de imposição de medalhas aos antigos combatentes do Ultramar, na Biblioteca Municipal, e terminado com um almoço de confraternização dos antigos combatentes.



RECOLHA DE SANGUE NO RE3

No dia 04 de março de 2015, o RE3 colaborou em mais uma iniciativa de doação de sangue com o contributo do Lions Clube de Espinho em parceria com o Instituto Português do Sangue e de Transplantação (IPST), contribuindo assim para o aumento das reservas de sangue nacionais.

As instalações da Enfermaria Regimetal foram o local escolhido para a instalação de todo o equipamento médico necessário à colheita de sangue, que contou com a presença de mais de 40 dadores.



Esta iniciativa, à semelhança de anteriores, surge com o intuito de impulsionar a recolha de sangue no norte do país, ampliar as reservas de sangue nacionais e, também, sensibilizar o maior número de pessoas para este assunto, angariando novos dadores.



INÍCIO DO 23º CURSO DE OPERADOR DE EQUIPAMENTO PESADO DE ENGENHARIA

No dia 16 de março de 2015, teve início no RE3 o 23º Curso de Formação Profissional de Operador de Equipamento Pesado de Engenharia, tendo como objetivo habilitar militares para o desempenho de funções como Condutor/a Manobrador/a de Equipamentos de Movimentação de Terras. O curso é certificado pelo IEFP através do Centro de Emprego e Formação Profissional de Entre Douro e Vouga - Rio Meão garantindo deste modo aos formandos a qualidade de formação necessária. Esta é uma ferramenta indispensável para o desempenho das suas funções na instituição militar e uma boa ferramenta de trabalho para o seu futuro. O designado curso tem um total de 22 formandos, e pela primeira vez, dois militares de nacionalidade angolana, no seguimento de uma parceria efetuada entre as Forças Armadas Portuguesas e as Forças Armadas Angolanas.



DIA DO COMBATENTE E DO 97º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS - ESPINHO



No dia 09 de abril de 2015, o RE3 participou na Cerimónia Comemorativa do Dia do Combatente e do 97º Aniversário da Batalha de La Lys, em coordenação com o Núcleo da Liga dos Combatentes de Espinho.

A cerimónia decorreu junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, situado no Largo dos Combatentes, em

frente à Igreja Matriz de Espinho, e iniciou-se com deposição de coroa de flores em homenagem aos combatentes mortos pela pátria e respetivas honras militares, cujas honras foram prestadas por 01 Pelotão do RE3, tendo-se seguido a cerimónia eucaristia na Igreja Matriz de Espinho.





| Unidade | Período do Apoio | | Tipo de Apoio |
|-------------|------------------|---------|--|
| | de | a | |
| RI13 | 02MAR15 | | Participação na exposição estática de equipamentos na praça do município de Vila Real no âmbito do Dia Internacional da Proteção Civil. |
| | 05MAR15 | 06MAR15 | Apoio à Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro (UTAD) na realização do 11º Campeonato Nacional de Jogos Matemáticos na disponibilização de instalações e equipamentos. |
| | 19MAR15 | | Apoio e participação no Dia Internacional da Árvore que incluiu uma sessão solene no auditório do RI13 e de uma plantação simbólica de uma árvore no RI13 com a presença de alunos das escolas do concelho de Vila Real. Incluiu ainda a montagem e operabilidade da Torre Multiactividades no Parque Corgo, em Vila Real. |
| | 03ABR15 | | Apoio e participação na Procissão do Enterro do Senhor, em Vila Real, no transporte do esquife. |
| | 09ABR15 | | Apoio à Liga dos Combatentes – Núcleo de Vila Real na realização da cerimónia comemorativa do 97º Aniversário da Batalha de La Lys e do seu 90º Aniversário. |
| RI14 | 20MAR15 | | Apoio à desmatação de uma zona junto à sede de Proteção e Prevenção a Incêndios na Serra do Crasto. Esta ação surgiu no âmbito das comemorações do Dia Mundial da Árvore e da Floresta, que se comemorou no dia seguinte. |
| | 01MAI15 | | Apoio à Associação de Comandos – Delegação de Viseu, que comemorou o seu 35º Aniversário. Para assinalar esta data, foram realizadas um conjunto de atividades nomeadamente uma cerimónia de homenagem aos mortos e um almoço convívio. |
| | 02MAI15 | | Apoio à Associação de Deficientes das Forças Armadas – Delegação de Viseu, que celebrou o seu aniversário realizando um conjunto de atividades alusivas à comemoração da data festiva. |
| RI19 | 24JAN15 | | Apoio com duas tendas ao Clube Trepá Monte de Montalegre, no âmbito da feira do fumeiro de Montalegre |
| | 21FEV15 | | Empréstimo e montagem de sete tendas ao Clube de Orientação do Minho no âmbito do Troféu de Orientação do Minho, em Terras de Bouro. |
| | 14MAR15 | | Empréstimo e montagem de seis tendas ao Clube de Orientação do Minho no âmbito da 3ª e 4ª etapas do Ranking Regional Norte de Orientação Escolar, em Terras de Bouro. |
| | 23MAR15 | | Empréstimo de 60 sacos cama ao Núcleo de Mirandela da Liga dos Combatentes para a realização de um campo de férias na Póvoa de Varzim. |
| | 24ABR15 | 26ABR15 | Apoio com duas tendas de arcos à Câmara Municipal de Montalegre na organização do campeonato do mundo de Rally-Cross, em Montalegre. |
| RA5 | 19FEV15 | | Apoio ao Corpo de Fuzileiros materializado na Cedência da 7ª Bateria (PM 038 – Outão), para realização de Treino Operacional. |
| | 02MAR15 | 18MAR15 | Apoio ao Comando Distrital da PSP de Setúbal na cedência da 7ª Bateria (PM 038 – Outão), para a realização de um Curso de Técnicas de Intervenção Policial |
| | 10MAR15 | 13MAR15 | Apoio ao Comando de Instrução e Doutrina materializado na cedência das Infraestruturas de Tiro para a realização do tiro de manutenção dos Oficiais e Sargentos. |



| Unidade | Período do Apoio | | Tipo de Apoio |
|--------------|------------------|---------|---|
| | de | a | |
| RA5 | 07ABR15 | 08ABR15 | Apoio à Câmara Municipal de Vendas Novas e escolas do 1ºCiclo do concelho de Vendas Novas na cedência do polígono para plantação de sobreiros. |
| | 13ABR15 | 24ABR15 | Apoio ao Comando Distrital da PSP de Setúbal na cedência da 7ª Bateria (PM 038 – Outão), para a realização de um Curso de Técnicas de Intervenção Policial. |
| RAAA1 | JAN15 | ABR15 | Limpeza de minas de água na Serra de Sintra com empenhamento de militares e diverso material de desbaste de vegetação. |
| | 28MAR15 | 14ABR15 | 11ª Edição do DDN Divulgação aos jovens. Cedência de instalações, material e enquadramento de militares para explicação dos diversos sistemas de armas do RAAA1. |
| | 05MAR15 | | Colheita de sangue realizada pelo Instituto Português do Sangue e da Transplantação |
| | 18MAR15 | | Via – Sacra da Diocese das Forças Armadas e de Segurança. Participação de militares e cedência das instalações. |
| | 14ABR15 | | Descarga de material da Cáritas Portuguesa. Empenhamento de militares e viaturas |
| RC6 | 06JAN15 | | Apoio ao Instituto Português de Sangue, Centro Regional de Sangue do Porto no âmbito de recolha de sangue no RC6, que contou com a presença de cerca de 120 militares voluntários |
| | 12MAR15 | | Apoio à Universidade do Minho no «Curso de preparação para Jornalistas em Conflitos Armados», ministrando instruções práticas de noções elementares de topografia, reações a tiros e ataques NBQ, identificar minas, sapadores, comunicações, revista a veículos, check point falso e como atravessar postos de controlo. |
| | 26MAR15 | 29MAR15 | Participação na 48ª Feira Internacional de Agricultura, Pecuária e Alimentação de Braga, realizada no Parque de Exposições de Braga. Esta ação, traduziu-se na montagem de um stand para exposição de equipamentos e material militar, no âmbito da divulgação do Exército junto da sociedade civil. |
| | 03ABR15 | | Presença na Sexta-feira Santa (Procissão do Enterro do Senhor) através da participação na cerimónia cultural-religiosa de uma força a fim de garantir a Guarda de Honra ao Pálio no decurso do evento. |
| | 15ABR15 | | Apoio à Escola Secundária Carlos Amarante de Braga na organização de uma prova de orientação que decorreu no RC6, no âmbito do “X Open Escolar de Orientação” que contou com mais de 1000 atletas/alunos de diversos escalões. |
| RE3 | 22MAR15 | 07ABR15 | Apoio ao Esmoriz Ginásio Clube com cedência de 200 colchões no âmbito da 7ª Edição do Torneio Internacional de Voleibol de Esmoriz – TIVE 2015. |
| | 28MAR15 | | Apoio à Paróquia de Espinho através da entrega de 32 ramos de palmeiras no âmbito das atividades do domingo de ramos. |
| | 17ABR15 | 0ABR15 | Apoio à comissão organizadora do Encontro Militar do Regimento de Engenharia Nº2 (RE2) com cedência do guião do RE2 e Transmissões, no âmbito da realização do convívio dos ex-militares do RE2 e Transmissões dos anos 1957 a 1959 |
| | 09MAI15 | 10MAI15 | Apoio ao Cube de Ciclismo do Seixal, materializado no alojamento dos atletas no âmbito da 4ª Prova da Taça de Portugal em Ciclismo (juniores), que se realizou em Rans (Penafiel). |



| Unidade | Período do Apoio | | Tipo de Apoio |
|---------|------------------|---------|---|
| | de | a | |
| UNAP | 1º Semestre 2015 | | Apoio com cedência da carreira de tiro da Gala/Figueira da Foz para realização de tiro às seguintes Unidades militares e Forças de Segurança: RI10; RA4; RE3; CSMC; CRC; Guarda Nacional Republicana; Polícia de Segurança Pública; ASAE; SEF; Polícia Judiciária; Polícia Marítima; Serviços Prisionais. |
| | 1º Semestre 2015 | | Apoio ao Instituto de Emprego e Formação Profissional de Coimbra com cedência de instalações no âmbito da Formação de Educação e Formação de Adultos – nível 2 na Área de Formação em Hotelaria e Restauração. |
| | 09FEV15 | | Coordenação da visita de uma turma de alunos da Escola Jaime Cortesão às instalações do Aquecimento Santana no âmbito do projeto Coimbra Concelho Solidário e Saudável com a participação do Centro de Recrutamento de Coimbra |
| | 28FEV15 | 01MAR15 | Apoio à Proteção Civil de Coimbra com participação de militares e materiais no âmbito das Comemorações do dia Internacional da Proteção Civil na Figueira da Foz |
| | 29ABR15 | | Apoio à Assembleia dos Cavaleiros Portugueses da Ordem Soberana e Militar de Malta com a cedência da fanfara no âmbito da Cerimónia de Investidura. |





Somos

IDEALMED[®]

WWW.IDEALMED.PT



Empenhamento Operacional



NSE